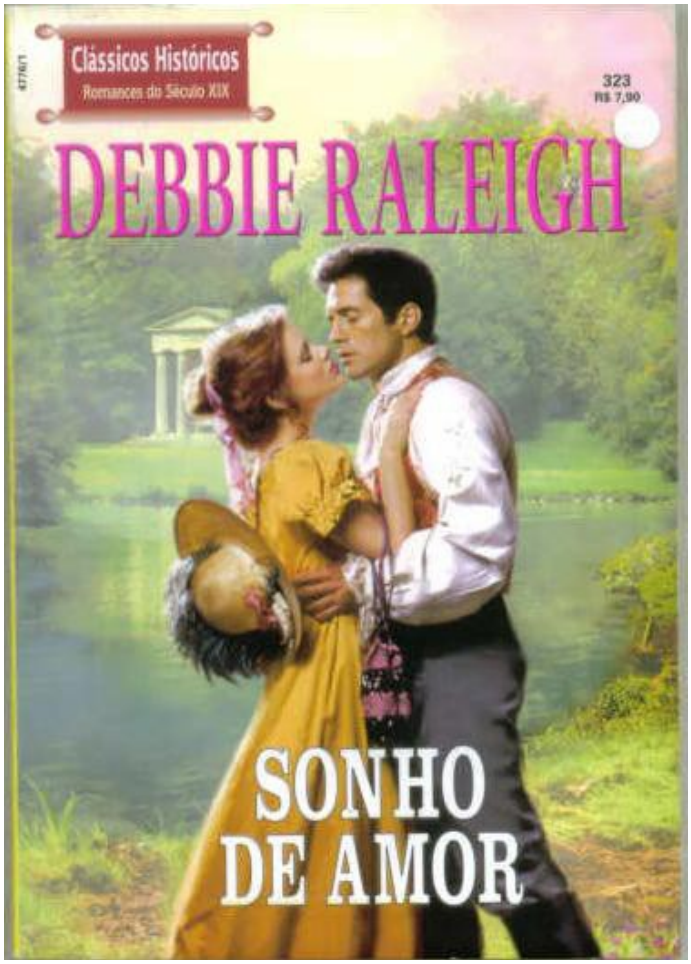
SONHO DE AMOR
(A Scandalous Marriage)

Debbie Raleigh



Inglaterra, século XIX

Um casal em conflito

Victoria se considera afortunada ao conhecer o rapaz que é o ideal de seus sonhos românticos! Mas ao fugir com ele para ficar noiva, um mal-entendido a leva, no meio da noite, para os braços fortes e calorosos... de outro homem! Agora, a única maneira de evitar um escândalo é casar-se com um sujeito enigmático e sedutor, porém arrogante e insuportável!

Julius está num beco sem saída. Victoria é a criatura mais teimosa sobre a face da Terra, e ainda assim ele não consegue controlar o desejo que ela inocentemente lhe desperta. Entretanto, quando o orgulhoso lorde começa a perder as esperanças de um dia voltar a ter paz na vida, uma ameaça obriga o jovem casal a deixar de lado suas desavenças para escapar do perigo... e descobrir um amor que não tem preço!

Série Vicar Humbley

1 – A Proper Marriage — CH 312 – Casamento em risco

2 – A Convenient Marriage — CH 302 – Não é preciso ser bela!

3 – A Scandalous Marriage — CH 323 – Sonho de amor

Debbie Raleigh começou a carreira escrevendo peças teatrais. Seus romances de época se caracterizam pelos cenários históricos vívidos, personagens marcantes e um senso de humor refinado, levando o leitor a um tempo remoto, quando galantes cavalheiros e jovens donzelas escapavam dos salões de baile para um beijo roubado à luz do luar.

Digitalizado e Revisado por: Alice Akeru

Querida leitora,

Você que leu NÃO É PRECISO SER BELA edição 302, e CASAMENTO EM RISCO edição 312 e curtiu as histórias de Beatrice e Adele. Certamente apreciará muito a história de Victoria, a última das três amigas. Mais uma vez o nosso bondoso e perspicaz vigário Humbly resolve bancar o mensageiro do Cupido e trazer amor à vida de nossa heroína.

Leonice Pomponio

Editora

Copyright © 2003 by Debbie Raleigh

Originalmente publicado em 2003 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY - USA Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas

ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: A Scandalous Marriage

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Débora Guimarães

Revisão: Levon Yacubian

ARTE

Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO Hankins + Tegenborg, Ltd.

COMERCIAL/MARKETING Daniella Tucci

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Dany Editora Ltda.

© 2005 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 – 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore Tel.: (55 11)2148-3500

Prólogo

Era só um sonho. Mas um sonho inteiramente delicioso, pecaminoso e ardente.

Num momento Victoria Mallory praguejava contra o colchão sujo e cheio de caroços a ela designado na hospedaria na periferia de Londres, e no outro ela mergulhava num sono agitado que, de maneira surpreendente, incluía a súbita sensação de braços quentes e másculos envolvendo seu corpo e puxando-a contra músculos rígidos e nus.

Houve um breve lampejo de choque provocado pelo leviano sentimento de prazer que a invadiu, mas como o sonho também incluía uma voz masculina sussurrando palavras confortantes e encorajadoras, ela foi relaxando pouco a pouco e se permitiu abandonar a postura severa que mantinha habitualmente.

E por que não?

Não podia ser um pecado tão terrível sonhar com essas delícias. Logo estaria casada com seu amado Thomas. Ele a teria nos braços dessa maneira todas as noites.

Talvez não com braços tão fortes quanto aqueles que a envolviam em seu sonho, ela admitiu perturbada. Nem seus dedos seriam tão experientes ao desatarem os laços de sua camisa de dormir. E, infelizmente, o único beijo que recebera de Thomas havia sido molhado e cheio de incerteza, diferente daquele beijo ardente e faminto que parecia devorar sua boca.

Os traços suaves de Thomas desapareceram quando as mãos se tornaram mais impacientes e a boca encontrou a curva de um seio.

Um novo e espantoso calor parecia cristalizar-se no exato centro de seu ser, um calor que inundava seu corpo e criava a sensação de estar derretendo seus ossos.

Era uma sensação intensa, estranhamente fascinante.

E nesse exato momento ela sentiu um presságio na forma de um arrepio nas costas.

Embora não fosse uma dessas donzelas puritanas e radicais que temiam a idéia do leito nupcial, não podia negar uma certa medida de receio. Havia esperado provar uma sensação doce quando finalmente se entregasse a um homem, um sentimento de duas almas se unindo para formar uma, não esse prazer turbulento que acelerava o coração e fazia todo o corpo tremer com uma necessidade desconhecida.

As mãos a puxaram para ainda mais perto, e os lábios ameaçavam enlouquecê-la enquanto percorriam seu corpo acompanhando o contorno da camisa. Era como se afogar em prazer decadente, como perder o controle que tanto havia valorizado desde sempre.

De repente ela foi tomada por uma súbita e tênue tensão, mas, novamente, a voz rouca e profunda a confortou com aquelas palavras doces sussurradas em seu ouvido.

Ele prometia protegê-la, idolatrar seu corpo e proporcionar um prazer além do imaginável.

Victoria descobriu-se relaxando como se fosse cercada por um casulo tecido pelo encanto daquela voz. E então, de repente, duas palavras puseram fim ao sonho.

— Querida Maria...

Assustada, ela abriu os olhos e viu a imensa e sombria figura em cima dela.

Por Deus, não era um sonho!

Um homem enlouquecido invadira sua cama.

Chocada, ela abriu a boca e deixou sair dela um estridente grito de horror.

Capítulo I

Poucas coisas eram mais ridículas do que um rotundo vigário vestido em um aflitivo e justo casaco, com seus poucos e grisalhos fios de cabelo arrepiados nas pontas, tentando caminhar na ponta dos pés pelo silencioso vicariato.

O vigário Humbly não tinha exatamente medo de sua grande e autoritária governanta, como estava sempre repetindo para si mesmo. Ela havia sido sua dedicada criada por quase quarenta anos. Mas não queria ter de enfrentá-la tão cedo, àquela hora da manhã.

Já havia suportado quinze dias de queixumes por conta de sua determinação de viajar para Kent. Ela simplesmente não conseguia entender sua necessidade aflita de certificar-se de que Victoria estava bem e segura em sua nova vida com lorde Claredon.

Humbly fez uma careta quando começou a descer a escada. Na verdade, nem ele mesmo era capaz de entender inteiramente seu estranho comportamento.

Tudo havia começado semanas atrás, quando recebera cartas de Addy, Beatrice e Victoria, todas na mesma manhã. Interpretara a coincidência quase como um sinal do domínio superior.

Quantas noites havia dedicado à preocupação com a condição das três jovens? Apesar de ter concordado com a missão de oficializar cada um dos três casamentos ao longo do ano anterior, estivera atormentado por dúvidas. Nenhuma das três pobres moças se havia casado por amor, ou mesmo por amizade.

Sua consciência o incomodava profundamente, e quando recebera as cartas, soubera que deveria agir. Como poderia se aposentar e ir viver feliz e tranqüilo em seu pequeno chalé, se era consumido pela angústia quanto à felicidade das três jovens?

E havia feito algo de bom, ele reconheceu com um sorriso discreto e ligeiramente convencido.

Primeiro viajara a Londres para ajudar Addy em seu casamento com Adam, depois fora a Derbyshire para dar um empurrãozinho em Beatrice e Gabriel. Não tinha dúvidas de que cada uma delas estivera em terríveis apuros por ocasião de sua chegada, e também não duvidava de que havia conseguido acalmar a turbulência e ajudá-las a olhar para o próprio coração, onde ambas haviam descoberto o amor que ali esperava para ser encontrado.

Ah, sim, fora muito eficiente em seu papel de Cupido, ele se convenceu sem falsa modéstia. Muito eficiente, de fato.

Então, o sorriso perdeu parte de seu brilho.

A situação de Victoria seria ainda mais difícil do que a de Addy ou Beatrice. Diferentemente das outras duas mulheres, ela nunca havia considerado a idéia de se casar com aquele marido. De fato, chegara a confessar a intenção de fugir para ir viver com o sr. Stice quando fora envolvida numa situação comprometedora com lorde Claredon.

O casamento havia sido apressado, e tão indesejado quanto inesperado. E Humbly tropeçara e gaguejara ao proferir os votos, horrorizado com a possibilidade de a noiva agredir o noivo antes mesmo de chegarem ao "sim".

A tarefa não seria fácil, ele pensou com um suspiro fraco. Não, não seria nada fácil.

— Aonde pensa que vai?

Prestes a entrar no hall, Humbly parou relutante e virou-se para encarar a encorpada e grisalha criada que aguardava séria com as mãos na cintura.

— Oh, Sra. Stalwart — murmurou, sentindo-se tão culpado quanto um garoto

surpreendido com as mãos na torta recém-assada.

Torta.

Seu enorme estômago roncou, lembrando que ele havia deixado de fazer o desjejum na esperança de evitar aquele encontro. Um enorme sacrifício, realmente.

— Suponho que esteja determinado a partir para Kent — ela o acusou com tom de evidente desaprovação.

— Sim, decidi que devo ir.

— Isso não é natural, eu afiro. Não é natural. — A mulher se lançou no conhecido e repetido discurso. — Um cavalheiro em sua avançada idade devia ter mais juízo. Primeiro foi Londres, depois Derbyshire, de onde, não hesito em dizer, voltou para casa aparentando estar estranho, como se houvesse perdido o centro, e agora é Kent.

— Asseguro-lhe que esta será minha última viagem. — Ele tentou acalmar a mulher agitada. — Quando voltar para casa, finalmente poderei me aposentar e ir viver em meu encantador chalé, cuja tranqüilidade nunca mais deixarei.

A governanta emitiu um grunhido insultante.

— Vive prometendo a mesma coisa.

— Prometo e estou disposto a cumprir. — O vigário se sentiu reconfortado por poder falar com honestidade.

Insatisfeita, a mulher enveredou por um novo caminho.

— O que pode haver de tão importante em Kent?

— Quero assegurar-me de que Victoria, ou lady Claredon, como ela deve ser chamada agora, está bem e feliz em seu casamento.

Como era esperado, a atitude da idosa governanta tornou-se ainda mais dura. Apesar de possuir um coração generoso, a Sra. Stalwart não era imune aos comentários frívolos que chegavam de Londres. Havia sido uma profunda decepção quando ela descobrira que Victoria havia se envolvido num sórdido escândalo.

— Um assunto decadente.

— Sim, infelizmente — o vigário murmurou.

— Sempre soube que lorde Claredon acabaria caindo de forma ruidosa. Ele pode ser tão atraente e encantador quanto dizem, mas também é um patife desavergonhado.

— Sra. Stalwart.

— Não digo mais do que a verdade — ela insistiu, colocando toda a culpa do incidente sobre os ombros do libertino lorde Claredon. — Não tente fingir que nunca ouviu rumores de sua conduta em Londres. Dizem que ele tem uma amante para cada noite da semana.

Humbly tentou se mostrar chocado, mesmo quando um renegado brilho debochado cintilou em seus olhos escuros. Sim, sem dúvida ouvira as intermináveis e maldosas fofocas que cercavam lorde Claredon. Teria de estar enclausurado no vicariato para não ouvi-las. Mas, possuidor de uma generosa dose de inteligência, desprezara boa parte das ultrajantes histórias como falatório de invejosos. Nenhum cavalheiro podia ser tão viril, nem possuir a vasta porção de tempo requerida para seduzir as hordas de mulheres a ele atribuídas.

— Francamente, Sra. Stalwart, devia saber que não há fundamento em toda essa bobagem.

— Não é bobagem — ela argumentou determinada, se recusando a desistir da demonstração de evidente desaprovação. — O homem não mediu esforços para merecer a reputação que tem.

— Bem, talvez ele tenha sido um favorito entre as damas — Humbly concordou

relutante.

— Ele é um velhaco repreensível.

— Era, Sra. Stalwart. Não é mais. Agora ele é um cavalheiro casado.

A Sra. Stalwart balançou a cabeça com pesar, nem um pouco reconfortada pelo fato de lorde Claredon ter pelo menos desposado Victoria, em vez de ter feito dela uma mulher arruinada.

— Sinto meu coração partido quando penso na pobre Victoria casada com aquele homem tão experiente — a governanta lamentou, ignorando parte dos emaranhados eventos que ha viam levado Victoria e lorde Claredon a serem encontrados juntos naquela hospedaria. — Sempre a considerei uma jovem muito sensata. Ora, considerando como ela cuidava da irmã mais nova depois da morte dos pais e mantinha a casa em ordem... Nunca me senti mais chocada do que quando soube sobre o horrível e indecente escândalo envolvendo seu nome.

O coração de Humbly foi invadido por uma dor aguda. Pobre Victoria. Depois de tudo que havia sacrificado, ela merecia realmente a felicidade. Uma felicidade que talvez não pudesse encontrar ao lado de lorde Claredon. Mesmo assim, estava determinado a fazer tudo que estivesse ao seu alcance para ajudá-la a encontrar uma medida de contentamento, pelo menos.

— Sra. Stalwart, não queremos reviver antigas e desagradáveis questões — ele colocou com firmeza. — Os dois estão casados, e rezo com fervor para que tenham encontrado um pouco de paz.

A governanta assentiu carrancuda.

— Sim, tem razão. Mas Victoria sempre foi uma de minhas prediletas. Ela foi muito corajosa ao enfrentar a tragédia que tirou a vida de seus pais, e depois, quando se esforçou para que a irmã tivesse tudo que uma menina pode desejar. Não deve ter sido fácil.

— Não.

De repente a mulher estreitou os olhos, como se percebesse que se havia deixado distrair de seu sermão.

— Mas ainda não entendo a razão pela qual está viajando para Kent. Victoria solicitou sua presença?

Humbly pigarreou.

— Não exatamente — disse. — Na verdade, eu decidi surpreendê-la com minha visita.

— Por quê?

— Para assegurar-me de que ela está feliz.

— Há! — A Sra. Stalwart apontou um dedo para o rosto inocente do vigário. — Vai interferir na vida conjugal da moça.

Humbly reagiu com ar ofendido.

— Certamente que não.

— Não pense que pode me enganar. Eu o conheço há muito tempo.

O vigário suspirou resignado e sorriu como quem se conforma com o inevitável.

— Bem, talvez eu dê um empurrãozinho na situação, se julgar necessário.

— Que o Senhor tenha misericórdia. — A mulher balançou a cabeça como se o religioso, seu patrão, fosse uma interminável e difícil prova para seus nervos. — Julguei que fosse mais sensato. Vai tentar interferir nos problemas que podem existir entre marido e mulher? Não há nada mais tolo ou inútil.

Humbly corou e adotou uma postura defensiva, embora irritada e impaciente.

— Para sua informação, sempre obtive grande sucesso em minhas investidas como Cupido.

— Bobagem.

Certo de que aquele era um embate inútil, Humbly se virou para pegar o chapéu e as luvas sobre a mesa do hall de entrada.

— De qualquer maneira, espero estar de volta no final deste mês — anunciou.

A Sra. Stalwart cruzou os braços sobre o peito consideravelmente amplo.

— E aqueles livros que prometeu encaixotar antes da chegada do novo vigário?

Ele a brindou com um sorriso especialmente doce.

— Tenho certeza de que ainda estarão esperando por mim quando eu voltar.

— Bobagem — a governanta resmungou.

Capítulo II

Victoria estava na estufa, desenhando casualmente o esboço de um botão de rosa, quando a jovem criada entrou apressada para informar que um certo Sr. Humbly pedia para vê-la.

Deixando o bloco e o carvão sobre o banco, ela se levantou sobressaltada, incapaz de acreditar no que ouvia. Há mais de cinco meses não punha os olhos no distraído, doce e encantador vigário, desde o dia em que ele a unira irrevogavelmente ao cavalheiro que arruinara sua vida.

Uma onda de pânico a invadiu enquanto, ainda incrédula, ela encarou a criada.

— Tem certeza de que ele disse Humbly? — perguntou, mesmo sabendo que a questão era absurda.

— Sim, minha senhora. Devo ir dizer ao cavalheiro que não está recebendo visitantes?

— Não. — Victoria respirou fundo para acalmar-se. — Por favor, conduza-o ao salão da frente e informe-o que irei ter com ele em um momento.

— Imediatamente, minha senhora.

Com uma rápida inclinação de respeito e cortesia, a criada saiu apressada, e Victoria deixou a confortante privacidade da estufa.

No fundo, supunha não estar inteiramente chocada com a súbita e inesperada chegada do vigário Humbly. Ele não se incomodara em tentar disfarçar o desconforto e a preocupação quando ela solicitara que ele realizasse a cerimônia, nem quando se colocara no altar e a declarara esposa de lorde Claredon. Mais de uma vez, o religioso tentara chamá-la à privacidade para discutir sua vida futura com aquele que se tornara seu marido, mas Victoria havia evitado com firmeza e doçura sua bondosa interferência.

Por mais que amasse o generoso vigário, não havia nada que ele pudesse fazer ou dizer para tornar sua situação mais suportável, a menos que fosse capaz de apagar do tempo aquela horrível noite que havia alterado para sempre sua plácida existência.

Um arrepio sacudiu seu corpo quando ela teve a consciência subitamente invadida pela lembrança daquele terrível momento em que abrira os olhos e descobrira lorde Claredon em sua cama.

Que horrendo destino havia ocorrido para uni-los daquela maneira? A confusão de Thomas os levara à hospedaria errada. Depois, ela havia escondido a própria identidade usando o nome de uma prima distante, lady Westfield. Ao chegar naquela mesma hospedaria, lorde Claredon presumira que lady Westfield o receberia de bom grado e até ansiosa por uma noite de

sedução.

Se ao menos...

Se... Se... Se...

Erguendo os ombros, Victoria mudou de direção e encaminhou-se para o fundo da casa, onde o marido certamente ocupava-se da interminável papelada envolvida na administração de sua propriedade.

Não podia mudar o passado, mas, com sorte e algum empenho, podia evitar a indesejada piedade que o Sr. Humbly pretendia oferecer. Suportar o sórdido escândalo de ter sido encontrada na cama com o mais notório patife da Inglaterra já era muito ruim. Não precisava alimentar as fofocas permitindo que outros soubessem que era de fato tão infeliz quanto todos haviam previsto quando se tornara lady Claredon.

Suas esperanças para o futuro podiam estar arruinadas, mas ainda tinha seu orgulho. Qualquer que fosse o valor e a utilidade disso.

Victoria parou diante da porta fechada do estúdio, experimentando um breve sentimento de desconforto.

Não que tivesse medo do marido, ela reconheceu com sinceridade. Claredon nunca fora violento, nem possuía uma língua ferina. Mas havia aprendido a evitar o doloroso escárnio que punha seus nervos em frangalhos e a inquieta ponderação em seus profundos olhos azuis. Sua situação podia ser comparada a viver com um tigre arisco que fingia ter sido domesticado, mas mantinha sob a aparência calma um poder contido que podia vir à tona a qualquer momento com conseqüências imprevisíveis.

Com impaciência, Victoria balançou a cabeça e baniu para o fundo da mente suas absurdas fantasias. Havia tomado uma decisão irrevogável durante a longa jornada para Kent: não se deixaria intimidar por seu sofisticado e experiente marido. Ao longo dos anos, havia aprendido a ser uma mulher forte, independente. Usaria esse conhecimento e sua habilidade para forjar seu lugar como lady Claredon.

Sem se dar ao trabalho de bater na porta, ela a empurrou e encontrou-se no austero e distintamente masculino aposento dominado por uma pesada escrivaninha Sheridan. O magnífico trabalho de gesso no teto era adequadamente ressaltado pelas imensas janelas que se abriam para o jardim fechado, e as paredes eram cobertas por pesadas estantes de livros que resguardavam as grossas pastas contendo a história da propriedade no último século.

A atmosfera ali cheirava a couro, e o ambiente era adornado por objetos absolutamente masculinos, o que tornava o estúdio mais do que um lugar proibitivo para uma simples mulher.

Engolindo em seco, ela deu um passo para frente no mesmo instante que Claredon levantou-se. Victoria deteve-se com evidente nervosismo. Mesmo depois de cinco longos meses de casamento, ainda era pega de surpresa por sua imponente beleza física. Podia entender sem nenhuma dificuldade ou espanto por que ele era tão procurado pelas mulheres, todas ansiosas para acrescentarem seus nomes à longa lista de amantes.

Com mais de um metro e oitenta de altura, ele possuía uma silhueta que era o sonho de todo alfaiate. Seus ombros eram largos, a cintura era estreita, e as pernas longas pareciam ter sido entalhadas por um mestre-criador para vestirem calças justas e reveladoras. Os cabelos negros, sempre que escovados, caíam naturalmente num estilo perfeito, como se houvessem sido entalhados fio a fio, e os profundos olhos azuis eram emoldurados por cílios escuros e abundantes. Como se os anjos não estivessem satisfeitos com sua impressionante perfeição, eles haviam acrescentado um par de covinhas capaz de derreter o mais endurecido coração.

Sim, todas as mulheres o queriam. Todas, exceto ela, ela lembrou com severidade. Era totalmente impermeável ao irresistível lorde Claredon.

Totalmente.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Claredon deixou o olhar vagar lentamente por toda sua figura, estudando o simples vestido amarelo que realçava delicadamente os cachos escuros e os olhos verdes.

— Bom Deus — ele comentou naquele tom odioso. — O sol desceu ao chão? Ou os colonos se revoltaram?

O tom irritante a fez unir as sobrancelhas numa expressão aborrecida.

— Não entendi. O que quer dizer?

Ele se apoiou negligente contra o canto da mesa.

— Bem, depois de cinco meses de casamento, esta é a primeira vez que você vem me procurar deliberadamente. Presumo que apenas um desastre de proporções escandalosas possa tê-la induzido a tomar atitude tão inusitada.

Erguendo o queixo, Victoria decidiu que não responderia à evidente provocação.

— Não é precisamente um desastre — respondeu com tom controlado. — O vigário Humbly acaba de chegar.

— Humbly? — Ele refletiu por um momento antes de sorrir compreensivo. — Ah. O alegre e distraído tolo que nos casou.

— Ele não é um tolo — Victoria respondeu ainda mais irritada.

Lorde Claredon inclinou a cabeça com jeito debochado.

— Não, minha querida, você tem razão, como sempre. Pressenti que há mais sob aquela aparência distraída e descuidada do que o homem deseja revelar.

Era difícil resistir ao impulso de deixar sua marca naquele nariz perfeito. O homem era insuportável! E como a irritava! E não duvidava nem por um momento de que sua atitude fosse deliberada, proposital.

— Ele pode ser bastante perceptivo quando quer — ela persistiu, obrigando-se a manter a voz baixa e uma expressão contida, serena. — E não é totalmente incapaz de interferir em assuntos que não sejam inteiramente de sua conta.

— Um enxerido?

— Apenas da maneira mais sutil. Na verdade, você rara mente percebe que ele interferiu, até ter sido encaminhado na direção por ele desejada.

Os olhos azuis ficaram mais estreitos e atentos.

— Entendo. E o que ele faz em Kent?

— Não sei.

— Não seria uma simples questão de ir interpelá-lo, então?

Ela encolheu os ombros.

— Eu irei.

— Mas algo a incomoda, certo?

Agora que havia chegado o momento de falar, Victoria descobriu-se hesitante. O impulso de preservar seu orgulho havia sido muito mais simples e plausível antes de estar diante do imprevisível marido.

— Prefiro que ele não perceba... Quero dizer, creio que seria mais adequado se ele não soubesse...

— Sim? — Lorde Claredon a encorajou.

Ela ergueu os ombros e respirou fundo.

— Acho que seria melhor se ele não percebesse que nosso casamento é uma fraude.

— Uma fraude? — As sobrancelhas escuras se ergueram e ele estudou sua silhueta tensa.

— Por Deus. Sabe, minha querida, que possuo uma distinta lembrança de ter estado diante do vigário proferindo meus votos. Que coisa mais estranha! E claro, o fato de nosso casamento ser uma fraude explicaria a estranha ausência de uma esposa em minha cama.

A compostura mantida com esforço se desfez em conseqüência do comentário ferino, resultado de sua recusa em desempenhar seu dever conjugai.

— Talvez a falta de uma esposa em sua cama, mas não a falta de uma mulher — ela disparou antes de poder conter as palavras.

Julius calou. A acusação pairou pesada no ar entre eles.

— Está insinuando que busco meus confortos de marido em outro lugar?

— De maneira nenhuma — ela murmurou, praguejando internamente contra a própria língua solta. A última coisa que desejava era que ele soubesse como pensava nele e o imaginava nos braços de outra mulher, no leito de outra mulher. Preferia fazê-lo acreditar em sua total indiferença. — Por que eu me importaria?

O sorriso que iluminava o rosto de traços harmoniosos ainda era o mesmo, mas esses mesmos traços pareciam subitamente mais duros.

— Sim, de fato. Por que se importaria?

— Estamos nos desviando do assunto.

— É claro — ele debochou. — E não queremos discutir o fato de se ter em casa uma esposa relutante.

As mãos dela se cerraram ao lado do corpo numa tentativa desesperada de manter a calma. Oh, sim... Um dia teria o prazer de fazer sangrar aquele nariz perfeito.

— É só nisso que consegue pensar, Claredon? — ela o desafiou.

— E você, minha querida? Nunca pensa nisso? — ele respondeu com o mesmo sorriso irritante.

Victoria recuou para a porta enquanto balançava a cabeça, assinalando impotência.

— Devia saber que isso seria pura perda de tempo.

— Espere. — Ele se levantou de repente. — O que queria de mim, afinal?

Ela hesitou, aflita para escapar de sua agravante presença, mas ainda esperando poder evitar novos comentários em torno de sua ligação com o poderoso lorde.

— Esperava poder manter nossos ridículos embates em privacidade. Não desejo preocupar o vigário Humbly ou causar ainda mais comentários desnecessários. Já enfrentei escândalos demais.

Ele parecia divertir-se com suas palavras.

— Acredita que podemos convencer o bom vigário de que formamos um casal feliz?

— Esperava que pudéssemos ser ao menos civilizados.

— Minha querida, eu sempre sou civilizado — ele murmurou com voz rouca.

Foi preciso um grande esforço para ela não bater o pé numa demonstração infantil de frustração.

Não, você é sempre deliberadamente provocador — Victoria disparou. — Percebo que encontra grande prazer em inflamar meu temperamento, mas apreciaria muito se resistisse à tentação.

— Não pode negar que também exerce sua cota de provocações, Victoria — o olhar desceu insinuante até a linha de seu decote. — E demonstra maior crueldade do que pode me acusar.

Ela ergueu as mãos numa reação instintiva, cobrindo a pele que formigava pelo calor daquele olhar ousado. Era terrível e inquietante que apesar de esse mesmo cavalheiro ter

arruinado sua vida, apesar de ser um libertino insaciável, seu corpo ainda resistisse á mera presença desse homem.

Não, não era apenas uma reação, ela admitiu com franqueza. Eram arrepios, tremores e odiosas ondas de luxúria. Era intoleravelmente injusto.

— Não Sei por que ainda me dou ao trabalho.. — Victoria resmungou, girando sobre os calcanhares para sair da sala.

O homem era impossível, ela disse a si mesma enquanto se dirigia ao salão frontal. Sabia que lorde Claredon não havia ficado mais satisfeito do que ela com o casamento forçado, e pelo menos tivera o cavalheirismo de não deixá-la sozinha para enfrentar o escândalo.

Mas não havia justificativa para o prazer determinado que ele encontrava em atormentá-la. Poderiam se entender perfeitamente, se ele seguisse seu exemplo e mantivesse uma civilidade fria. Mas Julius estava sempre lançando desafios e provocações, inflamando seu temperamento já tão volátil, e esse comportamento só fazia com que a vida em comum fosse um eterno caos.

Forçando-se a parar diante da porta do salão, Victoria respirou fundo e alisou a saia de musselina com as mãos geladas e trêmulas. Havia sido tolice ir procurar Claredon. Caberia apenas a ela distrair Humbly e assim ocultar a realidade de seu matrimônio.

Torcendo para não parecer tão agitada e frustrada quanto estava, Victoria obrigou-se a entrar no salão. Embora não fosse um aposento muito grandioso, a pintura em suave tom de lavanda era elegante, e o revestimento em papel parisiense acrescentava um discreto toque de requinte ao ambiente. A mobília de carvalho sólido era estofada na mesma seda branca que se via nas cortinas.

Ao vê-la entrar, o homem cujo corpo roliço era coberto por vestes pretas se levantou.

Uma porção de seu desconforto e de seu nervosismo desapareceu quando ele a recebeu com seu sorriso doce. Quase sem se dar conta dos próprios movimentos, ela atravessou a sala para ir tomar as mãos dele.

— Sr. Humbly, que encantadora surpresa me causa com sua chegada — ela disse, aliviada por não estar mentindo. O vigário era sempre portador de uma paz inabalável que exercia verdadeiros milagres sobre seu sistema nervoso.

— Minha cara Victoria. — Ele recuou um passo para examiná-la com aprovação óbvia. — Que aparência maravilhosa. O casamento deve estar lhe fazendo muito bem.

Ela engoliu um desejo histérico de gargalhar. O casamento lhe fazia bem? Uma praga teria efeitos mais benéficos!

— Sim — ela conseguiu resmungar antes de, rapidamente, mudar de assunto. — Diga-me, o que o traz a Kent?

Os olhos escuros do religioso se suavizaram.

— Você, é claro, minha querida.

Victoria tentou se mostrar surpresa.

— Eu?

— Tenho estado preocupado.

— É muita bondade sua, mas não precisava se preocupar comigo. Não há razão para isso.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não? Minha querida, sei que não posso alegar grande experiência em assuntos conjugais, mas compreendo que não deve ter sido fácil desposar um desconhecido. E naquelas circunstâncias...

— Bem, passamos por um período de ajustes, é certo — ela concedeu, certa de que o vigário era astuto demais para ser enganado.

— Só queria me certificar de que você está feliz.

Victoria moveu-se bruscamente para ir se sentar em um sofá forrado de seda branca.

— Não quer se acomodar, Sr. Humbly?

— Obrigado. — Ele se sentou com alguma dificuldade numa cadeira de treliça, os olhos atentos fixos em sua aparência resguardada. O religioso podia ser tão obstinado quanto um coletor de impostos, quando desejava.

— Agora que estamos confortáveis, minha querida, conte-me como tem passado.

Ela uniu as mãos sobre as pernas e fez uma rápida prece pedindo perdão pelas mentiras que estava prestes a contar. Um Deus generoso certamente compreenderia sua atitude e a perdoaria por não querer ser alvo de novas e ofensivas fofocas.

— Tenho passado muito bem, obrigada. Meu tempo está praticamente todo tomado pela reforma da propriedade. Como sabe, o imóvel foi ocupado pela última vez há alguns anos.

O religioso olhou em volta, deixando-se distrair com paciência e resignação.

— Você merece elogios pelo trabalho que está realizando aqui, minha querida. É muito agradável entrar em uma casa que não tem aquela formalidade rígida que desperta em nós um certo medo, como se cada passo nos pusesse em risco de tropeçar numa valiosa obra de arte ou quebrar uma estatueta herdada da família de um dos esposos.

Victoria sorriu. Havia sido uma agradável surpresa chegar à confortável propriedade. Os pais de Claredon, o conde e a condessa de Moreland, viviam em um mausoléu formal e gelado que a fizera temer pelo que a esperava em Kent. Aquela imponente casa de tijolos, com duas amplas alas e uma adorável estufa, correspondia mais ao seu gosto.

— Obrigada. Esta é uma propriedade pequena demais para qualquer falsa formalidade.

— O tamanho da casa é perfeito.

— Sim, também acho.

Ele a fitou em silêncio por um instante.

— E como vai lorde Claredon?

— Receio que ele esteja ocupado com os colonos e a supervisão da colheita que se aproxima — ela respondeu, esperando que Claredon tivesse a bondade de permanecer bem afastado de seu convidado. Se não podia ou não desejava ajudá-la, ao menos que não interferisse em seus esforços para aplacar a apreensão do Sr. Humbly. — Ele é muito dedicado ao trabalho e nunca deixa de introduzir as últimas técnicas de agricultura aqui na fazenda.

— Um sentimento admirável — elogiou o religioso. — Acredito que a grandeza da Inglaterra depende de estarmos sempre à frente de outros países.

— Lorde Claredon certamente está fazendo sua parte — Victoria pôde responder com total honestidade.

— Espero que ele não se incomode com a presença de um hóspede inesperado. Sei que não fui convidado a vir, mas...

— Não se inquiete com isso, Sr. Humbly. Lorde Claredon terá imenso prazer em recebê-lo.

— E você?

Ela conseguiu manter o sorriso intacto.

— Estou muito satisfeita por ter vindo, embora não fosse necessário realizar tão longa viagem por minha causa. Não recebeu minha carta?

— Sim, eu a recebi — ele retorquiu com expressão bastante misteriosa. — E foi justamente isso que me fez vir.

Ela o encarou surpresa.

— Mas eu assegurava que tudo estava bem por aqui.

— Sim, assegurava... com veemência excessiva, na minha opinião.

Victoria sentiu o rosto quente, resultado do constrangimento que sentia. Devia ter imaginado... Sabia como ele podia ser perceptivo sob aquela aparência vaga e distraída.

— Isso é absurdo — Victoria tentou blefar.

— É mesmo?

— Certamente que sim. Como disse, ajustei-me ao casamento com grande conforto.

— E está feliz? — ele quis saber.

Ela mudou de posição sobre as almofadas do sofá.

— Como não poderia estar? Consegui me casar com o cavalheiro mais assediado de toda Inglaterra.

— Ser o solteiro mais assediado não é garantia de que esse mesmo homem será um bom marido — ele respondeu com tom seco. — Nem de que fará sua esposa feliz. Mesmo os mais disputados solteiros podem ser companhias desconfortáveis depois do casamento.

Ela estremeceu. Não havia nada de confortável em Claredon. Nem seu casamento havia sido particularmente feliz. Não. A vida em sua nova casa assemelhava-se a um campo de batalha.

Buscando encontrar outros meios para distrair o astuto vigário, Victoria se sentiu aliviada quando a porta do salão foi aberta repentinamente. O alívio foi breve, entretanto, porque o recém-chegado era Claredon.

Ela se levantou, acompanhada por Humbly, já sentindo os nervos tensos por conta da apreensão. Por que ele estava ali, se havia dito com toda clareza que desejava evitar os ferozes confrontos durante a estadia do vigário? O homem era mesmo um tormento em vida! Pretendia embaraçá-la de forma deliberada só por vingança ou ressentimento?

Movendo-se com a graça peculiar de um predador, ele atravessou a sala para se curvar diante do visitante. Depois, antes que Victoria pudesse adivinhar sua intenção, ele se colocou ao lado de seu corpo tenso. Ela o encarou com um olhar desconfiado enquanto, sorrindo malicioso, ele passou um braço sobre seus ombros.

— Minha querida, perdoe-me por ter me atrasado. Dunford insistiu para que eu inspecionasse os relatórios trimestrais.

Seu hálito doce atingiu seu rosto como um sopro mágico, provocando um arrepio. Ele estava perto demais. E não confiava naquele perigoso fogo que ardia em seus profundos olhos azuis. Que diabo ele estava fazendo?

— Eu... O Sr. Humbly veio nos visitar — ela conseguiu resmungar finalmente.

— Um hóspede que é sempre muito bem-vindo em nossa casa, certamente.

— Obrigado — o religioso respondeu, notando o contato íntimo entre o cavalheiro e sua doce Victoria com evidente curiosidade.

— É a primeira vez que vem a Kent?

— Sim, é.

— Ah, temos de assegurar que conheça alguns pontos locais muito interessantes. — Claredon inclinou a cabeça para encarar a mulher com quem se casara. — o que acha disso, minha pombinha? Talvez possamos ir a Canterbury, ou, se o bom vigário preferir, podemos fazer uma visita ao Castelo Chilham e à Igreja de St. Mary. Tenho certeza de que ele ficará impressionado com sua torre do século quinze.

Com grande esforço, ela tentou ignorar a súbita onda de desconforto que ameaçava flexionar seus joelhos. Era óbvio que Claredon havia reconsiderado seu pedido e decidido

participar da encenação. Devia, sem dúvida, estar grata por sua repentina mudança de disposição. Infelizmente, não havia considerado a própria reação à presença do marido quando, num impulso, fora procurá-lo para pedir sua ajuda.

— Tenho certeza de que o Sr. Humbly vai encontrar grande prazer em qualquer um desses passeios. Ambos são fascinantes — ela disse com tom perturbado.

Os dedos de Claredon moviam-se lentamente, afagando a pele nua de seu ombro. Victoria mal conseguia respirar, tal o calor que a inundava gerado por aquela inocente carícia.

— E devemos pensar em alguma forma de entretenimento — ele prosseguiu em voz baixa, voltando sua atenção para o silencioso vigário. — Lamentavelmente, Victoria e eu temos estado reclusos desde nossa chegada a Longmeade. Preferimos preservar nossa privacidade, como certamente pode compreender.

— Oh, sim — Humbly respondeu, tossindo duas vezes em uma demonstração explícita de constrangimento. — Sim, eu entendo.

Agora, no entanto, devemos pensar em convidar alguns vizinhos à nossa casa. — Audacioso, ele inclinou a cabeça para beijar a pele alva de sua têmpora. — Suponho não ter o direito de manter minha bela esposa só para mim, por maior que seja meu desejo de escondê-la dos olhos do mundo.

— Oh, por favor, não se incomodem por minha causa — Humbly protestou, sem perceber como os joelhos de Victoria tremiam.

— Bobagem. Não será incômodo algum — ela disse, tentando inutilmente colocar algum espaço entre seu corpo e o do homem com quem fora forçada a se casar. — É vergonhoso que tenhamos negligenciado por tanto tempo nossos deveres sociais. O que pensarão os vizinhos?

Claredon riu baixo enquanto delineava com as pontas dos dedos a coluna do pescoço delgado.

— Ah, mas que delicioso motivo tivemos para negligenciá-los. Todos devem entender os deslizes de um casal em lua-de-mel. Não concorda comigo, Sr. Humbly?

— Oh, sim, certamente. É muito compreensível.

— Especialmente quando se tem a sorte de desposar tão linda esposa.

Victoria pensou na hipótese de pisar no pé do marido. Ele era irritante! Havia requisitado que ele fosse polido, mas em nenhum momento sugerira que ele a seduzisse diante de um hóspede!

— Claredon, não acredito que o Sr. Humbly esteja interessado em ouvir sobre nossa lua-de-mel — ela disse com tom doce, porém por entre os dentes.

— Não, não. É uma alegria saber que ambos encontraram satisfação no casamento — Humbly assegurou apressado, embora ainda restasse uma sombra de dúvida em seus olhos escuros.

— Estamos mais do que satisfeitos, não é mesmo, minha doçura? — Claredon perguntou num murmúrio. — Nadamos num mar de felicidade conjugal.

Victoria gostaria de ver Claredon se afogando.

— Eu... sim, sim... — ela concordou.

Humbly sorriu.

— Isso é adorável.

Zangada, e muito ansiosa para pôr um ponto final no toque sedutor e inquietante de Claredon, Victoria afastou-se de seu corpo forte e imponente.

— Bem, agora devo ir certificar-me de que a Sra. Troy tem um aposento preparado para o nosso hóspede.

— Não, minha querida, fique com o bom vigário — seu marido respondeu prontamente. — Eu irei falar com a Sra. Troy. Depois, lamentavelmente, terei de voltar ao campo. Estarei em casa novamente para o jantar.

Um alívio covarde a invadiu.

— Muito bem.

Lendo seus pensamentos com imensa facilidade, Claredon riu baixinho antes de adiantar-se para beijá-la. Foi um beijo rápido, porém devastador. Quando ergueu a cabeça, havia em seu rosto um sorriso triunfante, resultado do incontrolável tremor de excitação que a sacudiu.

— Não sinta muita saudade enquanto eu estiver fora — ele murmurou.

Sem fala, Victoria viu, silenciosa, o marido acenar para o vigário e virar-se para deixar a sala.

Esse era o primeiro beijo que trocavam desde a noite que havia alterado para sempre suas vidas.

Victoria deixara bem claro que não desejava seus beijos. O que mais poderia fazer? Sempre soubera que tais intimidades só conduziriam ao perigo. Ser inocente não implicava ser tola ou desavisada. E por mais difícil que fosse admitir, sabia desde seu matrimônio que não era mais imune aos encantos de Claredon do que qualquer outra donzela ingênua.

Não desejava ser outra de suas conquistas. A idéia era insuportável.

Recuperando sua tênue e abalada compostura, Victoria virou-se para o Sr. Humbly e deparou-se com o olhar curioso do vigário.

— Bem, parece que realmente me preocupei por nada — ele comentou.

Ela forçou um sorriso que causou intensa dor aos lábios rígidos e ressequidos. Isso era precisamente o que havia desejado. Um arrepio sacudiu seu corpo. Por que se sentia como se houvesse acabado de soltar da jaula um tigre feroz?

— Sim.

Capítulo III

Como indicara, Claredon passou o restante do dia no campo com seus colonos. Essa era uma tarefa que o agradava.

Diferentemente de muitos nobres, não considerava a terra e seus trabalhadores como fardos necessários a serem suportados para manter-se cercado por luxo. Gostava realmente da vida produtiva do campo.

Gostava do aroma rico da terra no início da manhã, gostava de ver as sementes se transformando em grãos saudáveis e gostava ainda mais de uma colheita farta. Gostava de experimentar novas técnicas e idéias radicais que eram recusadas pelos mais tradicionais proprietários de terras. Gostava até mesmo de sujar e calejar as mãos trabalhando ao lado dos colonos.

Mas hoje não podia negar uma certa ousadia em seu sorriso e uma maior leveza em seus passos. A lembrança do revelador tremor de Victoria o seguia como um doce tormento, fazendo-o reviver o sabor daquele beijo.

Sempre soubera que, sob o forte e aparente desdém, havia uma paixão que podia se igualar à dele. Apenas seu ridículo orgulho o impedia de viver plenamente todo o prazer que

podiam ter juntos. Com a inesperada, porém conveniente, chegada de Humbly, no entanto, talvez tivesse ao menos a oportunidade de fazê-la compreender o que ele já sabia.

Na pior das hipóteses, pelo menos a forçaria a passar mais tempo em sua companhia, ele decidiu enquanto caminhava de volta para casa. Desde que chegara a Longmeade, ela o tratara como se lidasse com uma praga, uma doença contagiosa. Não havia dúvida de que sua esposa o responsabilizava pelo desastre que os levara ao casamento apressado.

Ela jamais aceitaria uma parcela dessa culpa por ter passado a noite sozinha naquela hospedaria, e por ser tão altiva e elegante quando sua prima, que o perseguia sem descanso havia seis meses. Certamente, Victoria nunca havia sequer considerado a idéia de que ele era tão vítima quanto ela de todo aquele horrível mal-entendido. Nunca desejara se casar... não até ter encontrado a donzela perfeita, pelo menos.

Como mais jovem e único filho numa família de sete irmãs, fora mimado e estragado desde o berço. Também desenvolvera uma justa apreciação pelo sexo frágil.

O que poderia ser melhor do que seu perfume provocante, seu riso sonoro e seu toque suave? Apreciava em grande escala ter sua vida sempre cheia de mulheres, todos os tipos de mulheres, das belas às exóticas e misteriosas.

Mas tendo sido criado por um notório devasso, percebera que seu amor pelas mulheres tinha um alto preço. Embora o conde de Moreland fosse profundamente devotado à família, Claredon sempre tivera dolorosa consciência do sofrimento de sua mãe quando o marido ia buscar a companhia de mais uma de suas amantes. Lady Moreland amava o marido com toda a força de seu coração, e por isso se sentia traída por seus romances casuais e pelas inconfundíveis provas de suas infidelidades sendo exibidas por toda a área rural.

Assim, embora estivesse inteiramente disposto a viver sua natureza sensual, Claredon fizera uma inabalável promessa de permanecer fiel quando se casasse. Sua esposa jamais teria de suportar a dor da traição, nem seus filhos viveriam desapontados com sua total falta de respeito pela mãe deles. A única solução era encontrar uma donzela totalmente imaculada que pudesse enfeitiçar seu coração, desafiar sua mente e assegurar que sua devoção nunca perdesse a força.

Uma tarefa difícil, ela reconheceu prontamente, mas não havia sido nenhum castigo procurar por esse exemplo de virtude e, nessa busca, percorrer toda a Inglaterra. Não quando a procura era fortemente temperada pela diversão encontrada nos braços de mulheres ardentes que não tinham entre seus planos um casamento.

Agora seus bem-traçados planos haviam sido arruinados.

No lugar de sua donzela de sonhos, estava casado com uma megera de língua ferina, temperamento insuportável e coração ressentido, alguém que não pouparia esforços para fazer sua vida miserável. Pior ainda, embora ele mantivesse o voto de fidelidade, Victoria se recusava a dar ao marido o prazer de um leito nupcial ardente e apaixonado. Em alguns momentos durante os últimos dias ele chegara a se perguntar por que ainda se esforçava. Victoria não o amava. Não gostava dele. Não sofreria, caso ele decidisse tomar uma amante.

E Deus sabia que, exceto por um milagre bíblico, não havia a menor chance de filhos serem desapontados por seu comportamento. Mas, com a mesma velocidade com que os pensamentos traiçoeiros penetravam em sua mente, ele os punha de lado. A verdade brutal era que não desejava outra mulher.

Embora mal tivesse tido a chance de provar a tentadora doçura da paixão de sua esposa, o que conhecera dela havia sido suficiente para despertar uma pungente necessidade. A suavidade acetinada de sua pele, o aroma quente de lírios e o calor dos lábios carnudos permaneciam em sua mente com tenacidade enlouquecedora. Não conseguia fechar os olhos sem sonhar que a tinha em seus braços. Vê-la entrar num aposento era suficiente para despertar nele um desejo feroz.

A constatação era tão inquietante quanto inesperada.

Nunca antes fora atormentado por desejo tão frustrante. Não seduzia inocentes e nunca se envolvia com mulheres que apreciavam aqueles tolos jogos de falsa sedução. Estava habituado a mulheres que o assediavam sem constrangimento, mulheres que se mostravam ansiosas para viverem a paixão em toda sua plenitude. Nenhuma delas jamais o obrigara a andar pelo quarto durante uma longa noite de insônia ou lutar contra a constante necessidade de buscar sua companhia, e tudo pelo simples prazer de ouvir sua voz.

Não era de estranhar que encontrasse tanta satisfação em provocá-la. Não queria ser o único atormentado ali.

Balançando a cabeça de forma a censurar os pensamentos infantis, Claredon entrou em casa e dirigiu-se aos seus aposentos. Como sempre, seu valete o esperava e, com eficiência silenciosa e discreta, Claredon foi banhado e apropriadamente vestido para aquela noite num casaco azul sobre cinto branco.

Dispensando o criado, ele amarrou a gravata com um nó perfeito e ainda tentava decidir entre o prendedor de rubi e o de diamante, quando alguém bateu na porta. Intrigado, ele se virou para a entrada do quarto e autorizou:

— Entre.

Houve uma pausa breve antes de a porta finalmente ser aberta. Foi impossível esconder a surpresa quando Victoria entrou no quarto.

Contra sua vontade, o coração tremeu em seu peito diante daquela doce presença.

Não era apenas sua beleza física, embora não pudesse negar seus encantos. Era mais o poder de seu espírito e a força elegante de sua figura alta e esguia.

Aquela era uma mulher capaz de enfrentar o mundo com o queixo erguido, qualquer que fosse a adversidade a ser encarada. E que Deus tivesse piedade de qualquer um que fosse tolo o bastante para colocar-se em seu caminho.

Ela corou levemente enquanto os olhos do marido apreciavam suas curvas femininas sob o vestido de seda verde. Erguendo o queixo repentinamente, ela o encarou como se estivesse diante de uma criatura que acabara de sair rastejando de sob uma pedra.

— Preciso lhe falar — disse com tom ríspido.

Fervendo por dentro, ressentido contra o odioso hábito que a esposa tinha de tratá-lo como se fosse uma criatura particularmente vil, Claredon apoiou-se contra o toucador e sorriu.

— Ora, ora, minha querida, é a segunda vez que me procura no mesmo dia. Começo a me sentir irresistivelmente atraente.

A fúria que a consumia era tão intensa, que suas narinas pareciam estar dilatadas.

— Sabe muito bem por que estou aqui.

— Para dizer a verdade, não tenho a menor idéia — ele respondeu com um sorriso ainda mais amplo e radiante. — Devo ousar esperar que tenha vindo com a intenção de seduzir-me?

— De certo que não.

— Lamento. Passei o dia inteiro pensando em como sua pele é macia, em como foi agradável tocá-la. Tão agradável e provocante quanto ainda me lembro daquela noite em que estivemos juntos...

Ela o encarou séria, mas não conseguiu disfarçar a veia que, reveladora, pulsava intensamente na base de seu pescoço.

Claredon mal tinha forças para resistir ao impulso de beijar aquele sinal tão provocante.

— Quer, por favor, parar de me provocar?

— Não é nenhuma provocação Estou apenas revelando que pensamentos ocuparam minha mente durante essa longa tarde. Sente-se perturbada por saber que desejo minha esposa?

O rubor que tingia seu rosto aprofundou-se.

— Perturba-me saber que deseja todas as mulheres que cruzam seu caminho.

— Oh, nem todas as mulheres — ele protestou, nem um pouco incomodado com o tom ríspido em sua voz. Victoria sentia ciúme dessas místicas outras mulheres? — E nenhuma delas com a intensidade do desejo que sinto por você.

— Jamais quis provocar esse seu desejo por mim.

Claredon apertou os lábios, experimentando também um certo ciúme. Jamais conseguira esquecer inteiramente que sua esposa se preparava para fugir com um idiota sem fibra quando a conhecera.

— Não, é claro que não. Prefere cavalheiros que não sejam passionais, homens que precisam mais da mãe do que de uma esposa.

Ela estreitou os olhos.

— Essa é uma coisa horrível para se dizer.

— É a pura verdade, minha cara — ele insistiu sem se desculpar. — Tratou o Sr. Stice como uma criança doente, não como um amante em potencial.

— O que sabe sobre como eu tratava Thomas?

Claredon parou de repente. O que sabia? Certamente, a limitada sociedade de Londres assegurava que, eventualmente, diversos habitantes se encontrassem na mesma função, e ela era atraente o bastante para ter merecido um ou dois olhares. Mesmo assim, até esse momento ele não havia percebido com que freqüência seus olhos a haviam buscado.

Incomodado pela constatação, Claredon encolheu os ombros com falsa indiferença.

— Ele a seguia como um cãozinho adestrado.

— Ora, seu... — Ela cerrou os punhos como se lutasse contra o impulso de agredi-lo. — Quem lhe deu o direito de julgar Thomas? Você, dentre todas as pessoas! Ele ao menos é capaz de assumir e manter um compromisso com outro ser humano, algo que você jamais conseguirá fazer.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

— Por acaso perdeu o juízo? Assumi o mais irrevogável de todos os compromissos. Ou será que esqueceu que fui eu que estive a seu lado diante daquele altar, não seu precioso Thomas?

De repente ela empalideceu.

— Bom Deus, como pude esquecer?

Uma profunda raiva o invadiu. Quantas donzelas teriam dado qualquer coisa para desposá-lo? Quantas estariam dançando e agradecendo à sorte por esse destino? Em vez disso, Victoria ainda lamentava a perda do patético desditoso que não conseguiu nem mesmo viajar na direção certa e chegar à hospedaria apropriada.

— É hora de esquecê-lo, Victoria. Não sei que trama do destino nos reuniu naquela fatídica hospedaria, mas agora estamos unidos para sempre.

— Perdoe-me, mas, diferentemente de você, não esqueço com facilidade aqueles de quem realmente gosto.

Ele ergueu o corpo bem devagar. Era capaz de suportar muitas coisas, mas ninguém poderia esperar que ignorasse a ofensa de ser considerado inferior a tipos como Thomas Stice. Essa mulher era sua esposa. Tinha o dever de lhe prestar lealdade, entre outras coisas.

— Tome cuidado, Victoria. Já tolerei muitos de seus insultos.

Ela hesitou por um instante, atingida em cheio pelo tom autoritário da voz máscula. Depois, como era de se prever, ergueu os ombros num gesto de desafio.

— Nega que foi um devasso incurável?

— Admito que sempre soube apreciar as mulheres.

Seus traços foram endurecidos pelo desgosto.

— Uma apreciação que desaparecia com a mesma rapidez com que surgia. Não serei mais uma em sua ampla coleção.

— Não entendo por que continua trazendo à tona meu passado menos que puritano com tão monótona regularidade. Tem medo de acabar esquecendo que sou um devasso, um libertino?

— Nunca.

— Esse é um período de tempo considerável, minha preciosa. — Claredon adiantou-se alguns passos numa atitude deliberada, progredindo até sentir-se envolvido pelo doce aroma de lírios. — Especialmente quando me pede para desempenhar o papel de marido devotado.

A veia voltou a pulsar em seu pescoço.

— Era exatamente isso que eu desejava discutir com você.

— Não tenho sido suficientemente atencioso? — ele indagou em voz baixa, erguendo a mão para brincar distraído com um caracol que emoldurava seu rosto. — Desculpe-me, mas havia prometido ao meu administrador que tomaria providências para mandar reparar a carroça, e ainda tive de supervisionar o trabalho na ponte. Asseguro que, a partir de hoje à noite, você pode contar com minha atenção integral. Para ser bem franco, pretendo estar a seu lado noite e dia. — Ao ouvir a súbita inspiração que denotava tensão, ele foi tomado por um forte entusiasmo.

— Agora está sendo absurdo — ela protestou.

— Estou? Pensei que quisesse convencer o vigário Humbly de que estamos loucamente apaixonados.

Ela umedeceu os lábios com a ponta da língua, e o entusiasmo ganhou novas nuances. E maior urgência. Maldição! O que não daria para pressioná-la contra a porta e provar o doce sabor daquela boca.

— Apenas solicitei que fosse civilizado. Não pedi que se expusesse ao ridículo.

— Peço desculpas. — A mão dele se moveu inquieta para afagar a linha de seu rosto. Claredon considerou testar a sorte tentando roubar um beijo, mas concluiu que apreciava muito o desenho de seu nariz para expô-lo a um soco. — Tenho sete irmãs casadas, e presumo que todos os noivos tenham se comportado como idiotas. Meus cunhados não escaparam dessa exposição a que se refere.

— Humbly bem sabe que nosso casamento não foi o esperado desfecho para um noivado normal. Será suficiente sermos polidos um com o outro.

— Discordo.

— Como disse?

— Humbly estava preocupado de verdade, ou não teria viajado de tão longe só para vir visitá-la. Não creio que ele possa ser tranqüilizado por uma civilidade fria entre nós.

Ela parou como se considerasse sua lógica, embora com alguma relutância. Com muita relutância, Julius corrigiu-se, notando como seus lábios tornavam-se mais finos e pálidos por conta da frustração.

— Sim, talvez devamos demonstrar um certo... afeto caloroso.

Ele estalou a língua, os dedos brincando com os lábios apertados.

— Um certo afeto caloroso... Sim, se não quiser que Humbly retorne a Surrey levando a notícia de que oficializar nosso casamento foi um terrível engano. Cavalheiros como o vigário são românticos incorrigíveis por natureza. Independentemente das nossas razões para um

casamento apressado, ele vai desejar testemunhar nossa exuberante felicidade.

Victoria recuou um passo, mas suas costas encontraram a porta.

— Já expôs seu ponto, Claredon. Entretanto, isso não dá a você o direito de...

— Sim? — ele a encorajou com um sorriso malicioso.

— De me tocar.

Ele deixou escapar uma estridente gargalhada.

— Não pode estar tão indignada por causa de algumas carícias ingênuas e um beijo rápido!

Os olhos verdes ganharam um novo brilho provocado pelas palavras de provocação.

— Você não me engana. Está usando toda essa situação como uma oportunidade para punir-me. Por que não o aceitei em minha cama...

— Agora é você quem está sendo absurda, Victoria.

— Realmente?

— Não tenho nenhum desejo de castigá-la. — Ele ofereceu aquele sorriso arrogante que, sabia, tinha o poder de atingi-la. — Não quando sei com toda certeza que é só uma questão de tempo até me receber em sua cama de bom grado. É tão inevitável quanto o nascer do sol todas as manhãs.

Victoria respirou fundo numa árdua luta para manter a calma.

— Você deve estar perdendo o juízo.

Os olhos dele buscaram a promessa exuberante daqueles lábios fartos.

— Não esqueceu como tremeu em meus braços, esqueceu? Não. E eu também não esqueci. Mal havia encostado meus lábios nos seus, e seu corpo já clamava por mais.

Era impossível negar a evidente verdade de suas palavras.

— Eu estava dormindo. — Mas a justificativa soava oca, tola.

— E sonhava com o Sr. Stice?

— Eu... sim.

— Mentira — ele debochou. — Se ele ocupasse seus pensamentos, você não se teria derretido em meus braços com tamanho abandono.

— Como se atreve?

— Atrevo-me porque sei bem que, se tivesse respondido àquele tolo cara-de-pudim com a prontidão com que reagiu às minhas carícias, hoje não seria a donzela inocente que é.

Ela corou, mas Claredon não saberia dizer se de ultraje ou culpa.

— Você é horrível.

Ele encolheu os ombros.

— Horrível ou não, você me deseja. E, no final, esse desejo vai acabar superando seu ridículo orgulho.

Victoria balançou a cabeça sem sequer tentar esconder o desespero.

— Quando as caveiras aprenderem a dançar valsa... — respondeu.

Claredon riu, segurando o queixo da esposa entre os dedos indicador e polegar.

— Ouço a orquestra afinando os instrumentos.

Mesmo que percorresse a Inglaterra de um extremo ao outro, Victoria não teria sido capaz de encontrar cavalheiro mais arrogante, mais irritante, mais... odioso que lorde Claredon, e fora se casar justamente com ele.

Quase quatro horas depois de sair apressada dos aposentos de seu marido, ela ainda

lutava contra um terrível nervosismo.

Já era mais do que difícil lidar com as reações provocadas pela presença de Claredon. Agora, sabendo que ele também tinha plena consciência dessas respostas, gostaria de poder abrir um buraco entre as tábuas do chão e desaparecer sob elas.

Pior ainda era a súbita percepção de que, longe de estar conformado com aquela declaração de que jamais seria realmente sua esposa, ele estivera brincando com ela como um gato persegue e encurrala um rato indefeso, apenas ganhando tempo até seu orgulho vacilar e ela suplicar pela presença do marido em sua cama.

Victoria estremeceu, desejando poder ter certeza de que destino tão humilhante jamais seria possível. Infelizmente, era honesta demais para fingir não estar enxergando o perigo. Pelo menos tinha um breve descanso para recompor-se, ela pensou com um suspiro fraco.

Depois do jantar, Claredon fora abordado por seu administrador, que solicitara alguns momentos de seu tempo. Agarrando a oportunidade, Victoria conduzira o vigário Humbly ao salão, onde o entretinha sem a perturbadora presença de seu marido.

Olhando para o outro lado do aposento, onde o religioso sorvia seu *brandy* com evidente apreciação, ela forçava os inúteis pensamentos sombrios para fora de sua mente. Esses problemas teriam de ser deixados de lado por enquanto. Era mais importante apaziguar as inquietações do vigário.

— Espero que tenha ficado satisfeito com suas acomodações, Sr. Humbly — ela disse com tom leve, resultado do esforço que fazia para ocultar a própria agitação.

— Sim, certamente. E devo dizer que você tem uma artista em sua cozinha. O salmão estava simplesmente divino.

— A Sra. Boland é muito competente. Imagino que também vai gostar muito de seus pães e bolos.

O vigário bateu no próprio estômago, e um brilho entusiasmado iluminou seus olhos.

— Ah, percebo que não esqueceu meu amor pelas massas.

— É evidente que não. E já providenciei que haja muitos bolos e tortas para seu deleite.

Ele emitiu um suspiro de contentamento.

— Estava certo de que apreciaria essa visita à sua adorável propriedade. Agora não tenho nenhuma dúvida de que sentirei saudade daqui.

Uma porção do desconforto que a atormentava desapareceu diante do humor delicado do religioso.

— Bem, espero que possamos oferecer mais do que alguns doces e pães para entretê-lo.

— Minha querida, você não sabe o que está dizendo. Com o tempo vai aprender que, quando um cavalheiro atinge minha idade avançada, atender às necessidades de seu estômago é um entretenimento mais do que suficiente.

— Bobagem — ela protestou rindo. — O senhor sempre foi o cavalheiro mais incansável que jamais conheci. Lembro-me de tê-lo visto sentado à cabeceira de um paroquiano enfermo durante toda noite e ainda passar o dia visitando as casas vizinhas, informando-se sobre as carências do povo de sua paróquia, e ainda enfrentar um tedioso jantar com aquele horrível escudeiro Irwin sem deixar escapar nem mesmo um bocejo.

Humbly balançou a cabeça com tristeza.

— Esse tempo já passou, minha querida. Na verdade, logo estarei me aposentando e partindo para meu pequeno chalé.

Victoria arregalou os olhos numa reação horrorizada.

— Vai se aposentar? Não pode estar falando sério!

— Estou, minha cara menina, e garanto que espero ansioso por meus dias de ócio. Quero dedicar todo o tempo que puder aos cuidados com minhas rosas.

Victoria quase não conseguia imaginar o vicariato sem o vigário Humbly.

— O que o povo do vilarejo vai fazer sem sua presença?

Ele moveu uma das mãos com aparente indiferença, mas havia um toque de gratidão no gesto.

— Todos vão sobreviver sem mim, pode estar certa disso. O novo vigário é bastante jovem e tem se mostrado muito disposto para pôr a igreja em ordem.

Victoria balançou a cabeça, sabendo que ninguém poderia substituir homem tão generoso e piedoso. Jamais.

— Não vai ser a mesma coisa.

— Tudo vai ficar bem — ele decretou com firmeza. — É hora de me retirar e descansar.

Antes que Victoria pudesse argumentar, a porta se abriu repentinamente e Claredon entrou no salão. Acenando para o vigário, que tentava erguer o corpo avantajado, ele atravessou toda a extensão do tapete para ir se sentar no sofá ao lado de Victoria, que foi tomada por uma rigidez tão intensa quanto inevitável.

— Perdoe-me por ter demorado tanto — ele murmurou, apoiando um braço no encosto do sofá e deixando os dedos tocarem com suavidade um ombro arredondado. — Meu administrador acredita que desejo ser informado de todos os detalhes concernentes à minha propriedade, inclusive os mais insignificantes.

— Na minha opinião, ele não deve estar muito enganado em sua crença — o vigário comentou.

Claredon riu.

— Talvez não. Espero que Victoria o tenha mantido bem entretido.

— Mas é claro.

Censurando-se pela tolice de não ter escolhido uma das muitas poltronas, em vez de sentar-se no sofá, Victoria forçou um sorriso.

— O Sr. Humbly estava justamente me falando de sua intenção de aposentar-se. Será uma dura perda. E uma grande lástima para todos.

— E muita bondade sua, minha querida, mas será bom para a paróquia contar com um novo líder — Humbly retorquiu com admirável modéstia. Em seguida, um brilho um pouco mais atrevido iluminou seus olhos. — Não é bom criar raízes em um só trecho do caminho. Um pouco de mudança faz bem ao ser humano. A todos eles.

O sorriso de Victoria desapareceu.

— Nem toda mudança é boa.

O vigário encolheu os ombros.

— Algumas podem ser desconcertantes, por certo, mas com algum esforço e, é claro, com a disponibilidade para buscar o melhor em cada situação, toda mudança pode ser transformada em algo positivo.

— Palavras muito sábias, Sr. Humbly — Claredon opinou, ainda afagando a pele sensível de Victoria. — Lutar contra o inevitável é sempre um esforço perdido. Melhor tirar proveito do que nos é dado.

Victoria olhou para o marido como se quisesse preveni-lo de que, se os dedos descessem mais um centímetro por seu ombro, ela os quebraria, com ou sem vigário.

— Mesmo quando o que nos é dado não nos interessa?

— Isso é bobagem, minha pombinha. — Apesar do tratamento carinhoso, os olhos azuis lançavam um aviso silencioso e gelado. — Vai acabar fazendo nosso bom vigário acreditar que fala sobre sua própria situação, o que seria absurdo. Ou não seria?

Consciente do olhar interessado e sério de Humbly, ela se apressou em distraí-lo.

— É claro que sim. Desculpe-me, Sr. Humbly. Houve ocasiões em que o inesperado não foi totalmente agradável.

O cavalheiro rechonchudo e idoso mostrou-se contrito.

— Lamento muito, minha querida. Certamente se refere ao acidente envolvendo seus pais. Que falta de sensibilidade a minha. Não desejava despertar lembranças tão dolorosas e difíceis.

Ela baixou os olhos. Não havia nem pensado no acidente, mas a menção de seus pais provocava uma dor intensa e um conhecido vazio no peito. Sentia saudade deles, e o sentimento tomava-se mais forte nos momentos de grande turbulência em sua vida. Como os que enfrentava agora. A dor devastadora da perda havia sido aplacada pelo tempo, mas nunca os esqueceria.

— Isso ficou no passado — Victoria respondeu tensa.

— Mas ainda é presente em seu coração.

— Bem... sim.

— Revelou impressionante coragem mantendo sua casa e criando sua irmã sem nenhuma ajuda — Humbly persistiu, como se, estranhamente, não percebesse a relutância da jovem em discutir o terrível passado. — Muitas moças nunca teriam sequer considerado tentar tal proeza, e raras teriam alcançado sucesso tão admirável.

Victoria sentiu uma onda de calor inundando seu rosto.

— Foi mais necessidade do que coragem — disse.

— Não — o vigário protestou balançando a cabeça. — Podia ter confiado sua irmã a um parente e solicitado que outro cuidasse da propriedade.

— Eu jamais teria tirado a pobre Anna de nossa casa num momento tão difícil. Ela já sofria demais com a morte de nossos pais. E, para ser bem honesta, poder ocupar meus pensamentos com as questões da propriedade foi uma grande bênção. Assim não me restava muito tempo para viver a tristeza.

Humbly ainda não estava satisfeito. Estivera perto para testemunhar todo o esforço de Victoria e a coragem com que ela impusera sua opinião e sua autoridade sobre os colonos, bem como toda a astúcia que havia empregado para impedir os mercadores locais de tirarem proveito de sua inexperiência. Como vigário da paróquia que ela freqüentava, estivera presente em alguns dias mais difíceis, quando, esgotada pelo peso da responsabilidade e pelo trabalho duro, ela mal podia manter os ombros eretos e a cabeça erguida.

— Diga o que quiser, minha querida, mas a verdade prevalece. Podia ter transferido a outra pessoa o fardo que foi posto sobre seus ombros. Em vez disso, sacrificou a própria vida para assegurar a felicidade de Anna.

De repente os dedos de Claredon ficaram rígidos sobre seu ombro, e Victoria percebeu com grande desconforto que Humbly revelava mais aspectos de seu passado do que ela teria desejado anunciar.

— Francamente, Sr. Humbly, apenas agi de acordo com minha vontade. Não foi nenhum sacrifício.

— É claro que foi — ele argumentou com firmeza. — Mas agora Anna está casada e protegida, e finalmente chegou o momento de pensar em você. Por isso estive tão preocupado e ansioso para certificar-me de sua felicidade.

Bastante embaraçada pelos elogios exagerados, Victoria mudou de posição demonstrando grande desconforto.

— Agora sabe que tudo deu certo — disse em voz baixa.

O vigário franziu a testa ao ouvir essas palavras, como se o tom de voz o inquietasse, em vez de tranqüilizá-lo.

— Sim, é o que você diz — respondeu.

Sem aviso prévio, Claredon levantou-se e, com ar determinado, segurou a mão de Victoria, para obrigá-la a fazer o mesmo.

— Creio que minha esposa parece um pouco cansada — disse, os olhos azuis iluminados por um brilho inquietante. — Peço sua licença, Sr. Humbly, para ir colocá-la na cama.

O religioso levantou-se com dificuldade.

— Sim, é claro.

Passando um braço pelos ombros de Victoria, Claredon a conduziu para a porta com gentileza surpreendente.

— Venha, minha querida — disse.

Pela primeira vez em cinco meses, Victoria não discutiu.

Capítulo IV

Claredon estava perturbado. Enquanto conduzia a esposa pelo corredor e para a escada, ele estudou de maneira discreta seu elegante perfil iluminado pela luz tênue.

Sabia que os pais dela haviam perecido num trágico acidente de carruagem e que ela não possuía parentes próximos do sexo masculino. O que não sabia era que ela havia sido forçada a assumir tantas responsabilidades em idade tão tenra, responsabilidades cujo peso certamente teriam esmagado muitas jovens menos resistentes.

Não podia negar uma considerável medida de orgulho por sua força de vontade. Diferentemente de muitos cavalheiros, não temia uma mulher de coragem. Nem desejava uma companheira que dependesse inteiramente dele.

Admirava nas mulheres exatamente as mesmas características que admirava nos homens: coragem, honra e lealdade.

Três qualidades que sua esposa possuía em abundância.

Mas, embora admitisse que Victoria havia demonstrado rara determinação mantendo a irmã e assumindo todas as tarefas domésticas e a administração da propriedade, não podia negar um certo desapontamento por ela nunca ter falado sobre suas dificuldades. Como marido, devia saber sobre um tempo tão difícil em sua vida.

Sem dúvida, ela desabafava e aliviava a alma conversando com seu precioso Thomas Stice, disse uma voz maliciosa no fundo de sua mente. Pensar nisso era desagradável e, pior, doloroso.

Subiram a escada em silêncio, mas, quando se dirigiram ao quarto dela, Victoria o fitou apreensiva.

— Não é necessário acompanhar-me até a porta — ela disse num fio de voz.

— Eu penso que é — Claredon insistiu, unindo as sobrancelhas de maneira a compor

uma expressão carregada. — Notei que estava pálida lá embaixo. O vigário a aborreceu?

Houve uma breve pausa, e Claredon teve receio de que ela se recusasse a admitir sua inquietação. Mas Victoria encolheu os ombros.

— É sempre muito difícil falar sobre meus pais.

— O que, talvez, possa explicar sua surpreendente omissão. É espantoso que não tenha me falado sobre como foi forçada a cuidar de si mesma e de sua irmã após o acidente que as deixou órfãs.

Era impossível banir da voz aquela nota contrariada, e ela arregalou os olhos numa reação surpresa.

— Você sabia que eu estava em Londres para supervisionar a apresentação de minha irmã à sociedade.

— Sabia que havia acompanhado sua irmã à capital — ele a corrigiu. — Mas presumi que a Sra. Stolden cuidasse de vocês duas.

— Tia Millie? — ela riu com escárnio e espanto. — Por Deus, ela nos procurou depois da morte de nossos pais para prestar condolências, mas nunca foi capaz de cuidar de nada que não fosse o cardápio diário.

A ruga na testa de Claredon tornou-se ainda mais profunda.

— Quantos anos você tinha?

— Quando meus pais morreram?

— Sim.

— Dezessete.

— Sua irmã?

— Catorze.

Uma onda de raiva o invadiu quando ele pensou em Victoria, ainda tão jovem e indefesa, sofrendo com a morte dos pais, e ainda sobrecarregada com tamanha responsabilidade.

Maldição. Alguém devia ter se encarregado de cuidar dela, alguém que preservasse sua segurança e seu conforto durante o doloroso luto. Alguém que, mais tarde, pudesse garantir que ela tivesse uma vida apropriada para uma jovem donzela.

— Então, nunca teve uma temporada sua? Não foi devida mente apresentada à temporada? — ele quis saber.

Victoria virou a cabeça repentinamente, tentando esconder seus traços tão expressivos.

— Nunca desejei viver uma temporada na corte.

Ele estalou a língua de forma a demonstrar incredulidade.

— Nem mesmo antes da morte de seus pais?

— Francamente, Claredon, não creio que possa estar interessado em minhas fantasias juvenis — ela respondeu num tom defensivo.

— Oh, mas eu estou muito interessado — persistiu ele, abrindo a porta e entrando nos aposentos da esposa.

Era a primeira vez que Julius visitava seu quarto, e foi com espanto que ele descobriu que a pesada mobília inglesa havia sido substituída por uma delicada madeira mais clara. O tom de pêssego que cobria as paredes se repetia no tapete de estampa floral e nas cortinas de seda, e no teto anjos roliços espiavam por trás de nuvens muito brancas. Era um ambiente inteiramente feminino, bem diferente do que esperava para urna mulher tão firme e corajosa quanto sua esposa.

O conhecimento só reforçava a idéia de que sabia muito pouco sobre a mulher que recebera seu nome. Fechando a porta com determinação, ele se apoiou nela com ar obstinado.

Havia passado da hora de terem uma conversa muito séria.

— Quero saber a verdade — Julius declarou com ousadia.

Parada no centro do quarto, Victoria o encarou com um certo receio no olhar.

— A verdade... sobre o quê?

— Como uma jovem de dezessete anos foi capaz de administrar uma casa e a propriedade da família?

Ela parecia desejar expulsá-lo do quarto, mas, notando seu ar decidido, não exigiu que saísse. Resignada, ela balançou a cabeça com tristeza.

— Como disse o Sr. Humbly, foi apenas uma questão de necessidade. Depois da morte de meus pais, foram poucos os parentes que se mostraram dispostos a receber em suas casas duas jovens solteiras. Os poucos que procuraram por nós estavam interessados apenas em pôr as mãos em nossa herança. Felizmente, a propriedade não estava vinculada e não havia título, e então, depois de eu convencer tia Millie a solicitar nossa tutela, os abutres se afastaram de nós. Afinal, ela é nossa parenta mais próxima.

Claredon pensou em si mesmo aos dezessete anos. Nessa idade, ainda nem havia saído da escola, e era irresponsável como qualquer criança. Poucas coisas eram mais importantes do que o jogo de dados, escapar ao olhar severo do diretor do educandário, e conhecer todas as formas de prazer proporcionadas por uma certa garçonete muito experiente.

Como teria reagido se seus pais houvessem morrido e ele houvesse sido forçado a assumir o papel de chefe de sua família? Claredon foi tomado por um certo desânimo ao constatar que não podia afirmar com certeza que teria tido a mesma firmeza da esposa. Por isso ele balançou a cabeça com um misto de inquietação e impaciência.

— Certamente havia alguém com quem podia contar?

— Não queria contar com ninguém. — O queixo delicado assumiu um ângulo orgulhoso. — Era perfeitamente capaz de cuidar de minha irmã e de mim mesma.

— É claro que sim. — Ele sorriu, reconhecendo a expressão familiar que aprendera a admirar em tão pouco tempo de convivência. Nessa ocasião, no entanto, ele não se deixou dominar pelo impulso de abalar aquela rígida compostura com alguma provocação. Em vez disso, forçou-se a considerar como a tragédia na vida de Victoria a transformara em uma mulher tão poderosa. — Creio que finalmente começo a entendê-la, minha querida.

Seus olhos foram tomados pela desconfiança causada pelo tom moderado.

— O que quer dizer?

— Agora entendo por que é uma mulher tão manipuladora e voluntariosa. Foi forçada a assumir o comando e dar ordens desde ainda muito jovem.

Uma absurda expressão de ultraje dominou seu rosto encantador.

— Não sou uma mulher manipuladora!

Ele não conseguiu conter uma gargalhada incrédula.

— Minha querida, você é talvez a mais implacável valentona que jamais encontrei. Não havia cavalheiro em toda a sociedade que não tenha se sentido aterrorizado por você.

— Isso é absurdo — ela protestou, os olhos verdes brilhando de indignação. — E estou certa de que você nunca teve medo de mim.

— Não — ele concedeu com generosidade e um sorriso súbito. — Mas só porque sou tão teimoso e indomável quanto você, o que, sem dúvida, explica porque estamos sempre nos enfrentando.

Como sempre, ela se recusou a admitir sua parcela de culpa na incômoda situação que viviam. Em vez disso, encarou-o com raiva crescente.

— Estamos sempre nos enfrentando porque você é extremamente arrogante e um provocador incansável.

Claredon não se deixou perturbar por suas palavras ríspidas. Estava começando a suspeitar de que ambos usavam deliberadamente palavras ferinas para manter certa distância segura entre eles. Por que sentiam necessidade de preservar essa distância era algo que não desejava considerar nesse momento.

— E você é uma megera de língua ferina — ele retorquiu sem rancor.

Victoria pôs as mãos na cintura.

— Creio que já disse o suficiente por hoje.

— Ah, mas eu ainda não terminei — ele declarou, afastando-se da porta para caminhar na direção da esposa.

Victoria ficou tensa ao vê-lo parar tão perto dela. Podia sentir seu hálito morno no rosto. Por um momento, Claredon limitou-se a encará-la.

Conhecera mulheres muito mais bonitas, algumas exuberantes o bastante para fazer parar até os mais compenetrados e sérios cavalheiros. Mas não acreditava ter conhecido antes alguém de comportamento mais fascinante. Tão estranha combinação de determinação obstinada e vulnerabilidade inocente o intrigava e atraía. E, é claro, tinha de considerar também aquele toque sutil de sensualidade que queimava bem no fundo de seus magníficos olhos verdes e tornava-se ainda mais evidente no desenho tentador da boca carnuda.

Com o sangue pulsando mais forte nas veias, ele percebeu que não se cansava nunca de estudar aquele rosto. E esse interesse inabalável era um bom presságio para o futuro que teriam juntos.

Com visível esforço, ela se obrigou a não recuar ou fugir da presença imponente.

— O que ainda pode ter para dizer? — perguntou com tom de desafio.

— Quero que saiba que também compreendo seu fascínio pelo Sr. Stice.

Como era comum ocorrer, suas narinas se dilataram num protesto instintivo.

— Jamais poderia compreender emoção tão pura.

— Pura? Não — ele a corrigiu sem hesitar ou desculpar-se. Com toda franqueza, já havia suportado por muito tempo essa crença estúpida de que seus sentimentos pelo tolo patético eram de alguma forma superiores às emoções humanas consideradas normais. Nenhuma mulher de intelecto podia considerar o tal Sr. Stice digno de qualquer sentimento que não fosse piedade. — Estava acostumada a desempenhar o papel de mãe para sua irmã, e quando ela saiu de casa, quando deixou o ninho, sem perceber você buscou substituir essa cria perdida. O desventurado e patético Sr. Stice foi a escolha perfeita.

Sua explicação lógica foi recebida com incredulidade e frieza. Era evidente que ela não se permitia considerar a idéia de que estivera desesperada para preencher um lugar deixado vazio em sua vida, ou de que tratara o Sr. Stice mais como um filho do que como amante.

— Não podia estar mais errado — ela respondeu finalmente sem alterar a voz. — Eu amava Thomas.

O coração de Claredon se contorceu tomado por um sentimento que, ele garantiu a si mesmo, só podia ser de contrariedade por ela se recusar a aceitar e admitir a verdade.

— Sim, como uma mãe ama um filho — insistiu o marido irritado.

— Não.

Maldição, ela era teimosa! Não podia nem tentar ouvir a voz da razão? Então, lembrando repentinamente tudo que ela havia suportado e a coragem que demonstrara, seu aborrecimento desapareceu.

A realidade era simples: Victoria sentira necessidade de alguém a quem pudesse amar e

de quem pudesse cuidar. E, naquele momento, não se encontrava em posição de ter um filho.

Claredon foi repentinamente atingido por um lampejo de inspiração. Óbvio!

Mulheres como Victoria precisariam sempre de alguém de quem cuidar. Não era de estranhar que ela se mostrasse tão inquieta e incapaz de aceitar o casamento com ele.

— Há uma resposta muito simples para sua frustração — ele murmurou com tom doce.

Victoria ergueu as sobrancelhas.

— Pretende desaparecer de minha vida num passe de mágica? — ela devolveu com uma voz ainda mais doce, um ex cesso que sugeria ironia.

Claredon encarou-a com firmeza:

— Tenha um filho — disse.

Um silêncio pesado caiu como um manto sobre o casal enquanto ela o fitava chocada e incrédula.

O próprio Julius não podia negar que também estava chocado. Raramente havia pensado em ter filhos. A decisão não parecera necessária até que descobrisse a mulher perfeita e se unisse a ela.

Mas, estranhamente, ia se acostumando de maneira muito rápida e sutil à idéia. Não tinha dúvida de que Victoria seria uma excelente mãe. E tinha toda a intenção de ser um pai dedicado.

Por que não começar uma família?

Recuando um passo, Victoria o fitou com um ar que indicava e ela não estava tão preparada quanto ele para assumir a responsabilidade de criar um filho.

— Bom Deus, nada o detém? — ela conseguiu perguntar com um fio de voz, superando a perplexidade. — É capaz de dizer e fazer qualquer coisa para conseguir se deitar em minha cama! Isso é ridículo!

O fato de ter tentado ao menos dessa vez considerar as necessidades dela ameaçava inflamar seu temperamento sempre tão volátil. Ele cruzou os braços e a olhou de cima, como se de repente houvesse crescido alguns centímetros.

— Não é tão irresistível quanto julga ser, minha querida. E posso afirmar que, se estivesse tão desesperado para tê-la, já a teria seduzido há muito tempo.

Incapaz de resistir a um desafio, ela jogou a cabeça para trás.

— Está enganado.

— Não estou, e nós dois sabemos disso. — Claredon cobriu a distância que os separava, erguendo a mão para remover os pentes que mantinham presas madeixas brilhantes. Cachos robustos e exuberantes caíram sobre seus ombros. — Devo provar o que digo aqui e agora?

Os lábios carnudos se entreabriram enquanto ela lutava contra uma súbita onda de calor. A tensão era quase palpável. Claredon estava perigosamente consciente de que ela nunca havia parecido mais encantadora, com os cabelos brilhando como fogo à luz dos candelabros e emoldurando seu rosto corado e suave. Para aumentar o perigo, tinham uma cama bem perto deles.

Muito, muito perto.

Aquela deliciosa veia na base de seu pescoço começou a pulsar num ritmo frenético, revelando que Victoria estava longe de sentir indiferença pelos dedos que fazia deslizar por seus ombros.

— Quero que saia dos meus aposentos imediatamente — ela decidiu incerta.

Claredon sorriu com ar triunfante.

— Está com medo, Victoria?

— Apenas enjoada. A simples noção de que você...

Qualquer que fosse o insulto que ela se preparava para proferir foi bruscamente silenciado pelos lábios que se apoderaram dos dela.

Durante cinco meses, Victoria havia negado a paixão que pulsava entre eles. Mais do que isso, fizera o melhor possível para indicar que o marido era repulsivo como uma praga.

Francamente, era hora de pôr um ponto final nessa tolice.

Sem hesitar, Claredon usou toda sua experiência suavizando deliberadamente o beijo, provocando seus deliciosos lábios até eles se abrirem.

Sentindo o tremor que a sacudiu, ele a tomou nos braços com ardor, puxando-a contra o peito. O propósito inicial do beijo havia sido o de fazê-la calar e silenciar sua incessante rispidez, mas a intenção se perdia rapidamente no prazer que o dominava.

Era delicioso tê-la em seus braços.

A suavidade de suas curvas encaixava-se perfeitamente na rigidez de seus músculos, os cabelos acetinados eram como um delicado manto sobre suas mãos e desprendiam um perfume doce e sedutor. E aquela boca? Os lábios sensuais e carnudos poderiam levar um santo à loucura.

Uma loucura que o consumia com velocidade espantosa. Uma admissão difícil para um cavalheiro que se tornara renomado por sua capacidade de ter sempre nas mãos o controle da fina arte da sedução. Uma admissão difícil... e alarmante.

Recuando, ele fitou seu rosto corado com um olhar cheio de promessas de sensualidade.

— Quero lhe dar um conselho, meu amor — disse com tom rouco. — Jamais desafie a virilidade de um homem. Tais desafios sempre aumentam a determinação de um cavalheiro em provar seu valor como amante.

Um brilho amedrontado cintilou nos olhos verdes.

— Solte-me.

— Em um instante.

— Claredon.

— Tem idéia de como é atraente? — ele indagou em voz baixa, os olhos vagando encantados pelos traços harmoniosos.

— A cor de seus cabelos lembra um abrasador pôr-do-sol, seus olhos são exuberantes e verdes como uma densa floresta, e sua pele... Sua pele é macia como a seda.

Por um momento, ela pareceu tão encantada quanto ele. Depois, com grande esforço, obrigou-se a lembrar que não gostava dele.

— Quero que saia daqui.

Claredon olhou para a cama com ar eloqüente.

— Tem certeza?

— Sim.

Com maior relutância do que gostaria de admitir, Claredon soltou-a e, deixando cair os braços ao longo do corpo, recuou alguns passos. Mas ainda não se sentia preparado para abrir mão de sua astuta idéia.

— Pense em tudo que eu disse, Victoria. Está sozinha e carente, e seria muito bom e reconfortante ter alguém a quem pudesse dedicar seu tempo e seu coração. Um filho só traria felicidade.

Ela empurrou para trás os cachos escuros, revelando que a mão tremia.

— Isso tudo é só mais um meio para tentar seduzir-me.

Ele riu, uma gargalhada seca e fria.

— Para ser franco, essa é a primeira vez em que estou realmente pensando em você. Não havia percebido em que medida havia sido forçada a fazer sacrifícios. Admiro sua força e

gostaria de encontrar um meio de proporcionar-lhe felicidade.

Uma emoção que podia ser amargura escureceu os olhos dela.

— E você é um amante disponível e interessado que, por acaso, está à mão nesse momento.

— Por que reluta tanto em admitir que também me deseja? — ele perguntou com um toque de impaciência. — Somos casados. Não há nada de vergonhoso em desfrutar das carícias de seu marido.

— Já disse que não serei mais uma de suas conquistas.

Ele tocou seu queixo para poder fitá-la nos olhos.

— Deseja ouvir uma promessa de que serei fiel?

— Jamais presumiria pedir o impossível — ela retorquiu, esquivando-se ao toque de sua mão.

— Mais uma vez, está cometendo um lamentável engano.

— Então afirma que nunca tomaria uma amante se eu o aceitasse em minha cama?

Claredon sorriu, divertindo-se com a pergunta incrédula. Havia momentos em que sua reputação era um terrível e enfadonho estorvo.

— Estou dizendo que jurei ser fiel no dia em que nos casamos — disse Claredon.

— Não seja ridículo.

— Por que acha que isso é ridículo?

— Porque... você sempre teve amantes.

— Nem sempre — ele negou, hipnotizando-a com seu olhar penetrante. — E nunca depois de me ter casado.

Victoria balançou a cabeça.

— E quer que eu acredite que uma esposa vai fazer alguma diferença para você?

— Faz toda a diferença. — Com esforço, Julius lutava contra a crescente impaciência. Sua esposa preferia acreditar no pior a seu respeito. Cabia a ele fazê-la acreditar que se casara com um homem decente, não com um devasso escandaloso que a desrespeitaria sem nenhum escrúpulo. E para isso precisava manter a calma, ou a estrangularia antes de convencê-la. — E apesar das infelizes circunstâncias que provocaram nosso casamento, agora você é minha esposa. Nessa posição, tem todo o direito de exigir meu respeito, e eu não farei nada que possa embaraçá-la.

Sua expressão até então obstinada exibiu um momento de incerteza.

— Não é incomum que um marido procure prazer fora de sua casa.

Claredon não pôde deixar de lembrar os pequenos pecados do pai, e a recordação causou certo desconforto. Ele nunca havia tomado o cuidado de esconder ou disfarçar suas infidelidades, nem mesmo para poupar a esposa que, recatada e devotada, o honrava e cuidava dos filhos e da casa sem nunca desrespeitá-lo. Não que ele fosse um homem cruel. Seu pai apenas presumia que aquele era o comportamento típico de todos os nobres cavalheiros.

— Talvez não — ele admitiu em voz baixa. — Mas, depois de ter testemunhado o sofrimento de minha mãe quando meu pai exibia sem nenhum pudor suas conquistas, tomei a decisão de nunca causar tal vergonha à minha família. Por mais que ame meu pai, jamais o perdoei por ter magoado minha mãe.

Um silêncio pesado se estendeu por alguns instantes, enquanto ela o estudava com expressão indecifrável. Claredon preparou-se para ouvir mais palavras de condenação. Nunca antes havia revelado o profundo e oculto desapontamento causado pelos deslizes do pai, e sabia que a esposa não confiava nele.

Ela consideraria a confissão mais um truque para seduzi-la? O silêncio prolongado perdurava, e quando ele já se preparava para reconhecer a derrota, Victoria suspirou resignada. Seus traços ganharam uma inesperada suavidade.

— Eu sinto muito.

Pego de surpresa pelas palavras proferidas em voz baixa, ele a encarou com as sobrancelhas erguidas.

— Sente muito... por quê?

— Sei que é muito ligado a seu pai — ela explicou perturbada, como se lutasse contra a emoção. — Por isso eu...

— Sim? Você o quê?

—... por isso presumi que estaria disposto a seguir seu exemplo.

Claredon respirou fundo, compreendendo que ambos haviam tirado diversas conclusões precipitadas e erradas.

— Devia ter falado comigo antes de simplesmente imaginar o pior, não acha? — ele sugeriu com um sorriso pálido.

— Você nunca deu nenhuma indicação de que considerava nosso casamento como algo mais do que uma terrível piada.

— Tem razão. Creio que nós dois erramos. Nenhum de nós jamais tentou dar o primeiro passo na direção de um melhor entendimento.

— Não — ela concordou.

— Talvez devamos considerar as palavras do vigário.

— Que palavras?

— Ele sugeriu que tentássemos tirar o melhor proveito possível de nossa situação. Afinal, estamos ligados um ao outro.

Mais uma vez, emoções indefiníveis escureceram os profundos olhos verdes antes de ela se virar repentinamente.

— Não é tão simples.

Claredon engoliu um suspiro impaciente e passou a mão na cabeça, um sinal claro de impaciência. A mulher era teimosa como um touro!

— Prefere passar os próximos cinqüenta anos me insultando, suportando meus insultos e dedicando-se a transformar nossa vida num inferno em vida? — ele disparou irritado.

— É claro que não. Mas não posso deixar de considerar o fato de que somos pouco mais do que estranhos forçados a essa nossa situação porque você queria seduzir minha prima.

Ele ficou tenso. Não aceitaria sozinho toda a culpa da situação que viviam.

— E porque você estava fugindo com um idiota e, para encobrir suas pistas, fingia ser sua prima — acusou-a. — Caso tenha esquecido, duas pessoas foram surpreendidas naquela cama.

Recusava-se a encará-lo, pois não poderia esconder o constrangimento que, sabia, estava estampado em seus olhos.

—Você a amava?

— O quê? De quem está falando agora?

— Minha prima... Você a amava?

— Por Deus, não! — Pensar em lady Westfield o enchia de repulsa, embora antes a houvesse cogitado como uma possível conquista. Bela, porém fria como um predador, a mulher era um perigo para todos os cavalheiros que dela se aproximassem. Era incrível que ela tivesse algum laço de sangue com Victoria, mesmo que remoto. — Sei que corro o risco de soar

indelicado, talvez até grosseiro, mas lutei com valentia contra suas tentativas de sedução ao longo do último ano.

Uma gargalhada sufocada cortou o ar.

— Perdoe-me se tenho certa dificuldade para acreditar nisso.

Ele conteve o impulso de sacudi-la. Não estava habituado à necessidade de explicar-se a quem quer que fosse, muito menos a uma gazela inocente que não sabia nada sobre os jogos insignificantes com que se divertiam os membros mais experientes da sociedade.

— Se precisa mesmo conhecer todos os detalhes dessa sórdida realidade, ela me seguiu desde Londres — Claredon revelou com tom ríspido, descobrindo que não se sentia inteiramente orgulhoso de suas ações naquela noite fatídica. — E não foi a primeira vez que ela tomou uma atitude tão... ousada. Certa vez, lady Westfield teve o atrevimento de esgueirar-se para dentro de minha casa na cidade usando a entrada dos empregados. Como não desejava ser seguido por ela até o campo, esperava que, oferecendo finalmente o prêmio que ela buscava com tanto empenho, pudesse por fim ter paz.

Ela se virou lentamente para encará-lo com evidente perplexidade.

— Oh...

Os lábios dele se distenderam num sorriso gelado. Não era simples discutir seu comportamento escandaloso com uma inocente virtuosa. Com toda honestidade, começava a se sentir um pouco culpado... o que era absurdo, certamente.

— Ficou chocada com minhas revelações, minha querida?

— Não compreendo como pode ser tão casual ao tratar de assuntos tão delicados. — Sua desaprovação era evidente.

Claredon balançou a cabeça lentamente enquanto se aproximava dela. Não a deixaria pensar que a considerava apenas mais uma mulher. Ela era sua esposa, sua companheira de vida.

— Não há nada de casual na maneira como reajo a sua presença, Victoria. Creio que nenhuma outra mulher jamais me atormentou com tão frustrante persistência.

— Certamente, porque nenhuma outra mulher jamais se incomodou em resistir aos seus avanços.

— Oh, não, é mais do que isso. Eu... — As doces palavras de sedução que planejava murmurar foram rudemente interrompidas por um grito distante e agudo. Intrigado, ele olhou para a porta. — Que diabo foi isso?

— Creio ter identificado a voz do vigário Humbly — ela disse, movendo-se com velocidade surpreendente para abrir a porta e desaparecer no corredor.

Sozinho, Claredon ergueu as duas mãos como se pedisse clemência a algum domínio superior.

Só podia presumir que estava sendo punido por sua longa lista de pecados. Por que mais o destino o uniria à única mulher que não podia seduzir em toda a Inglaterra? Era realmente uma ironia surpreendente.

— Maldição — ele murmurou, movendo-se para seguir a irritante esposa.

Capítulo V

Depois de quase sessenta anos de vida, poucas coisas ainda conseguiam assustar o

vigário Humbly.

Já havia sido alvejado por um tiro uma vez quando se aproximara demais de um bando de ladrões. Fora forçado a fazer um parto no meio de um serviço religioso, na igreja. Vivera até o escândalo de se deparar com uma visita inoportuna no meio da noite, quando uma viúva desesperada por um marido invadira seus aposentos.

Mas o sofisticado vigário não podia negar que estava chocado depois de ter entrado na biblioteca e se deparado com um homem pulando a janela.

Assustado, ele parou e gritou antes mesmo de pensar em se conter.

Como era de se esperar, o invasor ficara paralisado pelo terror ao ser descoberto. Em seguida, com velocidade espantosa, ele se havia atirado pela janela e desaparecido na noite.

Percebendo que o malfeitor fugia, Humbly correu até a janela para tentar localizá-lo ou, ao menos, poder indicar que direção ele havia seguido.

Maldição!

Não devia ter alertado o intruso de sua presença. Pelo contrário, devia ter ficado bem quieto e saído da biblioteca para ir buscar os dois lacaios fortes e musculosos, homens jovens e valentes que teriam detido o vilão.

Agora era tarde demais.

Praguejando contra a própria estupidez, Humbly se virou e encontrou Victoria entrando no aposento com uma expressão preocupada.

— Vigário Humbly, o que aconteceu? — ela perguntou. — Sofreu algum acidente?

Sem se dar conta de que seu grito havia ecoado por toda a casa, Humbly ofereceu um sorriso embaraçado.

— Não, não. Perdoe-me por ter criado toda essa confusão — ele murmurou enquanto caminhava para a jovem protegida.

— Sinto-me tolo.

Ela franziu a testa sem tentar esconder a desconfiança.

— Alguma coisa deve ter acontecido.

— De fato — concordou uma voz máscula e sombria. As palavras breves anunciaram a chegada de Claredon, que já entrava na biblioteca. — O que houve, Humbly?

O vigário refletiu rapidamente. Não desejava causar nenhuma preocupação desnecessária ao casal. Afinal, era inteligente o bastante para perceber que o casamento dos dois não era tão satisfatório quanto eles desejavam fazer parecer. Não era tão tolo a ponto de não notar o tenso antagonismo que pairava no ar entre eles, nem o pânico de Victoria cada vez que o marido a tocava. Era óbvio que eles precisavam se concentrar no futuro e na construção de uma vida a dois, em vez de lamentarem o passado que julgavam ter perdido. Não queria que um infeliz incidente os distraísse dessa difícil e necessária missão.

Por outro lado, Claredon tinha o direito de saber que sua casa havia sido invadida. Quem podia imaginar que intenção tinha o vilão? Não podia permitir que todos os moradores daquela residência fossem expostos ao perigo em conseqüência de seu silêncio.

Suspirando profundamente por estar acrescentando ainda mais um problema à enorme lista da pobre Victoria, ele ajeitou os cabelos grisalhos.

— Sim, bem, eu já me havia recolhido ao quarto para me deitar, quando me dei conta de que havia esquecido meu relógio na biblioteca. Receio que essa não tenha sido uma ocorrência incomum, na verdade. Estou sempre esquecendo o relógio em algum lugar. Um terrível inconveniente, como podem imaginar.

— Sim, eu posso imaginar — Claredon respondeu com paciência forçada. — Mas ainda não explicou a razão de seu grito.

— É claro... — Humbly sorriu como se pedisse desculpas por ter se desviado do assunto. — Como eu dizia, esqueci meu relógio, e decidi voltar à biblioteca para buscá-lo enquanto ainda conseguia lembrar onde o vira pela última vez. Mas, assim que entrei naquele aposento, vi um cavalheiro pulando a janela.

— O quê? — Victoria reagiu horrorizada.

Claredon atravessou todo o espaço da biblioteca para ir verificar a janela deixada aberta.

— Confesso que fiquei assustado demais para raciocinar — admitiu o vigário. — Agora percebo que devia ter ido procurar um dos criados para agarrar o ladrão, em vez de gritar e assustá-lo daquela maneira.

Victoria levou uma das mãos ao coração.

— Bom Deus, então crê que tenha sido mesmo um ladrão?

— A trava da janela foi forçada — Claredon anunciou do outro lado da sala, com apreensão.

— Mas por quê? — Victoria balançava a cabeça. — O que um ladrão poderia desejar aqui?

Claredon ergueu os ombros, o rosto tomado por uma súbita rigidez.

— É difícil dizer. Restauramos toda a propriedade recentemente, e há poucos objetos de valor por aqui. A maior parte de minha coleção de obras de arte e manuscritos raros ainda está na minha casa em Londres. E, é claro, as jóias Moreland permanecem em poder de minha mãe.

— Talvez a prata ou a porcelana que seus pais nos deram por ocasião do casamento? — ela sugeriu sem muita confiança.

— Ou o ladrão não sabia que vocês eram novos na vizinhança — Humbly opinou.

Claredon balançou a cabeça e fechou a janela. Obviamente, não se sentia satisfeito com as explicações vazias. Humbly tinha de admitir que também as julgava implausíveis.

— Não faz sentido — o dono da casa persistiu enquanto atravessava a biblioteca. — Por que um ladrão escolheria esta pequena propriedade, quando existem outras mais ricas e maiores tão perto daqui? Ou por que, considerando que houvesse alguma coisa de valor aqui, ele decidiria entrar enquanto estamos em casa?

O religioso ergueu as duas mãos.

— Suponho que o desespero pode levar um homem a ações que não são inteiramente compreensíveis para outros. A esperança perdida faz adoecer o coração, mas um desejo realizado é uma árvore de vida.

Claredon não se deixou comover pela citação do vigário. Pelo contrário, ele parecia inabalável. Havia um brilho frio e perigoso naqueles olhos azuis que provocava arrepios em sua coluna. Não gostaria de ser o pobre tolo que tanto enfurecera lorde Claredon.

— É capaz de se lembrar de alguma coisa do invasor? — quis saber Julius.

Nervoso com aquele olhar penetrante, o vigário tentou formar uma imagem do homem que vira tão rapidamente. Não era uma tarefa fácil, considerando que estivera bastante perturbado naquele momento.

— Deixe-me pensar — ele murmurou. — Ele era jovem Não muito mais velho que Victoria, acho. E era magro... e tinha cabelos claros. Castanhos claros.

— E quanto ao porte físico? Ele era alto ou baixo?

O vigário balançou a cabeça pedindo desculpas, lamentando não ter prestado mais atenção ao desconhecido.

— Realmente, não posso dizer. Ele estava pulando a janela quando o surpreendi, e meu grito o assustou. E claro que ele escapou antes mesmo de concluir sua invasão. Além do mais, o

pouco que pude ver era coberto por uma capa preta.

— Uma capa? — A voz de Claredon era cada vez mais incisiva.

Sem saber ao certo por que uma capa assustaria tanto o jovem cavalheiro, Humbly moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Sim. Uma capa de cetim.

— Não creio que esse seja o traje típico de um bandido comum.

— Não, meu lorde. — Finalmente compreendia a surpresa de Claredon. Que criminoso desesperado poderia pagar por uma capa de cetim? Um homem disposto a roubar provavelmente vestiria roupas rústicas e simples, não um acessório propício a uma noite na ópera.

— O que é? — Victoria perguntou intrigada.

— Agora que penso nisso, ele parecia mais um nobre do que um comum — Humbly confessou com tom pensativo.

— Isso está ficando mais estranho a cada momento — opinou Claredon. — Não é capaz de pensar em nada que nos ajude a reconhecê-lo?

Concordando com a estranheza da história, o vigário vasculhou a mente em busca de alguma coisa que pudesse ser útil. Infelizmente, não conseguia pensar em nada.

— É muito difícil descrever um rosto com palavras.

— Espere. Tenho uma idéia — Victoria interferiu animada. — Voltarei num instante.

Sem dar aos cavalheiros uma chance para protestar, ela saiu da sala. Surpreso com a súbita partida da jovem, Humbly notou como Claredon dava um passo na direção da porta, como se relutasse em deixar a esposa escapar do alcance de seus olhos.

Um sorriso de satisfação bailou em seus lábios, mas ele o escondeu rapidamente. A demonstração inconsciente de proteção com relação à esposa era muito mais convincente do que todas as outras propositais exibições de afeto oferecidas pelo cavalheiro anteriormente.

Talvez ele ainda não houvesse percebido seus sentimentos por Victoria, mas Humbly se sentia mais do que certo de que eles existiam, embora ainda relutantes.

Esperaram num silêncio tenso pelo retorno de lady Claredon. Humbly aproveitava para estudar com discrição as linhas apreensivas do rosto do lorde que, inquieto, andava de um lado para o outro.

Momentos mais tarde, Victoria entrou na sala levando um bloco de papel e pedaços de carvão. Ela seguiu diretamente para a mesa, onde ajeitou uma folha limpa.

— O que está fazendo? — Seu marido perguntou com a testa franzida.

— Devemos criar um rosto que possa ser reconhecido — ela respondeu com simplicidade, voltando sua atenção para Humbly. — Agora, vigário, diga-me mais uma vez como eram os traços desse homem. Disse que ele era magro... Mais magro que Claredon?

Intrigado com a idéia de Victoria, Humbly aproximou-se da mesa e ficou em pé atrás da cadeira onde ela se sentara, olhando por cima de seu ombro para as poucas linhas que ela já havia traçado.

— Sim — concordou, tentando dar maior nitidez às lembranças vagas que tinha do invasor. — E mais alto, com um queixo pontudo.

— E o nariz?

Por quase meia hora, Victoria o interrogou desejando tomar conhecimento dos detalhes de cada traço, até que, depois de pelo menos uma dúzia de esboços diferentes, Humbly se deu por satisfeito. Ela havia conseguido capturar no desenho a imagem básica do desconhecido.

— Aí está — pronunciou orgulhoso, segurando o desenho entre as mãos. — Este aqui é bem parecido.

Claredon aproximou-se e, em pé ao lado do religioso, sorriu para a esposa com evidente surpresa.

— Muito astuto, minha querida.

Uma onda de calor tingiu de vermelho o rosto de Victoria, que se levantou.

— Usaremos o desenho para interrogar os criados e os colonos. Talvez um deles tenha notado na vizinhança algum cavalheiro com essas características.

— Sim. — O sorriso de antes deu lugar à determinação endurecida no rosto do lorde. — Gostaria muito de poder trocar algumas palavras com esse invasor.

Victoria fitou-o preocupada, como se sentisse que o marido estava disposto a ir às últimas conseqüências para descobrir quem ousara invadir sua casa.

— Mas não hoje, espero — ela disse.

Claredon parou, como se relutasse em admitir que não havia nada que pudesse fazer àquela hora da noite. Finalmente, ele encolheu os ombros.

— Não, já é muito tarde. É melhor ir para a cama, minha querida.

— Sim — ela concordou distraída. — Tem razão. Boa noite.

Ela se virou para sair, e Humbly conteve um sorriso quando Claredon a seguiu apressado.

— Victoria — ele chamou, detendo-a antes que pudesse passar pela porta.

Virando-se, ela o encarou curiosa.

— O que é?

As mãos buscaram seu rosto e, segurando-o, ele se inclinou para depositar um beijo em sua testa.

— Tranque a porta do quarto.

Assustada demais para protestar, ela se afastou com passos apressados pelo corredor silencioso.

Depois de assistir ao momento de terna preocupação, Humbly não pôde deixar de sorrir.

Finalmente, Victoria parecia ter encontrado um defensor disposto a tudo para protegê-la.

Sem se dar conta do olhar atento do vigário, Claredon viu a esposa se dirigir à escada tomada pelas sombras. Foi preciso um grande esforço para permitir que ela se afastasse do alcance de seus olhos.

Ficara muito perturbado por saber que alguém, certamente um vilão mal-intencionado, tentara entrar em sua casa. Não que sentisse medo por si mesmo. Sempre se mantivera em excelente forma física e era muito eficiente com os punhos, sem mencionar sua habilidade com a pistola. Qualquer velhaco que tentasse superá-lo na arte da luta logo descobriria que tal façanha era praticamente impossível.

Mas tomar conhecimento de que Victoria havia estado exposta a algum tipo de perigo era suficiente para fazer seu sangue correr mais depressa nas veias. E se ela houvesse encontrado o invasor? E se o desconhecido houvesse conseguido penetrar no quarto dela sem que ninguém o visse?

— E se...

Os inúmeros desastres possíveis desfilavam por sua mente com velocidade alarmante. Em toda sua vida, nunca fora responsável por outra pessoa, e estava descobrindo um forte instinto protetor ganhando vida em seu peito, um sentimento que nem sabia possuir.

Era assustador reconhecer a dor provocada pela simples idéia de sua esposa correndo perigo. Mais espantosa ainda era sua determinação em pôr um ponto final nesse perigo.

Girando sobre os calcanhares, Claredon caminhou até o móvel de mogno que fazia as vezes de bar.

— Acho que estou precisando de um drinque. Não quer me acompanhar, Humbly? — ele o convidou com tom tenso.

— Sim, um conhaque viria em boa hora — o vigário aceitou prontamente.

Servindo duas generosas medidas de conhaque em taças de bocal largo, Claredon entregou uma delas ao hóspede, depois esvaziou a outra de um só gole. O calor da bebida ajudou a espantar parte da fúria fria que o dominava, e ele ofereceu ao visitante um sorriso pálido.

— Essa deve ter sido uma noite muito atribulada para você, meu caro Humbly.

— Sim, muito. Fiquei muito assustado quando, ao entrar neste aposento, me deparei com um cavalheiro pendurado na janela.

— Posso imaginar.

— Desejaria, no entanto, ter guardado silêncio. Se não houvesse gritado seu nome, certamente teríamos posto as mãos no invasor.

Claredon moveu a mão como se quisesse aplacar os pesares do bom religioso. Também teria gostado muito de capturar o canalha no momento em que ele pusera os pés em sua propriedade, mas não podia culpar o pobre homem por sua reação instintiva.

— Bobagem. Se o vilão tivesse de fato conseguido entrar na casa, não há como saber que males ele poderia ter causado. Se estivesse armado, teria sido muito difícil dominá-lo.

Visivelmente mais calmo, o Sr. Humbly moveu a cabeça em sentido afirmativo.

— Suponho que esteja certo.

— Estou aliviado por não ter sofrido nenhum mal.

Sem aviso prévio, o religioso deixou escapar uma súbita e estrondosa gargalhada.

— Para ser honesto, creio que ele ficou mais assustado que eu quando entrei na sala — disse depois de conter-se.

— Um amador, então.

— Foi o que imaginei.

— Mesmo assim, não faz sentido. — Claredon deixou o copo sobre a mesa com um baque surdo. Não gostava da incômoda sensação de que havia algo nessa situação que não conseguia identificar. — Bem, seja o invasor um amador ou um ladrão experiente, ele deve ter percebido que os criados se movimentavam pela casa apagando as velas e verificando as lareiras.

— Um mistério, realmente — Humbly concordou com tom solidário. — Talvez o desenho de Victoria possa nos ajudar a descobrir sua identidade.

Claredon lançou um olhar para o esboço que o vigário deixara sobre a mesa. Sentia um estranho e inesperado orgulho por como a esposa abordara de maneira sensata e inteligente a questão sobre a descoberta do invasor. Diferentemente da maioria das mulheres, ela não se deixara dominar pelo pânico nem desmaiara ao tomar conhecimento de que um desconhecido invadira sua casa. Em vez disso, mantivera a calma e, com equilíbrio, oferecera sua assistência com uma invejável presença de espírito.

— Sim — ele murmurou. — Pretendo ir procurar os colonos amanhã mesmo com esse esboço, e depois o levarei ao vilarejo. Se ele está hospedado em algum local da região, certamente o encontraremos.

— Victoria teve uma excelente idéia quando sugeriu esse desenho.

Um sorriso orgulhoso distendeu os lábios do lorde.

— Victoria é sempre brilhante.

O vigário terminou de beber seu conhaque e deixou a taça sobre a mesa.

— Espero que ela não tenha ficado muito amedrontada com o incidente.

— Victoria? Não creio ter visto minha esposa amedrontada com nada — ele disse,

percebendo em seguida que não estava sendo inteiramente honesto. Naquela noite fatídica em que acordara em seus braços, ela havia ficado muito amedrontada. Tanto que seus gritos haviam atraído todos que estavam na hospedaria para a porta do quarto. — Bem, talvez uma vez.

Com uma sutileza astuta que geralmente ficava escondida sob seu ar vago, o vigário tossiu.

— Sim, realmente — disse, tentando ajeitar a gravata amar rotada. — Ela não é uma jovem muito nervosa. O que é muito bom para ela, certamente, considerando todas as provações que já teve de enfrentar.

Claredon não pôde deixar de sorrir das palavras comedidas.

— Devo me considerar uma dessas provações?

O cavalheiro teve a graça de corar diante da pergunta direta.

— Na verdade, refiro-me mais aos eventos que levaram ao seu casamento — ele corrigiu apressado.

Claredon encolheu os ombros. Não se sentia ansioso para discutir seu casamento com o vigário. Não compartilhava a confiança de Victoria sobre serem capazes de ocultar o estado de conflito em que viviam.

— Foram infelizes, concordo, mas aceitamos a situação — ele mentiu relutante.

— Os olhos do vigário ganharam um brilho interessado.

— É mesmo?

— Sim, aceitamos a situação tão bem quanto é possível.

Um silêncio tenso se fez presente antes de Humbly pigarrear com alguma delicadeza.

— Desculpe-me se invado sua privacidade, mas havia outra mulher com quem desejasse se casar?

A percepção do cavalheiro pegou Claredon desprevenido, e antes que pudesse conter-se, ele já movia a cabeça em sentido afirmativo.

— Oh, sim.

— Entendo. E sinto muito.

Sentindo-se tolo por ter revelado suas mais íntimas esperanças para o futuro, Claredon balançou a cabeça. Não podia permitir que o vigário pensasse que estava sofrendo por conta de um coração partido. Seu problema eram os sonhos despedaçados.

— Não lamente por mim. Ainda não a havia encontrado.

Como era de se esperar, o vigário se mostrou confuso.

— O que disse?

Certo de que agia como um lunático, Claredon deixou escapar um suspiro.

— Ela existia apenas em minha mente — confessou relutante. — Sempre tive comigo a imagem da donzela perfeita que um dia desposaria.

— Entendo — o vigário murmurou, deixando-o com a incômoda sensação de que talvez ele realmente entendesse. Muito bem. — Não sabia que um dia havia existido uma donzela Perfeita.

Claredon sufocou a onda de impaciência provocada pela insistência do bom homem.

— Quis dizer perfeita para mim.

— Ah... — Um brilho misterioso iluminou seus olhos. — E que tipo de mulher ela seria?

Claredon não confiava naquele brilho repentino, nem no inconfundível sentimento de que havia mais do que um simples traço de deboche na voz dele.

— Boa. Corajosa. Leal. Inteligente — ele se obrigou a responder com tom seco.

Ninguém poderia compreender seu desejo de encontrar essa mulher que até então só existira em seu coração e em seus pensamentos, nem seus motivos para buscá-la. — Também seria bom se ela tivesse um certo senso de humor.

Humbly ergueu as sobrancelhas.

— E nunca encontrou uma jovem que possuísse essas qualidades?

— Como estou certo de que deve saber, dediquei pouca atenção à busca de mulheres perfeitas. Sempre achei que haveria o momento certo para isso. Para encontrar uma esposa apropriada.

Houve uma pausa deliberada antes de Humbly sorrir.

— Tenho a impressão de que, apesar das circunstâncias de seu casamento, você conseguiu desposar exatamente o tipo de mulher que desejava.

Claredon sorriu ao ouvir as palavras doces.

Victoria era a mulher com quem sonhara por tantos anos?

Ridículo, certamente.

Ela era teimosa, dona de uma língua ferina e de um temperamento indomável, e também abrigava um amargo ressentimento por ter sido forçada a tornar-se sua esposa. Não havia nada nela que lembrasse a jovem suave, amorosa e doce que esperava encontrar.

Mesmo assim, não podia negar que o argumento do vigário era legítimo.

Victoria possuía coragem, lealdade e uma inteligência aguada. Também era atraente e totalmente desejável, embora nunca baixasse as barreiras de proteção de que se cercava. Sim, sabia que podia ter encontrado destino muito pior, ele reconheceu com um sorriso frio.

— Talvez — concedeu, ainda se sentindo despreparado para declarar Victoria a parceira ideal.

Não enquanto ela o estivesse levando à loucura.

Decifrando com grande facilidade a ausência de entusiasmo por trás de sua resposta, Humbly o encarou com ar atento e perspicaz.

— Imagino que o início de um casamento seja difícil para todos os casais, especialmente quando a união não corresponde precisamente ao desejo de nenhum dos dois.

Claredon quase riu do comentário simplista. Seu casamento com Victoria não havia sido difícil. Havia sido impossível!

— Não tem idéia de como está certo, Humbly.

— Talvez eu tenha alguma idéia. Na verdade, nunca quis me tornar vigário.

Incapaz de fazer a ligação entre seu casamento e a escolha do ofício religioso, Claredon franziu a testa. Talvez o pobre homem estivesse mais confuso do que havia percebido de início.

— Não?

— Certamente não — Humbly respondeu com serenidade e aparente lucidez. — O trabalho de vigário sempre me pareceu árduo demais, com poucas recompensas e, é claro, ainda mais difícil para um jovem fogoso que sempre se interessou muito pelas moças. Eu pretendia me juntar ao exército. Nunca consegui imaginar nada mais imponente do que um cavalheiro fardado.

Claredon sorriu, apesar de si mesmo. Pensar no vigário roliço e distraído metido numa farda era certamente hilário.

— Presumo que tenha mudado de idéia?

— Não. Meu pai simplesmente se negou a arcar com os custos da compra de uma comissão militar. — Humbly deixou escapar um suspiro saudoso. — E também se recusou a custear qualquer outro plano grandioso que eu pudesse ter. Ou me tornava um vigário, ou seria banido da família.

Tendo sido sempre muito mimado pelo pai, Claredon recebeu a declaração com grande surpresa.

— Um ultimato bastante duro.

— Sim, e confesso que alimentei ressentimentos por muito tempo, meu caro lorde.

— Como qualquer jovem cavalheiro os teria alimentado, por certo.

Aquele brilho inquietante voltou a iluminar seus olhos.

— Levei muito tempo para perceber que o ressentimento pela perda de meu sonho prejudicava apenas a mim mesmo. Havia acatado as exigências de meu pai, em vez de seguir meu desejo e enfrentar o mundo sozinho, e cabia apenas a mim tirar algo de bom dessa escolha. Era isso, ou me entregar à amargura.

Claredon sorriu com cinismo da provocação disfarçada. Sabia que a velha raposa se referia diretamente ao seu casamento com Victoria.

— Fala como se fosse muito simples...

O religioso encolheu os ombros.

— E foi, depois de eu aceitar que meu caminho estava traçado para seguir em uma direção nunca antes por mim imaginada.

— E não se arrepende?

— Bem, reconheço que trago comigo alguns pesares. Ainda acho que teria ficado muito atraente numa farda — Humbly comentou com um sorriso doce. — mas, no final, estou satisfeito por ter sido o melhor vigário que me senti capaz de ser. Há uma grande medida de satisfação nisso. Bem, agora vou desejar boa-noite ao meu caro anfitrião. Creio ter tido excitação demais para um único dia.

Com uma inclinação respeitosa, o vigário se virou para sair da sala.

Claredon o viu sair e balançou a cabeça. Apesar da irritação que sentira ao ser sutilmente censurado pelo cavalheiro, não podia negar o sentido existente nas palavras de Humbly. Seu caminho havia sido irrevogavelmente alterado no dia em que se casara com Victoria. Já era hora de abandonar essa fantasia infantil e abrir mão do ressentimento por saber que jamais conheceria a donzela de seus sonhos.

Era a única maneira de encontrar espaço para Victoria em seu coração.

Capítulo VI

Na manhã seguinte, Victoria precisou de muita coragem para deixar seus aposentos.

Apesar da firme determinação em banir da mente todas as reminiscências de Claredon, passara uma longa noite de insônia recordando suas absurdas acusações.

Como ele ousava afirmar que seu amor por Thomas era o de uma mãe por seu filho? Thomas possuía uma natureza mais doce e generosa do que a de Claredon, e o amor que os unira havia sido mais de amizade do que de paixão, mas isso não queria dizer que houvesse se ligado a ele simplesmente para realizar algum estranho desejo de ter alguém de quem cuidar.

Era inteiramente ridículo.

Então por que passara toda a noite se virando na cama?

Por que toda aquela conversa sobre ter filhos despertara nela uma profunda dor, uma

solidão que havia tentado manter soterrada de todas as formas? Por que ele a forçara a realmente considerar a idéia de que estavam para sempre unidos um ao outro? Por que ele havia prometido ser um marido fiel? Por que, por um momento, quando ele a tivera nos braços, havia desejado permanecer ali para sempre?

Todos esses pensamentos eram inquietantes, e preferia não ter de considerá-los.

Por isso, ela se levantou da cama e voltou deliberadamente toda sua atenção para o estranho invasor que havia tentado penetrar em Longmeade. Sem dúvida, Claredon já dera início à pesquisa para localizar o vilão, e embora uma parte dela ansiasse por poder permanecer em seu quarto e fugir da perturbadora companhia do marido, um lado mais sensível de sua natureza percebia que tinha o dever de ir oferecer sua ajuda.

Afinal, aquela casa era tão dela quanto de Claredon, e não tinha a menor intenção de permitir que vilões mal-intencionados entrassem e saíssem por suas janelas. Com esse pensamento em mente, ela foi procurar por Claredon.

Foi uma grande surpresa descobrir que ele não estava nada ansioso para permitir que ela o acompanhasse enquanto interrogava os colonos, ou quando se preparava para viajar ao vilarejo e conversar com os comerciantes locais. De maneira ridícula, ele alegava que a responsabilidade de proteger a casa e seus habitantes era inteiramente dele. Claredon só concordou com sua presença na carruagem porque ela foi igualmente teimosa e obstinada.

Francamente, ela refletia enquanto esperava que o marido retornasse da hospedaria, era de se imaginar que ele acreditava que toda a área rural estava tomada por perigosos malfeitores! Para uma mulher que nunca tivera ninguém se ocupando de sua segurança ou de seu bem-estar, a sensação de ser tratada como um delicado objeto era decididamente estranha.

Estranha, mas não inteiramente desagradável, apontou uma voz traiçoeira no fundo de sua mente.

Não que pretendesse permitir que Claredon a dominasse ou que ditasse o que devia ou podia fazer, mas havia algo de muito agradável em ter alguém que a considerasse uma mulher vulnerável, não a invencível Victoria.

Balançando a cabeça como que para censurar o ridículo pensamento, ela olhou pela janela para a porta da movimentada hospedaria. O clima ameno do verão mudara de repente, e agora uma garoa fina pintava de branco a paisagem do vilarejo. Através da densa névoa, Victoria finalmente viu a elegante silhueta de seu marido.

Um delicioso e familiar arrepio de reconhecimento percorreu suas costas quando ele se aproximou, como se seu corpo possuísse uma conexão especial com o dele, algo que ia além da mente racional.

Era um reconhecimento que ela havia constatado antes, no início do casamento, e por isso lutava bravamente contra suas tentativas de sedução. Podia não ser capaz de controlar as desgovernadas reações de seu corpo, mas era sensata o bastante para saber que paixão sem amor geraria uma relação superficial, vazia.

Com graça e elegância, Claredon entrou na carruagem e fechou a porta. Com cuidado, ele removeu o casaco molhado e deixou-o no assento vazio diante deles antes de se sentar ao lado da esposa.

— E então? — Victoria perguntou impaciente. Na verdade, estava curiosa, sim, mas também queria distrair-se do aroma desprendido por aquele corpo másculo.

Um sorriso distendeu os lábios do lorde.

— Sucesso, afinal.

Victoria arregalou os olhos numa reação atônita.

— O quê? Alguém reconheceu o desenho?

— Ele disse que o homem chegou há dois dias e registrou-se como Frank Smith.

Victoria estremeceu. Sabia que seu comportamento era ridículo, mas tomar conhecimento de que alguém havia reconhecido o invasor tornava tudo mais real... e assustador. De repente, ele não era mais uma forma vaga imaginada pelo vigário Humbly, mas um vilão de carne e osso que, numa demonstração de ousadia, instalara-se na hospedaria local.

— Não é um nome original — ela comentou.

— Não. Mais uma indicação de que esse homem não é um criminoso muito astuto.

— Mas o que ele pode querer de nos?

— Isso é o que pretendo descobrir.

Havia uma nota ameaçadora na voz dele, um som que desenhou uma ruga na testa de Victoria.

— O que vai fazer?

Como se sentisse sua preocupação, Claredon encolheu os ombros de modo a diminuir a importância de seus atos.

— O responsável pela hospedaria afirma ter visto o Sr. Smith saindo da hospedaria hoje bem cedo. Ele terá de retornar mais cedo ou mais tarde, e pretendo estar esperando por ele.

Victoria balançou a cabeça, protestando instintivamente contra a idéia de seu marido ficar ali exposto a um criminoso.

— Não creio que seja uma decisão muito astuta.

— Por que não?

— Pode ser perigoso.

Uma inegável emoção o tomou de assalto, e ele sorriu como que para tranqüilizá-la.

— Pretendo esperar por ele em um salão público. Não há nada que ele possa fazer contra mim enquanto estivermos cercados por outras pessoas.

— Não pode estar certo disso.

Ele a estudou por um momento antes de balançar a cabeça mais uma vez.

— Você me surpreende, Victoria.

— Por quê?

— Bem, não posso deixar de pensar em quanto seria conveniente para você, caso alguém desse cabo de mim.

O choque inicial foi rapidamente substituído por uma onda de fúria. Como ele podia insinuar que preferia vê-lo morto, e ainda falar com toda aquela calma?

— Como se atreve a me acusar de algo tão horrível — ela disparou com voz trêmula.

Claredon riu e estendeu a mão para segurar seu punho cerrado.

— Perdoe-me, não fui muito generoso em meu comentário.

Ela olhou para a mão que segurava a dela. Estava zangada e estranhamente magoada por ele a julgar capaz de um desejo tão egoísta e cruel.

— Não desejaria a morte de ninguém — disse.

— É claro que não. Nem eu acredito realmente que pudesse ter tal desejo, mas o orgulho de um cavalheiro pode provocar atitudes imprevisíveis e inexplicáveis.

Ela o encarou intrigada, confusa com sua justificativa nebulosa.

— O quê?

— Não tem importância. — Ele afagou sua mão. — É hora de voltar a Longmeade.

— Sem você? — Victoria perguntou preocupada, lembrando sua determinação de ficar e esperar pelo homem que podia ser o invasor de sua casa.

— Johnson a levará para casa e voltará mais tarde para apanhar-me aqui.

Sem perceber, ela ergueu os ombros numa atitude determinada e teimosa.

— Não. Não pode ficar aqui sozinho.

— Asseguro-lhe de que não há perigo algum.

— Nesse caso, permita-me ficar aqui - ela insistiu.

Claredon tocou uma mecha de cabelo que havia escapado de sob a touca

— Victoria, não pode permanecer em um salão público.

— Eu fico esperando aqui na carruagem — ela sugeriu tentando ignorar o intenso prazer provocado pela mão roçando seu rosto. — Se vir um homem entrando na hospedaria, mandarei um dos cocheiros informá-lo.

Ele já balançava a cabeça antes mesmo de ela terminar de falar.

— Se esse homem for capaz de reconhecer nossa carruagem, certamente fugirá.

Victoria suspirou resignada ao ouvir o argumento lógico. Mesmo assim, não permitiria que ele ficasse ali sozinho, expondo-se a tão temível perigo.

— Não quero que fique aqui sozinho — disse, utilizando um tom que manifestava toda sua obstinação.

Um sorriso apreensivo e satisfeito brincou nos lábios de Claredon antes de ele mover a cabeça em sentido afirmativo com alguma relutância.

— Certo, um dos cocheiros ficará aqui comigo.

— E você vai tomar cuidado — ela exigiu.

— Sim, tomarei muito cuidado. — Fitando-a, ele inclinou a cabeça.

Victoria sabia que o marido se preparava para beijá-la. Também sabia que ele estava retardando o beijo a fim de permitir que o detivesse, caso assim desejasse.

Mas ela não fez nenhum esforço para evitar que os lábios cobrissem os seus, nem mesmo quando o beijo aprofundou-se revelando um desejo que se igualava ao dela.

Por alguns longos e atordoantes momentos, ambos perderam-se na necessidade ardente que ganhava vida dentro da carruagem.

O veículo de espaço reduzido, a chuva que caía contra as janelas, os criados do lado de fora, tudo desaparecia varrido pela tentação que girava no ar como um turbilhão. Somente o grito do cocheiro anunciando que outra carruagem se aproximava teve o poder de romper o poderoso encantamento.

Afastando-se com grande relutância, Claredon estudou em silêncio seus traços agitados por alguns instantes, antes de, apressado, depositar um beijo na ponta de seu nariz e pegar o casaco.

Com movimentos ágeis, ele desceu do veículo e deu ordens ao cocheiro.

— Leve lady Claredon para casa, e depois volte e espere por mim no ferreiro.

— Certo, meu lorde.

— Quero que Peter fique aqui comigo.

— Sim, senhor.

Houve uma pausa breve enquanto Peter descia da carruagem. Em seguida, a um sinal de Claredon, os cavalos partiram.

Victoria mal notou quando deixaram as ruas mais movimentadas da cidade e percorreram a estrada para Longmeade. Seguia envolta na névoa de sensações criada pelo toque do marido, carícias que haviam despertado seu corpo com imensa facilidade. Os lábios ainda pulsavam com o calor daquele beijo.

Não, havia sido mais do que um mero beijo, ela concedeu de má vontade. Thomas a beijara com seus lábios molhados, e tudo que ela havia desejado havia sido o fim do incômodo contato. Claredon a enfeitiçara.

Seus lábios criavam magia, seu toque era puro prazer. Mais preocupante que tudo, entretanto, era a ternura que falava ao coração. Contra sua vontade, lembrava repentinamente as palavras que ele pronunciara na noite anterior.

Jurei ser fiel no dia em que nos casamos...

Seria possível que ele realmente pretendesse manter o voto? Estava mesmo interessado em construir um relacionamento com ela? Ou suas promessas eram apenas as palavras de um sedutor experiente que sabia como tentá-la?

Confiava nele?

Queria confiar nele?

Não se sentia preparada para considerar as questões. Pensar nesse assunto implicaria aceitar que Claredon fazia parte de sua vida, e que o perdoara por roubá-la dos planos de um pacato casamento com Thomas.

As mãos caíram sobre os joelhos quando ela deixou escapar um profundo suspiro. Talvez fosse melhor considerar tais problemas tão sérios quando não estivesse dominada pelo prazer causado pelas carícias do marido, ela decidiu agitada.

A carruagem reduziu a velocidade e, intrigada, Victoria olhou pela janela. Haviam passado pela pequena igreja e entravam no vasto território que abrangia Longmeade.

O cocheiro saltou de seu assento.

— O que foi, Johnson? — ela quis saber.

— Há um tronco atravessado na estrada, minha lady. Vou retirá-lo do caminho num momento.

Fechando a janela, ela se acomodou no banco de couro. Sabia que não devia oferecer ajuda ao orgulhoso serviçal. Ele ficaria chocado com a simples possibilidade de sua senhora molhando as botas de seda. A criadagem tinha uma noção muito peculiar do que era apropriado para lady Claredon, apesar de ela ter sempre atendido a todas as necessidades da casa que passara a ser sua.

Mal havia ajeitado as saias quando a porta do veículo foi aberta bruscamente. Presumindo que Johnson houvesse decidido pedir sua ajuda, mesmo relutante, Victoria inclinou-se para a abertura, assustando-se ao ver uma silhueta impressionante impedir sua passagem.

Aquele não era seu cocheiro, ela reconheceu de imediato, embora notasse pouco mais que um chapéu preto de abas largas encobrindo um rosto magro quase inteiramente oculto por um lenço preto. Sua atenção foi atraída pela horrível pistola que o desconhecido apontava para seu coração.

Tomada pela sensação de estar vivendo um horrível pesadelo, Victoria sufocou um grito de pavor.

— Você tem minhas jóias — ele sussurrou. — Leve-as à igreja hoje, à meia-noite. Vá sozinha, ou morrerá.

— Jóias? — ela conseguiu murmurar.

Mas era tarde demais. O desconhecido se virou e correu, sua capa flutuando ao vento como uma nuvem negra.

Abalada pelo encontro inesperado, Victoria tentou desesperadamente recompor-se.

Maldição! O vilão estava escapulindo, e não fizera nada para detê-lo, nem mesmo para descobrir sua identidade.

Praguejando contra sua ridícula falta de controle, ela se inclinou para a porta com a

intenção de descobrir em que direção o bandido havia fugido. Seu campo de visão foi drasticamente reduzido pelo rosto de Johnson que, ofegante, surgiu diante com expressão preocupada.

— Minha senhora, está ferida? — ele indagou com voz trêmula.

— Não, estou bem.

— Eu não havia percebido... Lamento muito, minha senhora. Não devia tê-la deixado sozinha.

Percebendo que o fiel criado se encaminhava a passos largos para uma torrente de auto-recriminação, ela se obrigou a demonstrar uma calma que estava longe de sentir.

— Não seja absurdo. Não poderia saber que o bandido estava à espreita. No entanto, creio que devemos seguir em frente, e assim você poderá retornar à cidade e informar lorde Claredon do perigo.

— Sim, minha lady. Imediatamente.

Aliviado por ter deveres tangíveis com que ocupar seus pensamentos, um subterfúgio que o impediria de refletir sobre como falhara em sua missão de protegê-la, Johnson fechou a porta da carruagem e retomou seu posto.

Com um estalar de chicote, ele pôs o veículo em movimento, e Victoria respirou fundo.

O desconhecido devia ser um lunático, ela pensou com um arrepio gelado. Nenhum homem em sã consciência ousaria parar sua carruagem à luz do dia para apontar uma pistola para seu coração.

Sim, definitivamente um louco.

E um louco perigoso.

Acomodado em um canto mais escuro do salão público, oculto pela aba do chapéu, Claredon mantinha-se atento aos vários cavalheiros que entravam e saíam do lugar. Pedira ao criado que permanecera com ele para manter-se perto do estábulo e garantir que o vilão não escapasse pela entrada dos empregados.

Quando o ladrão retornasse à hospedaria, ele o pegaria, Claredon pensou satisfeito.

Era bom ter algo mais sério em que pensar, porque a mente insistia em voltar àqueles momentos que vivera com sua esposa na carruagem.

Claredon mudou de posição na desconfortável cadeira de madeira. Bom Deus, esse não era o momento para pensar em uma pele suave como a seda ou em lábios capazes de levar um santo ao pecado.

Infelizmente, seu corpo ainda abrigava um calor intenso, e aquela bola de frustração no interior de seu estômago havia endurecido a ponto de tornar-se uma dor quase insuportável.

Não queria ficar perseguindo estranhos misteriosos numa hospedaria escura, cheia e úmida. Queria estar em Longmeade com sua esposa.

A constatação provocou um vago sentimento de alarme.

O desejo por uma amante sempre havia sido uma emoção fugaz, transitória. Desejar a mulher que estaria a seu lado para sempre assumia a proporção de um compromisso que se aproximava perigosamente de... amor.

Ele mudou de posição novamente, e seus pensamentos foram interrompidos pela aproximação de uma bela garçonete.

— Mais uma cerveja, meu lorde? — ela sugeriu, sorrindo de forma a oferecer outros prazeres como acompanhamento para a bebida.

— Não, obrigado - ele respondeu, quase sem notar seus encantos.

— Ternos uma torta que talvez possa aguçar seu apetite.

— Obrigado, tenho tudo de que preciso.

— Tem certeza? — ela insistiu, inclinando-se de maneira a expor ainda mais o vale entre os seios. — Nosso maior objetivo é satisfazer os clientes.

Surpreso, Claredon foi tomado por uma certa irritação diante da vulgaridade da oferta da jovem. O que desejava não poderia ser encontrado em uma hospedaria comum.

— Certeza absoluta.

— Se mudar de idéia, só precisa me chamar. Meu nome e Peg. — Jogando para trás os belos cabelos negros, ela se afastou com um andas insinuante.

Claredon nem se deu ao trabalho de apreciar os movimentos sinuosos do quadril generoso, e nem notou quando ela olhou para trás. Sua atenção já havia retornado ao movimento de cavalheiros que entravam e saíam do salão.

Mais alguns minutos transcorreram antes de ele ver seu cocheiro parado na porta. A presença de Johnson o fez correr para a entrada do local. Preocupado, ele segurou o braço do criado e o levou a uma saleta mais reservada. La, ele fechou a porta e o encarou com impaciência.

— Johnson, eu disse que devia esperar por mim no ferreiro.

— Sim senhor, mas houve um problema...

Um terror mais agudo e doloroso do que jamais havia experimentado antes dominou seu coração.

— Lady Claredon? - ele perguntou num sussurro.

— Ela está bem — Johnson garantiu apressado. — Mas fomos interceptados por um malfeitor no caminho para casa.

Uma fúria letal surgiu em seus olhos.

— Conte-me tudo desde o início.

O cocheiro empalideceu ao sentir o perigo na voz de seu senhor.

— Sim... um... havíamos passado pela igreja quando fui obrigado a parar por conta de um tronco de árvore na estrada. Desci do veículo para remover o obstáculo e quando me virei, notei que um desconhecido mascarado abria a porta da carruagem. Eu gritei, e ele fugiu correndo na direção do cemitério. Julguei mais importante verificar se lady Claredon estava bem, e por isso não persegui o miserável.

Com grande esforço, Claredon tentou enxergar com alguma nitidez através da névoa de revolta que se formava em sua mente. Por mais que desejasse pôr as mãos no desconhecido vilão, era mais importante ver e tocar Victoria e assegurar-se de que ela não sofrerá nenhum dano.

— Agiu corretamente — ele disse ao cocheiro. — Vá buscar Peter no estábulo. Irei encontrá-los na carruagem.

— Sim, senhor.

Deixando o criado sozinho, Claredon foi atrás do proprietário da hospedaria. Iria ao encontro da esposa, mas antes pretendia garantir que o desconhecido não desapareceria. Foi necessário algum tempo para que ele encontrasse o sujeito gordo e de aparência descuidada deixando a cozinha. Com um gesto, Claredon chamou-o para perto.

— Sim, meu lorde?

— Devo partir para Longmeade imediatamente, mas tenho aqui cinco libras para você mandar me avisar do retorno do Sr. Smith assim que ele puser os pés em sua hospedaria.

Um sorriso ganancioso distendeu os lábios do homem, e o brilho em seus olhos azuis sugeria que ele delataria a própria mãe por tão generosa recompensa.

— Sim, senhor. Garanto que saberá imediatamente.

Confiante de que o Sr. Smith não escaparia facilmente, Claredon deixou o local. Sua carruagem o aguardava na porta e, depois de ordenar a Johnson que viajassem na maior velocidade possível, ele se acomodou no assento de couro.

O trajeto até Longmeade foi percorrido em tempo recorde. Sem esperar pelo cocheiro para abrir a porta, Claredon saltou e correu para dentro de casa. O mordomo o recebeu assustado.

— Boa tarde, meu lorde.

— Onde está lady Claredon?

— Creio que ela está em seus aposentos, senhor.

O lorde passou pelo serviçal e subiu a escada pulando os degraus. Seu temor não diminuiria enquanto não visse a esposa com seus próprios olhos. Por isso ele abriu a porta sem bater. Victoria levantou-se da cadeira ao lado da janela, e ele se adiantou para segurar as mãos dela.

— Está ferida? — indagou sem rodeios.

— Não, estou bem — ela respondeu espantada.

Claredon fechou os olhos e deixou-se inundar por uma forte onda de alívio.

— Graças a Deus. Não pensei que... Não devia ter permitido que viajasse sem a companhia de um criado.

— Que absurdo! Não podia saber que o vilão esperava por mim no caminho.

Claredon balançou a cabeça, perturbado pela simples idéia de sua bela e frágil esposa correndo algum perigo. Jamais se perdoaria se algo de mal acontecesse com ela.

— Eu devia ter imaginado.

— Não aconteceu nada. Foi só um susto.

Superando o pânico causado pela notícia do ataque e a ira provocada pela ousadia do vilão, ele quis saber:

— O que aconteceu?

— Johnson parou a carruagem para retirar um tronco caído na estrada, e de repente havia um homem na porta apontando uma pistola para mim.

— O quê? Ele estava armado?

— Foi tudo muito estranho. Ele disse que eu estava de posse de suas jóias e que eu deveria levá-las à igreja hoje, à meia-noite.

Jóias? — ele indagou curioso. — Que jóias?

Não tenho a menor idéia. Não possuo nenhuma jóia além de um colar de pérolas que pertenceu a minha mãe. Ninguém pode acreditar que eu o roubei.

— Maldição. Não estou gostando nada disso.

— Não posso dizer que aprecie essa situação, também — ela pronunciou com tom seco.

— Reconheceu o homem?

— Não. Ele cobria a metade inferior do rosto com um lenço e tinha um chapéu puxado baixo sobre a testa. — De repente ela parou. — Oh...

— O que é?

— Ele usava uma capa preta. Como a do invasor de ontem à noite.

Claredon assentiu. Já havia concluído que o homem que ousara interceptar sua carruagem e abordar sua esposa era o mesmo que havia tentado entrar em sua casa na noite anterior.

O que não sabia era por quê. Seria um caso de erro de identidade? Teria esse desconhecido confundido Victoria com outra mulher que estava de posse de suas jóias? Ou o bandido era apenas um lunático?

De qualquer maneira, pretendia pôr um ponto final definitivo e rápido nessa desagradável situação.

— Não se preocupe, minha querida. Vou resolver essa questão imediatamente.

Uma sombra de preocupação escureceu os olhos dela.

— O que vai fazer?

— O que qualquer um faria com um rato — ele anunciou determinado. — Vou encurralá-lo e depois... exterminá-lo.

Capítulo VII

Victoria tinha um mau pressentimento. Andando de um lado para o outro pelo salão deserto, ela pensava no marido sozinho no cemitério da igreja, esperando pelo misterioso Sr. Smith.

Havia protestado veementemente contra o plano de emboscar o desconhecido quando ele se aproximasse da capela. Que importância tinha o fato de ele ter levado vários criados para cercar a área? Ou que havia prometido não correr riscos desnecessários?

O Sr. Smith certamente era um louco. Se pressentisse uma armadilha, não havia como prever qual seria sua reação.

Perto da lareira, Victoria girou sobre os calcanhares e voltou à porta. Mal registrava a presença silenciosa do vigário que, sentado no sofá, deixou escapar um profundo suspiro.

— Minha querida Victoria, está me deixando exausto — ele reclamou com tom brincalhão.

Detendo-se relutante, Victoria sorriu para o hóspede.

— Não consigo ficar quieta, Sr. Humbly — ela confessou agitada. — Não devia ter permitido que Claredon me convencesse desse plano absurdo.

O cavalheiro ergueu as sobrancelhas.

— Ele parecia estar muito decidido.

Convencê-la? Ele nem havia tentado dar a entender que poderia mudar de idéia, caso ela protestasse.

— Pode ser perigoso.

— Não quer que o bandido seja pego?

Ela encolheu os ombros. Capturar o Sr. Smith não era importante a ponto de valer a vida de seu marido.

— Esse dever cabe ao magistrado. Ou, se Claredon estiver realmente preocupado, podemos contratar um detetive.

— Creio que ele deseja solucionar o problema com a maior velocidade possível.

Victoria não estava satisfeita com a justificativa.

— É evidente que esse desconhecido é desequilibrado. Ele pode ser capaz de tudo.

— Mais um motivo para que seja capturado com toda rapidez, minha querida.

Ela balançou a cabeça. Por alguma razão, pensar em Claredon enfrentando um lunático dificultava até mesmo sua respiração.

— Não gosto dessa espera. Devia ter ido com eles.

O vigário riu.

— Por Deus, lorde Claredon jamais teria concordado com sua presença.

Victoria franziu a testa. Podia estar muito preocupada com Claredon, mas não se dobrava à vontade do marido nem aceitava seus caprichos como ordens incontestáveis. Seu espírito independente rebelava-se contra tal possibilidade.

— Lorde Claredon pode ser meu marido, mas ele não determina o que posso ou não fazer.

— Oh, não, certamente não — Humbly apressou-se em concordar. — Só quero dizer que há pouco que um de nós possa fazer esta noite. É muito melhor que ele tenha a companhia dos criados, homens fortes e capazes de oferecer proteção.

— Suponho que sim — ela concordou relutante.

— Além do mais, lorde Claredon parece ser um cavalheiro muito capaz. Estou certo de que ele tem o comando da situação em suas mãos.

— Ele não é sempre tão capaz — Victoria protestou, considerando sua decisão de sucumbir ao assédio de lady Westfield. — Às vezes pode cometer tolices absurdas.

— Ah... — A resposta simples traduzia compreensão. — Diga-me, Victoria, atribui a lorde Claredon a culpa por estarem casados?

Pega de surpresa pela questão repentina, ela se sentiu corar.

— Eu... em alguns sentidos, sim — gaguejou, incapaz de mentir sob o olhar penetrante do religioso.

— Mesmo sabendo que tudo não passou de um infeliz e terrível mal-entendido?

— Mal-entendido?

Por acaso Humbly havia esquecido os eventos que haviam desencadeado o escandaloso matrimônio?

— Foi mais do que um simples mal-entendido — ela o corrigiu séria. — Ele subornou uma criada para destrancar a porta de meu quarto e esgueirou-se até minha cama.

— Não foi exatamente para sua cama.

Victoria se sentia chocada com a aparente indiferença de Humbly diante dos hábitos devassos de seu marido.

— Ele não devia ter invadido os aposentos de uma mulher. Nenhuma mulher.

— É verdade — ele concordou com um sorriso fraco. — Mas, em defesa de lorde Claredon, ele acreditava que seria bem-recebido. Se não estivesse tentando esconder sua identidade, ele jamais a teria incomodado.

Esse era um detalhe que Victoria preferia esquecer. Afinal, não tivera a intenção de prejudicar ninguém com sua inocente mentira. E, não fosse por Claredon, ninguém jamais teria descoberto a verdade.

— Não podia ter usado meu nome verdadeiro — ela argumentou com tom defensivo.

— Não, suponho que não.

Incomodada com o olhar fixo do vigário, ela encolheu os ombros.

— Além do mais, não podia suspeitar que fingir ser lady Westfield causaria tamanho desastre.

— Eu sempre acabo descobrindo que mesmo as menores mentiras podem causar grandes desastres.

Victoria sentia-se tensa e desconcertada. Julgava que esse cavalheiro fosse seu amigo, e esperava que ele oferecesse conforto, não condenação.

— Está insinuando que me considera culpada pelo que aconteceu?

— Não. Estou apenas pensando se não há uma idêntica parcela de culpa para cada um de vocês.

A urgência de negar qualquer porção de culpa foi contida. Por mais difícil que fosse encarar a realidade, no fundo sabia que, se não houvesse deixado de lado o habitual bom senso para fugir com Thomas, jamais teria posto os pés naquela hospedaria em particular, nem teria usado o nome de sua prima.

Igualmente importante, de repente ela se deu conta de que havia esquecido sua determinação de assegurar o Sr. Humbly sobre sua satisfação com o casamento. Estava mais abalada do que havia imaginado com o repentino surgimento do malfeitor e a determinação de Claredon em capturá-lo.

— Agora não tem importância. Tudo isso está acabado. Meu casamento foi sacramentado — ela decidiu com falsa indiferença.

— Mas se ainda tem algum ressentimento contra seu marido...

Com um movimento desajeitado, Victoria virou-se para caminhar até a lareira, escondendo assim sua expressão. As palavras do religioso estavam longe de oferecer conforto.

— É claro que não. Já disse, Sr. Humbly, que tudo isso ficou no passado. Já nos acostumamos com a idéia de estarmos casados.

— É melhor assim — Humbly opinou depois de uma breve pausa. — Deus sempre opera de forma misteriosa e os caminhos pelos quais Ele nos guia nem sempre são aqueles que escolhemos. Mas, no final, esses são sempre os melhores caminhos.

Victoria sorriu. Não acreditava que Deus houvesse participado de alguma forma das razões desonrosas pelas quais ela e Claredon se haviam encontrado na mesma hospedaria. Mesmo assim, se Humbly se sentia confortado por acreditar que seu casamento correspondia à vontade divina, quem era ela para desiludi-lo?

— Sim — murmurou.

— E lorde Claredon será um bom marido para você, Victoria — ele continuou, sem se dar conta de seu desconforto. — Embora só tenha falado com ele rapidamente, estou convencido de sua intenção de ser um marido bom e fiel.

As palavras eram muito semelhantes às de Claredon, o que causou uma dor intensa em seu peito.

Seu corpo já estava vulnerável demais à magia que o marido podia operar. Desejava que a alma e o coração também ficassem vulneráveis? Um arrepio percorreu seu corpo, e ela se esquivou de responder a perigosa questão.

Esse não era o momento para estar considerando temas tão inquietantes, ela disse a si mesma enquanto se virava para encarar o vigário. Devia estar pensando apenas no retorno de Claredon e em sua segurança.

Depois disso... bem, essa era uma preocupação que ficaria Para outro dia.

— Creio que Claredon está mais interessado em matar-se do que em ser um bom marido — ela argumentou com impaciência. — Onde estão eles? Já passa da meia-noite.

Oferecendo um sorriso solidário, Humbly ergueu as mãos.

— É possível que o misterioso cavalheiro ainda não tenha chegado.

Victoria mordeu o lábio inferior, considerando todos os possíveis desastres.

— Também é possível que ele não tenha se apresentado sozinho, o que torna o perigo ainda maior para Claredon.

— Não devemos pensar no pior — Humbly aconselhou-a com delicadeza.

— Acho que devíamos ir verificar se não aconteceu nada.

— De jeito nenhum! Lorde Claredon poria minha cabeça numa bandeja se eu a deixasse sair de casa a esta hora. Tenha piedade de mim, minha querida.

Ela torcia as mãos, detestando o sentimento de impotência. Era uma mulher acostumada a assumir o comando, não a ficar esperando e se deixando consumir pelo nervosismo, como algumas donzelas mais frágeis.

— Mas se ele estiver em dificuldade...

— Ele está acompanhado por três criados, incluindo Johnson. Se houvesse acontecido alguma coisa, um deles teria voltado para nos avisar.

— E se estiverem impedidos?

Está se deixando dominar pelos pensamentos negativos. Use um pouco de bom senso, Victoria.

— Ainda acho que devemos ir verificar se não aconteceu nada.

— Não. — O vigário levantou-se como se estivesse disposto a contê-la fisicamente, caso fosse necessário.

— Sr. Humbly — ela começou, pondo as mãos na cintura.

Mas suas palavras firmes foram interrompidas pelo som de passos no hall. Uma intensa onda de alívio a invadiu.

— Eles estão de volta.

Sem esperar pelo religioso, ela correu para fora da sala e desceu a escada. Ainda pisava no último degrau quando, ao olhar para o hall, ela se deparou com a assustadora imagem do marido sendo sustentado por dois criados. Seu coração quase parou e os olhos registraram a inconfundível mancha escura de sangue em seu casaco, perto do ombro.

— Por Deus, Claredon, você está ferido!

Virando a cabeça com alguma dificuldade, ele a viu em pé envolta pelas sombras da escada. Claredon forçou um sorriso.

— Foi só um ferimento superficial — garantiu.

— Superficial? Você está sangrando!

— O miserável atirou contra nós, minha lady — explicou um dos criados. — Eu disse ao meu senhor que ele devia buscar proteção, mas lorde Claredon insistiu em perseguir o desditoso.

Victoria ficou furiosa por saber que o marido se havia exposto ao perigo de maneira tão inconseqüente e ridícula. O homem não tinha nenhum juízo?

— Perseguiu um criminoso armado? — ela indagou com tom exasperado.

— Queria que o deixasse escapar e continuar representando um perigo para você?

A tentativa de argumentação lógica não a impressionou.

— Não queria que se houvesse arriscado de forma tão tola. Podia ter morrido.

— É pouco provável. O bandido estava mais preocupado em tentar fugir do que em alcançar uma mira adequada. O infeliz teve muita sorte por conseguir atingir-me, mesmo que de raspão.

As palavras destemidas a encheram de terror. Mais alguns centímetros e a bala teria encontrado seu coração. A idéia era insuportável. E ele não tinha o direito de arriscar a vida dessa maneira.

Não mesmo!

Olhando para o cocheiro, tentava covardemente evitar sua raiva contida, ela o encarou

com expressão severa.

— Johnson, vá buscar um médico — ordenou. — Vocês dois devem levar lorde Claredon para a cama. Subirei num momento.

— Victoria, não há necessidade de mandar buscar um médico — Claredon protestou. — É só um ferimento superficial. — O tom quase paternal arruinou sua compostura.

Primeiro havia sido forçada a permanecer em casa enquanto ele brincava de gato e rato com um perigoso vilão, e agora era tratada como uma pateta ansiosa. Mesmo a mais paciente das mulheres teria ficado furiosa com isso.

— Escute aqui — ela resmungou, apontando um dedo para o rosto do marido —, estou furiosa e sem nenhuma disposição para ficar ouvindo suas estúpidas e ridículas demonstrações de coragem. Já mandei buscar um médico, você vai para a cama, e eu subirei para limpar esse ferimento dentro de alguns instantes. Será que fui bem clara?

Houve um silêncio chocado antes de Claredon sorrir.

— Espantosamente clara, minha querida — ele respondeu com voz fraca.

— Ótimo. Agora suba.

Claredon estava acostumado a ser bem-tratado. Com sete irmãs e a mãe para cuidar dele, nunca conseguira sequer esfolar um joelho sem que um bando de mulheres se reunisse a sua volta com preocupação e cuidado.

Mas era surpreendentemente delicioso ter a esposa debruçada sobre seu rosto enquanto o médico suturava o ferimento aberto pela bala. Quase tão delicioso quanto sentir as mãos dela ajeitando o cobertor sobre seu corpo, enquanto o cavalheiro guardava seus instrumentos na maleta e deixava o quarto.

Apesar da irritação, ela não era capaz de ocultar a preocupação estampada em seus olhos. Percebê-la despertava uma doce ternura em seu coração. Por mais que ela fingisse frieza, importava-se com ele em alguma medida.

Com um movimento rápido e firme, poderia puxá-la para a cama e tê-la nos braços, ele pensou entusiasmado. E esqueceria completamente as horas difíceis que havia passado encolhido na escuridão, apenas para ver o bandido pressentir a armadilha e fugir.

Ela se levantou devagar, pondo um fim em sua esperança de tê-la junto ao corpo, e Claredon deixou escapar um suspiro fraco.

Tudo indicava que teria mais uma noite longa e fria em sua cama vazia.

Recostado contra os travesseiros, ele sorriu para a esposa.

— Eu disse que havia sido apenas um ferimento superficial.

— Mesmo a mais inocente ferida pode matar, se não for tratada apropriadamente.

— Sim, minha querida. E está disposta a permanecer zangada para sempre?

— Você se expôs a riscos desnecessários e absurdos.

— Não quero esse vilão andando pela vizinhança.

— É dever do magistrado capturá-lo.

— É meu dever garantir sua segurança. — Ele segurou as mãos dela. — Não descansarei enquanto esse lunático não estiver preso ou morto.

— Eu... — Era como se as palavras se perdessem enquanto uma onda de calor invadia seu rosto.

O toque de vulnerabilidade a tornava ainda mais encantadora. Claredon tinha esperança de que ela pudesse precisar dele, afinal, mesmo que não estivesse preparada para admitir.

— Está surpresa por saber de minha intenção de proteger minha esposa?

— Não estou habituada a ter pessoas se ocupando da minha proteção.

— Então, já é hora de alguém cuidar disso. — Ele beijou uma de suas mãos. — E, para ser sincero, é muito agradável ser seu defensor.

Por um momento houve um brilho intenso em seus belos olhos, como uma ânsia que ganhava vida, um forte desejo de amar e ser amada. Mas, quando Claredon beijou a parte interna de seu pulso, ela se retraiu e retomou o papel de esposa severa e desapontada.

— Não será meu defensor por muito tempo, se continuar arriscando sua vida de forma tão absurda.

Claredon conteve a impaciência provocada pelo argumento persistente.

— Soa muito austera, minha querida.

— Estou tentando fazê-lo ouvir a voz da razão.

— Nenhum marido deve ser razoável quando defende sua esposa. Esse é um momento para ser ousado, destemido.

— Será que pode falar sério?

— Mas eu estou falando sério. — E nunca havia sido tão sincero. Pensar no bandido apontando uma arma para o coração da mulher com quem ele se casara o enchia de uma fúria cega e letal. — Hoje ele conseguiu escapar, mas não terá a mesma sorte na próxima ocasião.

Sentindo a intenção na voz dele, Victoria franziu a testa com ar preocupado.

— O que pretende fazer?

— Já mandei alguns criados vasculharem todo o terreno da propriedade, e o dono da hospedaria prometeu mandar me avisar assim que o Sr. Smith retornar aos seus aposentos. Em pouco tempo o terei encurralado.

— Prometa que não voltará a se aproximar dele sem o magistrado.

— Não posso prometer nada, Victoria.

Sem aviso prévio, ela se sentou na beirada da cama e segurou as mãos dele.

— Quero que prometa — insistiu.

Uma onda de calor o dominou, resultado da proximidade entre seu corpo e o dela. As boas intenções de ser paciente e não pressioná-la estavam chegando ao limite.

— Aprecio muito esse seu lado, minha querida — ele comentou com tom suave.

— Que lado? — Victoria soltou as mãos dele como se a queimassem.

Sorrindo, ele afagou seu braço, subindo até alcançar um ombro e a lateral do pescoço, até chegar ao cetim de seus cabelos e começar a remover os clipes que os mantinham presos num coque severo.

— Toda essa preocupação com meu bem-estar é realmente encantadora.

— Claredon...

— Sim, minha querida? — ele perguntou enquanto deslizava os dedos por seus cabelos.

— O que está fazendo?

— Proporcionando-lhe um pouco mais de conforto.

— Está ferido. Não devia se movimentar tanto.

Claredon não se sentia doente. Na verdade, nunca estivera melhor e mais vivo do que nesse momento. Todos os sentidos haviam sido intensificados, até que todo seu corpo cantava com a consciência da mulher sentada a seu lado; o aroma de sua pele, a curva exuberante dos seios, a pressão do quadril contra sua coxa...

Tudo o inflamava de maneira incontrolável e veloz.

— Já disse que foi só um arranhão.

— Mesmo assim, precisa repousar.

Ele riu.

— Prefiro um beijo.

— Claredon — ela reagiu, tentando se mostrar escandalizada, mas conseguindo expressar apenas surpresa e encantamento.

— Arrisquei minha vida por você, Victoria. Não mereço uma recompensa?

— Merece ser castigado por sua inconseqüência — ela respondeu, embora a voz houvesse perdido o toque de severidade.

— Seja generosa, minha esposa. Não poderei descansar enquanto não receber uma pequena prenda de minha protegida.

Houve um silêncio longo e tenso antes de ela se inclinar para frente. Claredon conteve a respiração ao ver os lábios carnudos se aproximarem dos dele.

Incapaz de conter-se, ele tocou um seio e sentiu-se eletrizado pelo contato. Nunca antes havia desejado outra mulher com tanta intensidade.

E, no entanto, não tentou sequer retê-la quando ela recuou.

De repente percebia por que tinha de esperar, por que não desejava possuí-la contrariando sua vontade e o desejo de seu puro coração. Queria que ela se entregasse de verdade, incondicionalmente.

Victoria levantou-se e, agitada, alisou o vestido com mãos trêmulas.

— Agora vou deixar você descansar — disse. — Se precisar de alguma coisa, só terá de chamar...

Obrigado, minha querida.

— Boa noite.

Ele cruzou as mãos sobre o estômago enquanto Victoria caminhava para a porta. Em breve, dizia a si mesmo tentando acalmar-se. Logo ela seria realmente dele em coração, alma e corpo.

Não poderia aceitar menos que isso.

Capítulo VIII

O desenho não estava alcançando grande sucesso. O arranjo de flores que o jardineiro deixara sobre a mesa de ferro da estufa era lindo, certamente. Rosas, narcisos e raras tulipas holandesas criavam um vivo nicho de cores na manhã ensolarada, mas Victoria tinha de confessar que não se sentia muito inspirada para desenhar naquela bela manhã.

Como já estava se acostumando, os pensamentos pareciam determinados a enfocar o cavalheiro que era responsável por mais uma noite de insônia.

Ainda estava furiosa por ele ter ousado comportar-se de maneira tão descuidada. Pensar no marido perseguindo um criminoso armado enregelava seu sangue. E saber que ele era capaz de ignorar um ferimento por arma de fogo que poderia tê-lo levado à morte causava grande desconforto.

Na noite passada estivera dividida entre o desejo de sacudi-lo para fazê-lo ouvir a voz da

razão e o desejo de abraçá-lo e nunca mais soltá-lo. Quisera puni-lo pela ousadia de expor-se a tão grande perigo e, ao mesmo tempo, sentira-se feliz por saber que estava vivo e logo se recuperaria.

Todos esses sentimentos a amedrontavam.

Não era tão indiferente ao marido quanto desejava acreditar. E aquele beijo breve confirmara seus temores.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

Por meses se esforçara para evitar Claredon. Mantendo uma razoável distância dele, pensava poder proteger-se de seu poderoso charme. Mas agora já não podia mais negar que não importava se estavam lado a lado ou separados por dezenas de quilômetros. Ele invadia seus pensamentos com uma persistência que era assustadora.

— Bom dia, minha querida — disse uma suave voz masculina.

Victoria abriu os olhos e deparou-se com o sorriso do marido.

Perturbada, pensou em quanto tempo ele estaria ali a observá-la e, mais importante, que medida de seus sentimentos a expressão havia revelado. Era horrível pensar que podia ter demonstrado toda sua vulnerabilidade.

— Claredon, o que está fazendo fora da cama?

Bem-vestido e sorridente, ele parecia saudável e forte, e exibia uma aparência atraente demais para que pudesse sentir-se segura ao lado dele.

— Não sou um inválido, Victoria. Meu ombro está um pouco dolorido, admito, mas é só isso.

— Ainda precisa tomar alguns cuidados para não abrir a ferida.

— Gostaria de conversar com você.

— Devia ter mandado um criado vir me chamar. Eu teria ido ao quarto.

Como se sentisse que o tom severo escondia a inquietação causada por sua presença viril, ele sorriu com intensa malícia.

— Confesso que pensei nessa idéia, mas julguei mais sensato resistir à tentação.

Ela fingiu indiferença.

— Eu não teria me incomodado.

Com movimentos lentos, porém determinados, ele percorreu a pequena distância até a mesa e afagou o rosto da esposa.

— Temo que minha... contenção não resista à outra de suas visitas aos meus aposentos, Victoria. Eu a quero muito, e tê-la sentada a meu lado, em minha cama, provoca todo tipo de desejo.

— Ah, eu... — Estava tremendo, resultado do fogo que ardia em seu peito e do olhar penetrante que parecia poder ler sua alma. — Os dedos de Claredon agora desenhavam o contorno de seus lábios. Sonhara com esses dedos na noite anterior, com o calor que eles deixariam sobre sua pele quando a percorressem sem pressa, despertando paixões que só podia imaginar.

Descobrir que essas paixões já estavam sendo despertadas a fez levantar-se bruscamente. Por Deus, logo estaria desmaiando cada vez que ele entrasse em seu aposento.

Uma perspectiva humilhante.

A ponto de fugir correndo, Victoria foi detida pela mão do marido sobre a sua.

— Espere, minha querida, não há necessidade de fugir de mim. Não vim aqui com a intenção de seduzi-la. Estou disposto a esperar até que esteja pronta para vir até mim de livre e espontânea vontade.

— E se isso nunca ocorrer?

— Então, a culpa será apenas minha.

A sugestão de que a entrega era certa e de que o encontro entre seu corpo e o dele era apenas uma questão de tempo provocava um medo irracional. Devia ser ridículo. Tal confiança em sua capacidade de sedução revelava apenas a extensão de sua arrogância. Mas com a pele ainda formigando onde ele a tocara e o corpo cansado depois da noite de insônia, não tinha tanta segurança quanto deveria ter.

Mesmo assim, ela se soltou e tentou demonstrar uma indiferença que estava longe de sentir.

— Sobre o que desejava falar comigo?

— Quero que prometa que não deixará Longmeade sem mim.

Ela piscou surpresa.

— O quê?

— Só até o lunático que nos ameaça ser capturado.

— Mas... não acha que eu estaria segura tendo a companhia de um ou dois criados, além do cocheiro?

— Não podemos saber ao certo até aonde esse maníaco está disposto a ir, Victoria. Não quer colocar as vidas de nossos criados em perigo, quer?

Sabia que ele só usava sua preocupação com a criadagem para obrigá-la a obedecer a seu comando. O vilão não havia desejado nenhuma intenção de atentar contra as vidas de outras pessoas. Ele queria apenas Claredon e ela mesma, mais ninguém. Mas, apesar de ser teimosa e até orgulhosa, também era uma mulher de bom senso. Não queria encontrar o perigoso Sr. Smith, nem colocar seus criados no caminho de um lunático imprevisível.

— É claro que não — respondeu.

— Eu sabia. Serão apenas alguns dias, e terá a companhia do bom Sr. Humbly.

— Não estou gostando nada disso.

Ele se adiantou para segurar seu queixo entre as mãos.

— Não quero privá-la de sua independência — disse. — Desejo apenas que compreenda a extensão do perigo.

— Não é a isso que me refiro. Estou dizendo que é irritante saber que um homem como esse Sr. Smith tem o poder e a capacidade de perturbar nossas vidas de maneira tão intensa.

— Sim, ele tem muitos pecados para pagar. Não duvide de que esse homem será punido, minha querida.

Uma onda de prazer a invadiu, mas Victoria não se deixou distrair. Era sensata o bastante para reconhecer o perigo, mas não tinha tanta certeza de que Claredon podia ser convencido a se portar de maneira razoável.

— E você? — ela perguntou.

— Eu... o quê?

— Quero que prometa que não vai mais se arriscar.

— Garanto que estarei sempre em guarda. Não permitirei que esse vilão me atinja novamente.

— Não pretende sair sozinho, não é?

— Isso é uma ordem, ou uma pergunta?

— É um pedido. Quero que tenha um mínimo de bom senso, só isso.

Claredon sorriu.

— Bem, suponho que seja justo estipularmos da mesma maneira os limites para os nossos movimentos. Devemos selar a promessa mútua com um beijo?

Agora que ele havia prometido que não sairia sozinho perseguindo um louco perigoso, Victoria relaxou o suficiente para perceber o quanto ele estava próximo. Um calor intenso a invadiu como uma onda, perturbando o raciocínio e a impelindo a baixar as barreiras entre eles. Para piorar, Claredon ainda afagava seu rosto com aqueles dedos macios, enquanto os olhos dele se mantinham fixos em sua boca.

— Não creio que seja necessário — respondeu Victoria com voz rouca.

— Talvez não seja necessário, mas será muito... agradável.

— Claredon.

Ele segurou seu rosto, erguendo-o até aproximar os lábios dos dela.

— Sim, minha querida?

— Pensei... você disse...

— Disse que esperaria até minha esposa estar preparada para aceitar-me. Isso não significa que não podemos apreciar um beijo inocente.

Lentamente, os lábios roçaram os dela, e o contato suave e breve provocou uma dor que parecia rasgar seu coração. Queria abraçá-lo e beijá-lo realmente, colar o corpo ao dele e sentir toda a força daquele peito musculoso. Ainda estava se deliciando com o doce sabor do beijo, quando a porta da estufa se abriu e o encanto se rompeu.

Victoria afastou-se do marido sobressaltada, tentando convencer-se de que se sentia aliviada pela interrupção, embora o corpo tremesse em protesto com a privação da deliciosa carícia.

O lacaio tossiu, visivelmente embaraçado.

— Perdoe-me, meu lorde.

Mais aborrecido do que constrangido por ter sido surpreendido beijando a esposa na estufa em plena luz do dia, Claredon pôs as mãos na cintura e olhou para o pobre criado.

— O que é?

— Há um cavalheiro procurando por lady Claredon, senhor.

— Um cavalheiro?

— Sim, um certo Sr. Stice.

Victoria adiantou-se.

— Thomas?

Uma rigidez perigosa apoderou-se dos ombros de Claredon que, controlado, virou-se lentamente para encará-la.

— O que ele está fazendo aqui?

— Não tenho a menor idéia — ela retorquiu com genuína confusão.

Não voltara a falar com Thomas desde a manhã em que, depois de chegar atrasado à hospedaria, ele fora informado de que Victoria e lorde Claredon haviam ficado noivos para se casarem em breve. Como era de se esperar, o pobre homem ficara estupefato e magoado, e mal ouvira a explicação de Victoria sobre a horrível cena que se desenrolara na noite anterior. Naquele momento, Thomas havia desejado apenas afastar-se do escândalo que a cercava.

Victoria se convencera de que era natural que Thomas desejava escapar dos horríveis rumores. Um cavalheiro tão sensível e jovem não poderia mesmo expor-se a esse tipo de constrangimento. E ele estivera pensando apenas nela quando guardara silêncio sobre a intenção de fugirem para se casar. Afinal, revelar a verdade só alimentaria as maldosas fofocas.

Mas, de maneira talvez egoísta, não conseguira evitar um certo desapontamento por ele a

ter abandonado com tanta facilidade. Nenhuma vez Thomas tentara encontrá-la ou mandar notícias, e certamente não fizera nenhum esforço para salvá-la de Claredon propondo ele mesmo casamento. No final das contas, havia sido um renomado devasso e escandaloso que salvara sua reputação, não o homem que afirmava amá-la.

Um renomado devasso e escandaloso que nesse momento a encarava com ar sério.

— O Sr. Stice não escreveu prevenindo-a sobre sua intenção de vir visitá-la?

— Não.

Sem desviar os olhos do rosto da esposa, o poderoso senhor acenou para o criado ordenando que saísse. Aliviado, o pobre homem escapou da estufa e fechou a porta.

Victoria estava nervosa. Seu marido já não era mais o sedutor brincalhão de momentos atrás, mas um perigoso predador pronto para o ataque.

— Não quero que veja o Sr. Stice — ele anunciou com tom firme.

A ordem direta se chocou contra o orgulho de Victoria. Não seria intimidada por nenhum valentão, mesmo que fosse seu marido.

— Não seja absurdo! Devo ir investigar o que o traz aqui. Pode ser algo importante.

— Nesse caso, eu mesmo irei recebê-lo.

— Ele veio para falar comigo.

— Porque é um tolo. Se possuísse um mínimo de bom senso, teria imaginado que não é seguro ir procurar uma senhora casada.

— Claredon, por acaso... está me proibindo de ver Thomas?

— Por que desejaria vê-lo? Caso tenha esquecido, agora sou seu marido. Goste você ou não...

— E nesse momento eu não gosto — ela o interrompeu.

—...estamos casados.

— O que não dá a você o direito de me tratar como criança.

— Eu a estou tratando como minha esposa. Não quero que encontre esse cavalheiro com quem um dia teve planos de se casar. Não considera minha atitude razoável?

— Ridícula. O que acha que pode ocorrer no salão principal da nossa casa?

— Quer que eu entre em detalhes?

Victoria corou, compreendendo a insinuação.

Não duvidava de que ele fosse um especialista em seduzir mulheres casadas dentro de suas casas, ou em qualquer outro lugar, para ser mais honesta.

— Deve saber o que diz — ela disparou. — No entanto, não precisa temer que eu permita que Thomas me seduza sob o teto de meu marido. Tenho meus padrões.

Ele não teve sequer a delicadeza de demonstrar constrangimento ao ser atacado. Em vez disso, sorriu.

— E por que devo confiar em você, Victoria? Se não tem nenhuma confiança em mim...

Essa era uma acusação que ela não podia negar. Por isso mantinha a distância física entre eles e não sucumbia às suas tentativas de sedução.

Era estranho, mas de repente descobria que não se importava realmente por ter sua honra questionada. Afinal, era muito difícil defender qualidade tão intangível.

— Não receberei ordens, Claredon — ela observou com firmeza surpreendente. — Você é meu marido, não meu mestre E agora, se me der licença, há alguém esperando por mim.

— Victoria...

Ela se dirigiu à porta como se não escutasse o chamado. Não acataria as absurdas ordens

de Claredon. O destino podia tê-la obrigado a desposar esse homem, mas isso não a obrigava a transformar-se numa dessas esposas sem fibra que se curvavam a todos os caprichos do marido.

De cabeça erguida, ela deixou a estufa e seguiu para o salão, certa de que o marido a seguiria. Ao constatar que ele não estava atrás dela, Victoria respirou aliviada.

Por outro lado, sentia uma ponta de culpa. Não que se arrependesse da decisão de enfrentar a ordem arrogante. Possuía orgulho demais para submeter-se a um homem, mesmo que fosse seu marido. Mas uma parte dela não podia deixar de pensar que a trégua temporária havia chegado ao fim por conta de sua decisão. Mais uma vez eram inimigos, com nada em comum senão animosidade.

Era uma situação desanimadora.

Tentando se livrar dos pensamentos inoportunos, Victoria entrou no salão e forçou um sorriso ao ver o jovem cavalheiro levantar-se apressado.

— Thomas, que surpresa — disse, aproximando-se com as mãos estendidas.

— Oh, Victoria, é muito bom vê-la!

— Não quer se sentar? — ela o convidou, estranhando sentir apenas uma vaga ternura pelo homem que um dia amara.

Thomas esperou que ela se acomodasse para retomar seu assento.

— Está tão linda quanto antes — disse.

— Obrigada.

— Sente-se... feliz?

Não desejava discutir seu casamento com esse homem. Ele não demonstrara preocupação com sua felicidade quando fora surpreendida naquela hospedaria e envolvida num escândalo. Era tarde demais para considerar seus sentimentos agora.

— Tanto quanto se pode esperar — disse.

— Que bom — ele respondeu distraído, como se nem a escutasse.

— E você, Thomas, como está?

— Miserável — ele suspirou profundamente.

— Sua mãe? — lembrava-se de como a Sra. Stice costumava importunar o único filho com sua excessiva autoridade.

— Sim. Agora ela está exigindo que eu me case com a srta. Calloway.

Victoria engoliu um suspiro resignado. Havia sido a determinação da mãe dele em casá-lo com uma jovem de fortuna que os levara à decisão de fugirem. Na época, estivera convencida de que o único meio de ajudar a salvar o pobre Thomas era desposá-lo em segredo. Agora se sentia ressentida e irritada por perceber que ele ainda estava à mercê do despotismo da mãe. Não havia aprendido nada durante a breve tentativa de independência?

— Ela não pode obrigá-lo a fazer nada contra sua vontade — disse. — Já tem idade para tomar suas próprias decisões.

— Você conhece minha mãe. Ela tem transformado minha vida num inferno desde que tentamos fugir. Não consigo mais sair de casa sem que um criado me siga e relate detalhadamente onde estive, com quem falei e o que fiz. Minha mãe está mais do que determinada em impedir que eu me relacione com outra mulher.

— Já considerou a idéia de ir viver sozinho?

— Nada me faria mais feliz, minha cara, mas minha mãe nunca permitiria que eu a deixasse.

Sem saber o que Thomas esperava que ela fizesse, Victoria suspirou. Ele não podia estar pensando em continuar contando com sua ajuda, agora que estava casada com lorde Claredon.

Uma coisa era esperar seu apoio quando mantinham um relacionamento secreto. Agora sua lealdade tinha outro depositário: o marido.

Mesmo assim, Thomas era capaz de momentos de imensa ingenuidade. Era possível que ele nem houvesse levado em conta a noção de que não era próprio estar ali buscando a companhia da ex-noiva, e era ainda mais possível que nem houvesse considerado a possibilidade de ela ficar ofendida com o pedido de ajuda.

— O que o traz a Longmeade? — ela perguntou com paciência.

— Ah, bem... Tive uma horrível discussão com minha mãe. Ela me acusou de roubar suas jóias.

Jóias?

Victoria piscou surpresa.

Que extraordinária coincidência que a mãe dele estivesse sentindo falta de algumas jóias no mesmo momento em que um louco perigoso a acusasse de estar de posse de suas jóias.

— O que disse, Thomas?

— Bem, tudo é apenas um terrível mal-entendido. Ela deve ter deixado as jóias em Derbyshire, ou levou-as para serem limpas, não sei.

— É muito estranho.

— Não realmente. Ela é capaz de agarrar-se a qualquer desculpa para convencer-se de que estou tentando fugir dela. Como se eu fosse capaz de roubar aquelas jóias só para divertir-me.

— Sim, mas...

— O que foi, Victoria?

— Ah, eu... — Ela balançou a cabeça. O Sr. Stice e as jóias da mãe dele não tinham nenhuma ligação com o misterioso Sr. Smith. — Não é nada. Ainda não me contou o que faz em Kent.

Um rubor tingiu o rosto pálido.

— Fiquei tão furioso com as acusações de minha mãe, que saí de casa jurando nunca mais voltar.

Surpresa com a rara demonstração de coragem, Victoria o encarou com um sorriso divertido.

— Por Deus!

— Infelizmente, não sei para onde ir. Então pensei em você e... bem, aqui estou.

— Ah, entendo...

— Seria uma imposição muito grande se eu passasse alguns dias em sua casa? Só até provar para minha mãe que ela não pode falar comigo daquela maneira?

Victoria tremia só de pensar na reação do marido a semelhante pedido. Ele já havia sido mais do que razoável permitindo que fosse receber o ex-noivo. Ficaria realmente furioso se solicitasse hospedagem para Thomas sob seu teto.

— Bem...

— Prometo não incomodar — Thomas insistiu. O que poderia fazer?

A incapacidade de abandonar alguém em necessidade a conduziu à decisão. Longmeade também era sua casa agora, e apesar de tudo que havia acontecido, Thomas ainda era seu amigo. Não seria generoso abandoná-lo num momento tão difícil.

Mesmo assim, foi com grande inquietação que ela respondeu:

— É claro.

Thomas aplaudiu aliviado.

— Sabia que podia contar com você, Victoria. Sempre foi minha maior amiga.

Desejando que ele escolhesse outra amiga de quem depender, Victoria levantou-se. Teria de ir ao encontro de Claredon e revelar que oferecera abrigo a Thomas antes que ele tomasse conhecimento do fato pelos criados.

— Vou providenciar para que seus aposentos sejam preparados — ela murmurou.

— E não permitirá que minha mãe saiba que estou aqui?

O tom aflito a irritava. O homem não podia superar sua natureza fraca ou o hábito de acatar ordens.

— Não tenho nenhuma intenção de procurar sua mãe — ela respondeu com tom seco.

— Obrigado.

Victoria sorriu e saiu da sala.

Nas primeiras semanas de seu casamento, havia pensado freqüentemente em Thomas, esperando tolamente que ele aparecesse de repente para levá-la daquela confusão em que se transformara sua vida. Mesmo com a decepção em sua falta de determinação em torná-la sua esposa, apesar do escândalo, havia decidido que qualquer coisa seria melhor do que passar toda a eternidade ligada a Claredon.

Era irônico que, agora que ele estava ali, percebesse subitamente que a presença de Thomas jamais havia sido uma solução para seus problemas. Não só ele carecia da força para lutar e brigar por ela, como estava voltado demais para as próprias necessidades para poder considerar as de outras pessoas.

Sim, Thomas era muito diferente de Claredon...

Se a mulher que ele havia escolhido para sua esposa tivesse sido forçada a desposar outro homem, ele não se teria retirado da disputa sem antes lutar com todas as armas. Teria ido às últimas conseqüências para mantê-la a seu lado, um conhecimento que provocou uma intensa dor em seu coração. A dor da perda.

Havia se esforçado muito para preservar a imagem de seu amor por Thomas. Quisera acreditar que tudo entre eles havia sido puro e perfeito. Mas, depois de vê-lo no salão de sua nova casa, começava a sentir um forte receio de que até mesmo as mais doces lembranças fossem conspurcadas.

A certeza de seu amor por Thomas havia sido sua mais eficiente arma para resistir ao charme de Claredon.

E temia precisar de todas as armas que pudesse ter em mãos.

Capítulo IX

Ainda era muito cedo para beber, mas Claredon engoliu o generoso gole de conhaque. Havia lidado muito mal com a esposa.

Um sorriso iluminou seu rosto. Sempre lidava mal com ela. Para um homem com a reputação de ser um mestre no trato com o sexo frágil, era muito incompetente ao tratar a própria esposa. Mas naquela manhã estivera especialmente mal-humorado.

No momento em que soubera da chegada do Sr. Stice, perdera completamente a razão. Fora invadido por uma fúria tão incompreensível quanto incontrolável.

Como o idiota se atrevia a mostrar seu rosto em Longmeade?

Já não bastava manter um lugar no coração de Victoria? Atrever-se a abrir caminho de volta à vida dela ia além do admissível. Queria correr até o salão e atirar o sujeito para fora de sua casa aos pontapés. Ou, melhor ainda, surrá-lo com um chicote pela ousadia de ter se aproximado de sua propriedade.

Só estava na biblioteca, em vez de dirigir-se ao salão, por saber que Victoria jamais o perdoaria, caso tratasse seu precioso Thomas com tanta crueldade.

Maldição.

Então ela não compreendia que esse cavalheiro era indigno de sua lealdade? Não fizera nada para salvá-la por ocasião do terrível escândalo. Não oferecera ajuda nem demonstrara pesar pela impossibilidade de realizar os planos de casamento. Em vez disso, fugira como um pateta apavorado e egoísta. Claredon se deixou corroer pelo ciúme enquanto andava de um lado para o outro na biblioteca, até que um pensamento surpreendente o deteve e varreu de sua mente as incômodas reflexões.

— Bom dia, meu lorde — o vigário o cumprimentou da porta, interrompendo seus pensamentos sombrios.

Claredon virou-se impaciente.

— Ah, Humbly...

— Sente-se melhor?

— Sim, eu estava muito melhor.

— Estava? — Como sempre, o religioso mantinha aquele ar plácido. — Aconteceu alguma coisa.

— Estamos recebendo a visita do Sr. Stice.

— Sr. Stice...? Vejamos, sei que já ouvi esse nome, mas...

— Trata-se do cavalheiro com quem Victoria planejava se casar.

— Ah... Oh, sim, é isso!

— Ela, é claro, insistiu em recebê-lo.

— E não queria que ela o recebesse, meu lorde?

— Não.

— Por quê?

O homem podia ser exasperador!

— Creio ser óbvio, Sr. Humbly. Victoria acredita amar esse homem.

O religioso franziu a testa como se desaprovasse o comentário.

— Victoria não vai esquecer que agora é uma mulher casada, meu lorde.

— Não receio que ela seja infiel.

— Então, qual é seu temor?

— Tenho medo de que ela se lembre do que a fez desejar desposá-lo.

Houve um silêncio tenso depois da traiçoeira revelação de seus mais íntimos sentimentos. Não era fácil traduzir suas emoções em palavras tão claras. Afinal, tinha seu orgulho, e não era nada agradável aceitar que sua própria esposa tinha uma preferência tão óbvia por outro homem. Ou que esse conhecimento o devorava de um jeito que preferia não examinar, tal o desconforto por ele causado.

Felizmente, Humbly não comentou sobre como ele se havia deixado derrubar, nem desprezou suas preocupações com uma resposta superficial. Em vez disso, ele pensou por alguns momentos antes de dizer:

— Bem, decerto não sou nenhum perito com as mulheres, mas creio que é muito provável que Victoria comece a perceber que o casamento com o Sr. Stice teria sido um grave erro.

Claredon franziu a testa, negando-se a acreditar nas palavras tentadoras.

— Mas ela acredita amá-lo.

— Oh, ela certamente se convenceu de seu amor por ele, mas, durante nossas discussões, notei que ela fala mais do esforço que fazia para salvá-lo de uma mãe autoritária e egoísta do que de sua ligação emocional com ele. Victoria sempre foi uma criatura generosa que correu em socorro de seus semelhantes.

Embora o discurso do vigário refletisse sua própria crença sobre o afeto de Victoria pelo imprestável Sr. Stice, a confirmação não servia de consolo.

— Concordo que o casamento de Victoria com aquele pateta chorão teria sido um desastre, mas é impossível convencer minha esposa da verdade. E eu já tentei.

— Nesse caso, talvez seja melhor deixá-la descobrir a verdade por conta própria.

Humbly balançou a cabeça.

Sim, seria muito melhor se Victoria descobrisse sozinha que seus sentimentos por Stice eram apenas de proteção e ternura, emoções de uma mulher forte por um homem fraco. Mas encorajá-la a passar mais tempo com o cavalheiro era uma possibilidade que o enchia de ira.

— Deve estar certo, Sr. Humbly, mas prefiro ter a satisfação de dar um soco no olho desse sujeito.

Humbly o encarou com firmeza.

— Acredite em sua esposa, meu lorde. Não vai ficar decepcionado.

Gostaria de poder acreditar nas generosas palavras do vigário, mas até Victoria aceitá-lo como marido, confiança era um luxo a que não tinha acesso. Como poderia confiar nela, se sabia que ela não acreditava ter motivos para permanecer leal ao marido? Oh, não no sentido físico, certamente, porque sabia que sua honra não a deixaria entregar-se a outro homem, mas, como confessara ao vigário, temia que a chegada de Stice a levasse a aumentar ainda mais as barreiras entre eles.

— Espero que esteja certo, Humbly.

Antes que o vigário pudesse falar, a porta da biblioteca se abriu e Victoria parou hesitante, sem saber se devia ou não entrar.

Claredon quase não resistiu ao impulso de estudar seu rosto delicado, como se assim pudesse encontrar sinais de inquietação ou pesar por ter estado frente a frente com o homem que professava amar. Mas não havia nada ali senão uma certa palidez. E ela parecia incerta, também, o que era incomum.

— Entre, minha querida — ele disse com tom doce, como se quisesse acalmá-la.

Ela se adiantou e olhou para o silencioso vigário.

— Bom dia, Sr. Humbly.

— Bom dia, Victoria. Estava mesmo de saída para ir fazer meu desjejum. Vejo você mais tarde?

— Oh, sim, é claro — ela concordou prontamente.

— Ótimo. — Com um olhar significativo para Claredon, o cavalheiro retirou-se discretamente da biblioteca, deixando marido e mulher a sós.

Claredon respirou fundo antes de falar:

— O Sr. Stice já se retirou? Tão depressa?

Ela torcia as mãos num gesto de nervosismo.

— Não. Ele ainda está no salão.

— Algum problema?

— Na verdade... — As palavras a abandonaram, e ela inspirou profundamente como se desejasse reunir coragem. — Ele pediu licença para permanecer em nossa casa por alguns dias.

Claredon não conseguiu disfarçar a incredulidade.

— Aqui?

— Sim.

Incapaz de aceitar tamanha ousadia, mesmo de um idiota como Stice, Claredon virou-se para a janela de onde podia ver o jardim.

— Entendo.

— Sei que não gosta muito de Thomas — ela começou com tom controlado, cauteloso —, mas ele realmente não tem para onde ir.

Claredon poderia fazer várias sugestões com relação ao paradeiro do infeliz, mas a lembrança do olhar severo do vigário o fez morder a língua.

— E acha que devo aceitar sob meu teto o cavalheiro que afirma amar? — ele indagou com tom frio.

Houve um silêncio desconfortável antes de Victoria pigarrear.

— Tenho plena consciência de que Thomas jamais poderá ser mais do que um amigo.

Ele riu.

— Não é tão fácil controlar os sentimentos, minha querida.

— Está mesmo disposto a tornar essa situação ainda mais difícil, não é?

Ele estava tornando a situação difícil?

Claredon encarou-a com ar irritado. Como ela se sentiria, se pedisse sua permissão para abrigar sob seu teto uma ex-amante?

Talvez o vigário estivesse certo sobre ela ter de descobrir sozinha a verdade sobre seus sentimentos por Stice, mas não deixaria de apontar alguns detalhes pertinentes que ela parecia não ter notado.

— Victoria, por acaso já pensou que é estranho que o Sr. Stice tenha decidido aparecer por aqui justamente nesse preciso momento?

Ela balançou a cabeça.

— O que quer dizer?

Claredon sorriu de sua inocência.

— Primeiro um desconhecido tenta invadir nossa casa. Depois ele a ameaça e tenta me matar com um tiro. Quando fica evidente que ele não conseguiu nos amedrontar a ponto de entregarmos essas misteriosas jóias, o Sr. Stice chega sem aviso prévio e pede para hospedar-se aqui por alguns dias.

Como era esperado, ela reagiu indignada à acusação direta ao seu querido Thomas.

— Está insinuando que Thomas tem algum envolvimento com o Sr. Smith?

— Talvez *ele* seja o Sr. Smith. O desenho que fez tem uma certa semelhança com ele.

Esperando uma explosão furiosa, ele se surpreendeu ao ver certa hesitação em sua reação.

— Absurdo.

Claredon aproximou-se, mais ressentido do que gostaria de admitir com a pronta defesa de Thomas.

— Não é absurdo. Pense bem, Victoria. Faz sentido. Como não conseguiu as jóias pela força, ele decidiu entrar em nossa casa usando o disfarce de amigo.

— Não. O homem que me ameaçou na carruagem não era Thomas.

— Como pode ter tanta certeza? Você mesma disse que ele manteve o rosto coberto por um lenço preto.

Teimosa como sempre, ela se recusava a admitir que Stice poderia ser capaz de um plano tão nefasto.

— Eu teria reconhecido Thomas, mesmo com o lenço, a capa e o chapéu.

Sabia que seria inútil argumentar e tentar fazê-la entender que, naquele momento, apavorada como estava, não teria reconhecido nem a própria mãe. Por isso ele encolheu os ombros.

— Talvez ele tenha um cúmplice.

— Agora está sendo ridículo. — Nervosa, Victoria virou-se para caminhar pelo aposento. — Em primeiro lugar, não há nenhuma jóia a ser encontrada aqui, e em segundo lugar, Thomas jamais se envolveria em um ato criminoso.

Contendo o impulso de amaldiçoar Thomas com todo seu ódio, Claredon olhou para a esposa com uma suspeita crescente. A defesa que ela tentava praticar era quase exagerada.

— Tem certeza de que ele nunca lhe deu nenhuma jóia? Um anel de noivado, talvez?

— Nunca.

— Ele nunca lhe ofereceu presentes? Nada?

— Apenas uma estatueta barata.

Claredon franziu a testa, recusando-se a acreditar que poderia estar errado, afinal. Talvez desejasse pensar o pior sobre o irritante cavalheiro, mas ainda havia o fato irrevogável de ele ter se apresentado em sua casa no mesmo momento em que os problemas começaram em Longmeade. Isso era algo que não podia ser ignorado.

Ou melhor, era algo que ele não desejava ignorar.

— Deve haver alguma coisa — disse. — Tudo isso não pode ser uma mera coincidência.

— Não pode ser Thomas. Não pode ser. Não vou acreditar nisso.

Certo de que Victoria escondia alguma coisa dele, Claredon aproximou-se para pousar as mãos sobre seus ombros e contê-la com firmeza.

— Olhe para mim — exigiu com firmeza, apesar da doçura contida em sua voz.

Houve um momento de pausa, como se ela considerasse a hipótese de ignorar suas palavras. Então, com óbvia relutância, ela se virou e fitou-o com aqueles grandes e expressivos olhos verdes.

— O que é?

— Está deixando de me dizer alguma coisa.

Ela umedeceu os lábios, um sinal de nervosismo que ele já havia aprendido a identificar.

— Não é nada...

— Victoria?

— É que... Bem, Thomas mencionou alguma coisa sobre as jóias da mãe dele terem desaparecido.

— Por Deus! — ele exclamou surpreso.

Ansiosa para impedi-lo de dar mais importância do que era devido à simples confissão, ela segurou as mãos do marido. Apesar da raiva, Claredon experimentou uma onda de prazer proporcionada pelo contato das mãos suaves sobre as dele.

— Claredon, isso é simplesmente impossível. Thomas é um homem fraco em muitos sentidos, eu reconheço, mas nunca foi desonesto. Não que eu tenha tomado conhecimento. De

fato, ele não é capaz de mentir, mesmo que seja uma mentira tola e sem importância, sem gaguejar e ficar vermelho como um tomate.

— Talvez não o conheça tão bem quanto julga conhecê-lo.

Uma expressão magoada escureceu seus olhos, e Claredon lamentou imediatamente o impulso de agredi-la verbalmente por sua determinação em proteger o ex-noivo. Maldição! Nunca perdera sequer um segundo de seu tempo pensando se uma mulher se dedicava a outros homens além dele. As amantes que haviam se esforçado para provocar seu ciúme acabaram conquistando apenas seu desprezo por conta de um truque tão infantil. Sempre havia presumido estar acima de emoção tão tediosa. Afinal, havia muitas mulheres esperando por suas atenções.

Agora percebia relutante que podia ser tão suscetível ao ciúme quanto qualquer outro homem, uma descoberta que não colaborou em nada para melhorar sua disposição volátil.

Afastando-se dele, Victoria cruzou os braços sobre o peito.

— Quer ouvir minha opinião? — perguntou. — Acho que só está tentando acreditar no pior por não gostar de Thomas.

— Tem razão, não gosto dele. E se quer ouvir toda a verdade, estou com ciúme dele.

Ela emitiu um som sufocado, expressão inocente da surpresa provocada por sua honestidade.

— Ciúme? — repetiu com os olhos arregalados.

Um sorriso distendeu os lábios do lorde. Ela parecia não acreditar em sua confissão. E quem poderia culpá-la, se nem ele mesmo conseguia acreditar no que estava sentindo?

— Esse homem conseguiu conquistar sua afeição com facilidade espantosa, considerando sua falta de aptidão em todos os sentidos, enquanto eu tenho me esforçado em vão há meses. — A mão buscou o desenho generoso da boca que o atormentava sem trégua. — É como se ele conhecesse o caminho para o seu coração.

Victoria estremeceu sob a carícia sensual, mas não tentou fugir dela.

— Não creio que tenha tentado conquistar minha afeição — disse, a voz soando incerta e fraca. — Está sempre me provocando.

— Teria sido comovida por palavras suaves? — ele a desafiou erguendo as sobrancelhas. — Tem se mostrado disposta a odiar-me desde que nos casamos.

Ela reagiu como se a acusação a chocasse, reação essa que, por sua vez, causou grande surpresa em Claredon.

— O que diz não é verdade — ela protestou. — Não o odeio.

— Não?

— É claro que não!

Claredon experimentou um ridículo calor envolvendo seu coração. Talvez ainda houvesse esperança para eles, afinal.

— Então, o que sente por mim, Victoria? — indagou.

— Eu... — Ela engoliu em seco, baixando os olhos como se quisesse esconder a confusão que dominava sua alma. — Não creio que esse seja o melhor momento para tal discussão.

Claredon sorriu. A mulher era esquiva como um sapo, próxima o bastante para que pudesse vê-la e senti-la, mas sempre pronta para fugir à menor tentativa de contato ou confinamento. Incapaz de conter-se, ele se aproximou e a enlaçou pela cintura, puxando-a contra a rigidez de seu corpo.

— E quando será o momento propício para essa interessante discussão? — perguntou num murmúrio rouco e provocante.

Ela o encarou, assustada, sentindo as mãos apertarem seu corpo. Os seios estavam

pressionados contra a parede de músculos do peito do marido.

— Claredon!

— Estou esperando por uma resposta, minha querida.

Uma encantadora leveza passou rapidamente por seu rosto, como se ela considerasse a possibilidade de relaxar e apreciar o contato, e a visão terna fez Claredon estreitá-la ainda mais entre os braços. Tê-la tão perto era como colocá-la em seu lugar no mundo, um lugar onde podia se sentir ao mesmo tempo invencível e vulnerável, frágil e ousada. Ele não a perderia para um cavalheiro que não conseguia ser mais do que um fardo egoísta. Victoria merecia mais do que isso.

Além do mais, sussurrou uma voz possessiva em sua cabeça, ela era sua, e pretendia fazer tudo que fosse necessário para mantê-la em sua casa, a seu lado. Como sua legítima esposa de fato e de direito.

— Falávamos sobre Thomas — ela lembrou ofegante.

— Prefiro falar sobre nós. Ontem à noite senti brotar em mim a semente da esperança, sabe? Creio que pode se importar um pouco comigo, afinal. Caso contrário, por que teria ficado tão preocupada com minha segurança e tão abalada com meu ferimento?

— É certo que fiquei preocupada e abalada.

Por que gosta de mim? — Estavam bem perto do sofá. Com um movimento, poderia tirá-la do chão e deitá-la sobre as almofadas. Era um sofá pequeno, mas estava ficando desesperado o bastante para superar qualquer obstáculo. Sim, havia muito a ser dito a respeito da escrivaninha. Podia empurrá-la sobre a quina e...

— Porque é meu marido. — A resposta prática invadiu seus pensamentos.

Ele balançou a cabeça, recusando-se a acreditar que a raiva e o desespero que vira nos olhos dela na noite anterior haviam sido produtos apenas do dever.

— E você gosta de mim — ele insistiu com tom aveludado.

Ao sentir as mãos puxando-a contra o peito musculoso e as pernas envolvendo as dela, Victoria fechou os olhos.

— Suponho que sim — murmurou.

O tom hesitante o enchia de uma dolorosa frustração. Ela proclamava seu amor por Stice com facilidade gloriosa. Por que não podia admitir um simples sentimento de simpatia ou amizade pelo marido sem dar a impressão de estar sentada na cadeira do dentista, arrancando um dente?

— É tão difícil dizer, Victoria? Sou uma pessoa tão horrível assim, que julga ser justificado esse sentimento de vergonha ou pesar por simpatizar ao menos um pouco comigo?

De repente ela o encarou como se estivesse ofendida.

— Não quero sentir nada por você.

As palavras eram como uma bofetada. Sempre soubera de sua determinação em manter as barreiras entre eles. Mas nunca ouvira as palavras brotarem de seus lábios.

Agora queria gritar de frustração e revolta.

Ambos haviam sido forçados a desistir de suas esperanças e dos planos para o futuro. Ele havia perdido tanto quanto ela. Certamente, Victoria podia compreender que o mais sensato era descobrirem juntos novos planos que incluíssem um e outro. Seria melhor do que viver trocando provocações e agressões.

— Victoria...

A voz inesperada rompeu o silêncio da biblioteca, fazendo-a saltar dos braços do marido no mesmo instante em que o Sr. Stice entrou na sala. Claredon não conseguiu sufocar o imediato

antagonismo, nem tentou esconder o desprazer causado pela indelicada invasão de sua privacidade.

— Oh... meu lorde!

— Stice...

— Eu... só queria agradecer Victoria mais uma vez por ter me deixado ficar em Longmeade — ele gaguejou.

Claredon abriu a boca para informar que ele não só não era bem-vindo em Longmeade como corria o risco de ser afogado na enseada mais próxima, mas o olhar suplicante da esposa o fez calar.

Maldição.

Se expulsasse o idiota da propriedade, seria considerado um monstro insensível, embora tivesse esse direito. Victoria não só o acusaria de não confiar nela, mas também usaria o ocorrido como mais uma desculpa para manter o afastamento entre eles. Sua situação era impossível; não havia como sair dela sem um considerável prejuízo.

— Espero que tenha sido bem acomodado — disse, demonstrando um mínimo de boas maneiras.

O jovem assentiu.

— Sim, estou muito bem acomodado.

— Que bom.

Stice tossiu, recuando para a porta entreaberta.

— Ah... bem... devo mudar de roupa antes de sentar-me à mesa para a próxima refeição. Com sua licença...

Sem esperar por uma resposta, o covarde saiu apressado. Claredon não podia negar certa satisfação diante da demonstração de medo. Talvez o idiota tivesse algum juízo, afinal.

— Vai permitir que ele fique? — Victoria indagou surpresa.

Virando-se para fitar a esposa, ele adotou uma expressão indecifrável Não admitiria que temia sua reação, caso não acatasse o pedido. Tal poder era perigoso demais para ser entregue tão facilmente.

— Oh, sim, ele pode ficar — disse. — Assim tenho a oportunidade de vigiá-lo de perto.

Victoria não escondeu a irritação provocada pela justificativa.

— Francamente, Claredon, você é impossível!

— Não, minha querida. Sou determinado. Eu nunca jogo para perder, e esse é um lembrete que deve ter sempre em mente.

Capítulo X

A semana havia sido intolerável. Victoria suspirou enquanto, distraída, despedaçava uma fatia de torrada em seu prato. Não esperava que Claredon ficasse satisfeito com sua insistência para que Thomas pudesse ficar. Na verdade, sabia que ele ficaria furioso com essa idéia de sua esposa abrigar um ex-noivo sob seu teto. Mas não esperava o tratamento gelado que parecia encher todos os espaços da casa com um sopro de indiferença.

Ele já não era mais o conquistador divertido de antes, nem mesmo o adversário irritante

que conhecera logo após o casamento. Agora era distante, totalmente inalcançável.

Para seu desânimo, Victoria descobriu-se sentindo falta da incessante perseguição. Ridículo, considerando que havia ficado apavorada pela idéia de sucumbir à sedução experiente e ensaiada. Devia estar celebrando essa distância fria. Mas, na verdade, experimentava um profundo sentimento de perda quando ele passava por ela no corredor e limitava-se a um cumprimento formal, ou quando se sentava à mesa do jantar como se nem notasse sua presença.

Pior ainda, Thomas estava provando ser um hóspede muito exigente. Era como se não conseguisse dar um passo sem vê-lo a seu lado. Desde que se levantava até a hora em que se recolhia, ele buscava incessantemente sua companhia, enchendo o ar com sua conversa vazia, queixando-se de como era maltratado pela mãe.

Mais de uma vez, Victoria havia sido forçada a morder a língua para conter uma resposta ríspida e não demonstrar a irritação que sentia diante dos espetáculos de autopiedade. Como nunca havia percebido o egoísmo desse homem? Ou como podia ser arrogante e autocentrado?

A verdade era que Claredon estava certo. Não conhecia Thomas tão bem quanto imaginava, não o suficiente para pensar em se casar com ele. E começava a reconhecer com alguma relutância que havia sido mais piedade que amor a principal motivação para a fuga.

Sentindo-se miserável, ela olhou para o outro lado da mesa, onde Thomas devorava uma impressionante porção de comida. Claredon e o Sr. Humbly já haviam aprendido a evitar o salão de café-da-manhã sempre que Thomas nele se encontrava. Infelizmente, ela não se encontrava em posição de fazer o mesmo.

— Devo lhe dizer, Victoria, que insisti muito em não acrescentar botões nesta jaqueta — ele estava dizendo, indiferente a sua falta de atenção. — Mas o alfaiate se recusou a aceitar minha idéia.

— A jaqueta é sua, Thomas. Se não queria os botões, não devia tê-los aceito.

Ele se mostrou previsivelmente escandalizado pela sugestão.

— Oh, não, o homem alegou que qualquer outro arranjo arruinaria o efeito. Não queria ter uma jaqueta esquisita.

— Imagino que não.

— O que você acha?

Do quê?

— Dos botões, é claro. Acha que devo trocá-los por outros?

— Oh... — Ela olhou para os botões sem nenhum interesse, tentando entender como se metera em situação tão intolerável. Seu marido estava furioso, o pobre Sr. Humbly havia desaparecido, e esse cavalheiro acabaria por levá-la à loucura. — Os botões são ótimos.

— Não são muito grandes?

— Não.

Thomas suspirou, como se os botões tivessem importância crucial.

— Não imagina como me tranqüiliza com isso, Victoria. E tão inquietante tomar tais decisões sozinho! Preferia quando estava sempre comigo, lidando com esses detalhes aborrecidos.

Victoria estremeceu, percebendo de repente como estivera perto de tornar-se uma constante subordinada desse homem. Nunca teria um instante de paz, nem a menor esperança de dedicar-se a interesses próprios. Como poderia, se teria de tomar todas as decisões por Thomas? A constatação a enervava.

Decidindo entrar em ação, Victoria ergueu os ombros num gesto determinado. Embora ainda não acreditasse que Thomas pudesse estar envolvido com o perigoso Sr. Smith, não podia negar inteiramente que era estranho que as jóias da mãe dele houvessem desaparecido ao mesmo

tempo em que esse homem surgia em Kent. Talvez houvesse alguma ligação que eles ainda não pudessem determinar.

Além do mais, a essa altura estava pronta para discutir qualquer assunto que não fossem os botões.

— Thomas...

— Veja estas botas, por exemplo — ele continuou sem ouvir a interrupção. — Creio ter sido enganado pelo comerciante. Se você estivesse comigo...

— Thomas — ela repetiu em voz alta.

Ele piscou surpreso.

— Sim, minha querida?

— Você me disse que discutiu com sua mãe por causa de algumas jóias desaparecidas...

Uma expressão aborrecida dominou o rosto quase juvenil do cavalheiro, como se a repentina mudança de assunto o incomodasse ou insultasse.

— Prefiro não recordar aquele horrível confronto.

— É claro. Mas estive pensando em seus problemas, e fico me perguntando... É possível que essas jóias tenham realmente desaparecido?

— Isso tudo é um absurdo. Minha mãe não sabe onde as colocou, só isso.

Victoria pensou brevemente na mulher alta e forte que governava tudo e todos à sua vontade com punho de ferro.

— Perdoe-me, Thomas, mas sua mãe não parece ser o tipo de mulher que perde uma fortuna em jóias.

— Ela deve tê-las perdido.

— Está realmente convencido de que elas não foram roubadas?

De repente, Thomas jogou o guardanapo sobre a mesa e empurrou o prato com um movimento ríspido.

— Por Deus, Victoria, não pode estar pensando que roubei as jóias de minha própria mãe!

— É claro que não.

— É o que espero. Francamente, já suportei demais de minha mãe. Pensar que você também pode me acusar de algo tão hediondo é mais do que posso suportar.

Victoria obrigou-se a contar até dez. Também já havia suportado mais do que julgava ser possível..

— Já pensou que outra pessoa pode ser responsável pelo roubo?

Thomas a encarou com ar estupefato.

— Quem?

— Não sei. Quando sua mãe sentiu falta das jóias?

Ele encolheu os ombros, como se estivesse incomodado por ter de discutir assunto tão desagradável.

— Ela afirma ter notado o desaparecimento logo depois de nós... de nós fugirmos. Ela presumiu que as houvéssemos levado para pagarmos parte da viagem até a Escócia e esperava que, uma vez de volta a Londres, eu as devolvesse.

A total ausência de preocupação com o prejuízo sofrido pela mãe dele a espantava.

— E não acredita que deve tentar descobrir o que aconteceu com as jóias?

Um certo constrangimento bailou em seu rosto depois da questão em tom de censura.

— O que posso fazer?

— Bem, podia ao menos ter revistado os lugares onde acha que ela poderia tê-las deixado, ou interrogar os criados.

— Pelo amor de Deus, eu estava furioso demais para me preocupar com essas jóias! Além do mais, ninguém pode esperar que eu me ocupe de tais coisas. Meus nervos são muito delicados, como sabe, e facilmente abaláveis.

— Mas...

— O quê? — ele indagou apreensivo quando ela interrompeu o discurso.

— Nada — Victoria desistiu, compreendendo que Thomas realmente julgava ter os nervos fracos demais para fazer qualquer coisa que o desagradasse. Um excelente truque, para quem conseguia mantê-lo. — O que faremos hoje?

Agarrando a oportunidade de deixar de lado o inconveniente assunto sobre as jóias desaparecidas, Thomas suspirou.

— Acho que devo escrever para minha mãe e informá-la sobre onde estou.

— É claro...

— Por mais zangado que esteja com ela, não seria conveniente preocupá-la.

— Não.

— Não que a tenho perdoado — ele acrescentou apressado, como se temesse que Victoria o considerasse apegado demais à saia da mãe. — Exigirei um pedido de desculpas.

— É claro... — ela concordou sem se importar.

— E também vou exigir que pare de mandar me seguir por aí como se eu fosse uma criança.

— Muito bem.

— Serei tratado como um adulto.

— Sim.

Houve uma longa pausa antes de Thomas fitá-la com ar de súplica.

— Pode me ajudar a escrever a carta? Não sou muito bom nessas coisas.

— Oh, Thomas... — Um movimento além da janela chamou sua atenção. Intrigada, ela se levantou para ir olhar o jardim.

— O que foi, Victoria?

— Meu marido — ela respondeu, deixando de lado todos os pensamentos relacionados a Thomas enquanto, apreensiva, via Claredon caminhar determinado para o estábulo. Como ele se atrevia? Havia prometido que não deixaria a propriedade sem companhia! Pois bem, dessa vez ele não escaparia tão fácil.

Sem considerar a própria atitude, Victoria segurou as saias e caminhou apressada para a porta.

Ela só parou por um instante quando viu Thomas se levantar.

— Vai me deixar?

— Preciso falar com Claredon.

— Mas e a minha carta?

A vontade de dizer exatamente o que pensava sobre essa carta absurda foi rapidamente contida. Não devia desafiar o destino.

— Creio que seria melhor se escrevesse para sua mãe sozinho.

— Oh, não, eu não poderia...

A paciência de Victoria estava chegando ao fim. Tentara realmente ser generosa com Thomas, não só por conta de uma antiga amizade, mas, mais importante, para esconder de

Claredon que ele estava absolutamente certo.

Teria sido infeliz ao lado de um homem tão infantil. Mais do que isso, teria sido prisioneira de suas exigências egoístas. Mas o orgulho exigia que ela ocultasse a desilusão do único cavalheiro que parecia conhecê-la de verdade.

De repente tinha pensamentos mais importantes do que acalmar Thomas ou até esconder de Claredon seus mais recentes sentimentos.

Apressada, ela desceu a escada e passou pela porta que o mordomo quase não conseguiu abrir a tempo. Victoria corria para o estábulo, e conseguiu interceptar o marido quando ele já deixava o jardim.

— Claredon!

Ele parou assustado.

— Bom dia, Victoria — disse, assumindo uma expressão indecifrável.

— Aonde vai?

Como era de se esperar, ele sorriu de sua atitude arrogante, como se debochasse de sua suposta autoridade.

— Bom dia, Sra. Claredon — disse com tom sardônico. — Dormiu bem? Ora, espero que sim. Como está atraente nessa bela manhã.

Há alguns dias as palavras de provocação a teriam enfurecido. Hoje, no entanto, ela se sentia feliz por ouvi-las. Qualquer coisa era melhor do que a frieza e o distanciamento de antes.

— Desculpe-me — pediu com um sorriso embaraçado. — Dormiu bem?

— Muito mal.

Preocupada, ela franziu a testa sem perceber que o sol filtrado pelo fino tecido do vestido oferecia uma imagem bem clara de seu corpo.

— Qual é o problema? Sente dores no ombro? Ele respirou fundo.

— Você sabe muito bem o que está me incomodando, meu amor.

Foi impossível impedir o súbito rubor que tingiu seu rosto ou o desejo instintivo de abordar assuntos menos perigosos.

— Ainda não me disse para onde está indo.

Ele sorriu, percebendo o truque por ela empregado, mas se deixou conduzir por esse caminho inofensivo.

— Lorde Vernon está pensando em vender o terreno vizinho à nossa propriedade. Quero ir conhecer o local antes de fazer uma oferta.

Ela pôs as mãos na cintura e o encarou com expressão severa.

— Sozinho?

Claredon encolheu os ombros.

— Não é longe.

— Você me prometeu...

Com movimentos deliberados, ele cruzou os braços e a encarou sério.

— Sim, eu sei, mas não pensei que pudesse me agradecer por tirá-la de perto de seu precioso Sr. Stice.

— Ele não é meu precioso Sr. Stice. Ele é apenas um amigo que precisa de minha ajuda.

— Ele precisa é de fibra.

Odiando a idéia de discutir Thomas ou sua presença inoportuna em sua casa, Victoria assumiu uma atitude ainda mais determinada.

— Se me der alguns momentos, preciso mudar de roupa.

— Quer ir comigo?

— Não quero que saia sozinho.

— E o Sr. Stice?

Ela suspirou impaciente.

— Vai esperar por mim, ou não?

— Para sempre, se for necessário.

Foi como se todo o ar deixasse seu corpo, tal o impacto provocado pelas palavras simples. Por um momento, ela se perguntou se estava sendo sensata buscando deliberadamente esses momentos de privacidade e solidão com o marido. Já não sabia como estava se tornando vulnerável à sedução persistente e experiente? Já não aceitara que gostava mais dele do que pretendia? Não estava cada vez mais certa de que seu suposto amor por Thomas não havia passado de uma fraude que já não servia para proteger seu coração?

Os pensamentos passaram rapidamente por sua mente, sendo ignorados com a mesma velocidade.

Embora não houvessem visto nem tido notícias do Sr. Smith na semana anterior, isso não significava que o perigo havia desaparecido. Não permitiria que Claredon voltasse a se arriscar.

— Voltarei num minuto.

Balançando a cabeça num gesto resignado, Claredon continuou seu caminho para o estábulo a fim de ir providenciar as montarias. Havia decidido que permaneceria composto e distante na presença da esposa. Como se não bastasse aturar Stice colado nela como um parasita, ainda teria de suportar o ridículo de expressar todo seu ciúme? Nunca!

Ela jamais suspeitaria de que todos os criados da casa estavam vigilantes, atentos a seus movimentos. E também não saberia que ele, seu marido, passava as noites andando de um lado para o outro, consumido pela sombria necessidade de tomá-la nos braços e deitá-la em sua cama, onde era seu lugar.

Fingiria estar acima dessas emoções imaturas.

Acabaria surpreendendo o cavalheiro praticando algum ato condenável, ou, o que era mais provável, o idiota voltaria rastejando para sua querida mamãe. De qualquer maneira, ele estaria longe de Longmeade, e Victoria teria de aceitar que sua vida estava ali, ao lado do homem com quem se casara.

Sim, podia esperar por essa conclusão, se não arruinasse tudo enfurecendo Victoria além de qualquer possibilidade de perdão.

Balançando a cabeça, Claredon levou os cavalos para o pátio. Talvez fosse inútil alimentar a esperança de se manter indiferente à esposa. No momento em que a via era tomado de assalto por uma gama de emoções, como impaciência, luxúria e o mais estranho sentimento de ternura. Estava dividido entre o desejo de jogá-la sobre a cama mais próxima e apertá-la entre os braços para protegê-la do mundo.

Essa confusão acabaria por levá-lo à loucura, ele decidiu apreensivo. No momento, tudo que podia fazer era agarrar-se ao conhecimento de que ela ao menos se preocupava com sua segurança. Era um começo.

Victoria já o aguardava quando ele chegou ao pátio, e depois de ajudá-la a montar, ele também se acomodou sobre a sela.

— Pronta? — perguntou.

— Sim.

— Então, podemos ir.

Enquanto cavalgavam, ele estudava com discrição a mulher que atormentava seus pensamentos há meses. Ela cavalgava bem, movendo-se com uma graça fascinante e inesperada.

Fascinante demais, ele reconheceu, desviando o olhar para a estrada.

— Acha que o Sr. Humbly pode assegurar o entretenimento do Sr. Stice?

— O Sr. Humbly foi visitar o reitor local, e Thomas está escrevendo uma carta para a mãe.

— Ah, o filho dedicado — ele debochou, incapaz de controlar o impulso.

Um olhar de censura foi a punição pelo pequeno deslize.

— Pretende manter essa atitude de provocação durante a manhã toda?

— De jeito nenhum. É tão raro tê-la só para mim, que hoje pretendo me comportar muito bem.

— Por que será que não consigo acreditar nisso?

— Não faço a menor idéia.

Ela balançou a cabeça antes de tentar escapar de seu olhar penetrante.

— Já conseguiu alguma outra informação sobre o Sr. Smith?

Claredon fez uma careta de desgosto ao ser lembrado de que ainda não conseguira encontrar pistas do velhaco. Nem mesmo a conversa com o magistrado servira para elucidá-lo sobre a identidade do indivíduo que tentara invadir sua casa.

— Nada. Sei que ele não retornou à hospedaria desde a noite em que tentou acabar comigo. Só isso.

— Talvez tenha ficado amedrontado ao saber que o feriu. É bem possível que tenha deixado à área de Kent.

Claredon não tinha essa esperança. Era mais provável que o criminoso houvesse enviado Stice para procurar pelas jóias em sua casa enquanto ele permanecia escondido.

Mas, dessa vez, ele teve a sabedoria de não manifestar sua opinião.

— Talvez — murmurou. — De qualquer maneira, quero que continue tomando muito cuidado até esclarecermos toda essa questão.

— Caso tenha esquecido, era você quem estava tentando sair sozinho — ela respondeu irritada.

— Como já expliquei antes, não imaginei que desejasse ser interrompida. — Ele ficou em silêncio por um instante. Gostaria de saber o que Victoria sentia com a presença de Stice em sua casa, mas, ao mesmo tempo, temia ouvir a resposta. Um terrível dilema para um cavalheiro que sempre havia preferido manter ligações casuais e temporárias a viver a complexidade de um relacionamento.

— Gostou de receber a visita do Sr. Stice?

As mãos delicadas puxaram as rédeas, até o cavalo balançar a cabeça em protesto. Com esforço evidente, ela relaxou e até conseguiu forçar um sorriso pálido.

— É sempre muito bom encontrar um velho amigo — disse com neutralidade irritante.

Intrigado, Claredon aproximou-se dela, estudando seus traços em busca de algum sinal do verdadeiro conteúdo de seus pensamentos.

— Ele foi mais do que um mero amigo.

— Pensei que não tinha a intenção de me provocar.

— Não estou tentando provocar ninguém. E não acredito que algo impróprio tenha acontecido desde a chegada desse cavalheiro à nossa casa. Só estou interessado em saber o que sente por conviver com o homem que um dia amou, agora que ele está além de seu alcance.

Houve um silêncio tenso antes de ela encolher os ombros.

— Tem sido... difícil.

Claredon experimentou a sensação de ser atingido no peito por um soco violento.

— Seus sentimentos por Stice não se modificaram?

— Prefiro não discutir esse assunto, Claredon.

Uma repentina tensão dominou seu rosto enquanto aquela horrível onda de ciúme o invadiu. Devia estar sendo castigado por ter vivido toda uma vida de ligações frívolas.

— Não quero incomodá-la, Victoria, mas, como seu marido, acredito ter o direito de saber se ainda se sentem ligados um ao outro.

Ela umedeceu os lábios antes de responder:

— Suponho que meus sentimentos sofreram uma certa modificação.

— Em que sentido?

— Eu... — Victoria suspirou exasperada. — Começo a me perguntar se não cometi um engano com Thomas.

O ciúme deu lugar a uma onda de esperança igualmente rápida e intensa.

— Um... engano?

Ela se recusava a encará-lo, mas Claredon não deixou de notar o nervosismo estampado em seu rosto. Alguma coisa a perturbava, e isso era evidente.

— Quando estivemos juntos em Londres, foram apenas encontros breves, ocasiões sempre tumultuadas pela presença impositiva e autoritária da mãe dele. A mulher estava tão decidida a vê-lo casado com uma herdeira que fazia tudo que estava ao seu alcance para separar-nos.

Claredon sorriu.

— O que garantia encontros secretos e apimentados pelo delicioso prazer de enganá-la, certo?

Ela o fitou espantada.

— Sim!

O lorde balançou a cabeça.

— Nunca deixo de me surpreender com a falta de sensatez das pessoas que decidem separar um casal de amantes. Por que persistem em fazer tudo que vai unir ainda mais essas pessoas? Poucos seres humanos conseguem resistir ao proibido. E, é claro, mantendo um casal separado, permite-se que essas duas pessoas teçam as mais ridículas fantasias, em vez de se conhecerem como realmente são.

Victoria respirou fundo.

— Tive poucas oportunidades para entender a verdadeira natureza de Thomas, ou para questionar seus motivos para desejar estar comigo.

— E agora? — ele indagou com voz suave, contendo a respiração sem se dar conta da própria expectativa.

Victoria reuniu a coragem necessária para fitá-lo nos olhos.

— Agora sei que nunca o amei.

Capítulo XI

Victoria desviou o olhar e buscou o horizonte enquanto o silêncio tenso se estendia até

quase o insuportável. Não havia sido fácil confessar a verdade a Claredon. Não só parecia tola por ter confundido uma tépida simpatia com amor, como perdera uma de suas mais eficientes proteções contra as investidas do marido. Agora que já não podia mais se esconder atrás dos leais sentimentos por Thomas, estava vulnerável e se sentia muito desconfortável.

Mesmo assim, descobria-se incapaz de continuar mentindo. Claredon provara ser muito mais leal e confiável do que jamais ousara esperar. Arriscara a própria vida para garantir sua segurança, algo que Thomas jamais teria considerado. Ele merecia a verdade.

Por muito tempo ouviu-se apenas o som das folhas nas árvores e um distante ladrado de uma matilha. Estavam penetrando no bosque que cercava a propriedade.

Aproximando a montaria da dela, Claredon estudou seu rosto com um olhar estranhamente intenso.

— Entendo — ele finalmente murmurou.

— Gosto dele como de um amigo, é claro — Victoria se apressou em explicar, incapaz de controlar a furiosa onda de pânico que a inundava.

— É claro.

Ela umedeceu os lábios ressequidos, podendo quase sentir o olhar penetrando sua alma enquanto a observava, esperando registrar qualquer movimento que a traísse.

— E desejo ajudá-lo a enfrentar a mãe. Nenhum cavalheiro deve se deixar dominar com tanta facilidade.

Houve mais uma breve pausa.

— Victoria?

— Sim?

— Pode olhar para mim, por favor?

Ela respirou fundo e, devagar, ergueu os olhos para o rosto sério. Por um momento tenso, sentiu-se perdida naquela imensidão azul. Eles pareciam tão ternos, tão cheios de compreensão e bondade, que seu coração quase derreteu.

— Como pode estar tão certa de seus sentimentos? — ele perguntou. Sua voz soava incerta, o que era surpreendente. — Por muito tempo esteve certa de amar esse cavalheiro, e ele só está aqui há uma semana.

— Eu... acho que estava mais apaixonada pela idéia de estar apaixonada — Victoria respondeu relutante, sem prestar muita atenção ao caminho que estavam seguindo. — Tinha razão quando disse que fiquei muito sozinha depois do casamento de Anne. Ela sempre esteve tão presente em minha vida, que não soube o que fazer quando ela deixou de precisar de mim.

Felizmente, ele não demonstrou nenhuma arrogância ao ouvi-la admitir que sempre estivera certo. Um sorriso generoso distendeu seus lábios.

— Então, encontrou uma nova causa para defender?

Victoria pensou no apoio determinado que oferecera a Thomas e no vergonhoso prazer em superar a mãe dele. Agora que refletia sobre toda essa questão, concluía que sua atitude era mais uma resposta ao desafio proposto a sua capacidade de ajudar um semelhante do que um interesse genuíno por alguém do sexo oposto.

— Sim — admitiu encolhendo os ombros. — Thomas era tão impotente e incapaz de defender-se que, naturalmente, tentei ajudá-lo.

— É perfeitamente compreensível, Victoria. Você tem um coração piedoso. É o que mais admiro em você.

Foi impossível evitar o rubor de prazer que tingiu seu rosto. Sabia que qualquer sedutor de razoável sucesso possuía especial talento com as palavras, mas sentia-se tão suscetível quanto qualquer outra dama a seus elogios.

— Sinto-me uma tola ingênua — disse, esforçando-se para distraí-lo de sua agitação.

— Não deve alimentar tal sentimento.

— Por que não?

— Nunca peça desculpas por sua natureza bondosa. Se todos possuíssemos essa mesma generosidade de sentimentos, o mundo seria muito melhor.

Victoria respirou fundo para acalmar as batidas do coração. Um verdadeiro mestre com as palavras, de fato.

— É fácil para você falar assim. — Precisava amenizar a atmosfera tensa. — Duvido que alguma vez tenha confundido simpatia com amor.

Os lábios dele se contorceram compondo uma máscara de desdém.

— Talvez não, mas conheço o sentimento de desilusão que se experimenta quando uma pessoa revela ser diferente da imagem que criamos para ela.

Foi necessário um momento para que ela compreendesse o significado dessas palavras. Uma ponta de compaixão fez vibrar seu coração.

— Está falando de seu pai?

— Sim. — O antigo, porém persistente, desapontamento podia ser visto no fundo de seus olhos. — Quando era jovem, eu o colocava num pedestal. Ele era bem-apessoado, envolvente, e um pai tão maravilhoso que eu duvidava de que qualquer cavalheiro pudesse equiparar-se àquele homem, mesmo que se esforçasse muito para isso.

Victoria ofereceu um sorriso compreensivo. Sabia que não era fácil para ele confessar o antigo e secreto sentimento de ter sido traído, e descobria-se profundamente tocada por ter merecido sua confiança nesse aspecto.

— Quando descobriu a verdade?

Ele olhou para frente. Sem dúvida relutava tanto quanto ela em revelar sua vulnerabilidade.

— Acho que sempre soube que ele apreciava a companhia de outras mulheres — Claredon contou em voz baixa. — Meu pai raramente fazia segredo de suas visitas ao vilarejo, onde buscava seduzir toda mulher bonita que chamasse sua atenção. Mas o panorama ganhou cores vivas quando, numa determinada manhã, eu acordei cedo e vi meu pai entrando em casa na ponta dos pés. Minha mãe o esperava na porta de seus aposentos, e havia lágrimas correndo por seu rosto. Naquele momento eu me dei conta de como minha mãe sentia profunda mente a dor causada pelas traições de meu pai.

Victoria sentiu uma raiva surda pelo pai de Claredon. Como um homem era capaz de tratar a esposa com tanto desrespeito? E, mais importante, como tinha coragem de desapontar o filho que o adorava? Podia sentir que Claredon ficara devastado com a descoberta de que o pai não era o modelo de virtude que ele até então imaginara. Ainda jovem, certamente estivera dividido entre a lealdade pelo homem que adorava e o amor pela mãe que sofria. Era uma posição difícil e dolorosa para uma criança.

— Alguma vez confrontou seu pai? — ela quis saber. Empregava um tom cauteloso, pois não desejava abusar da confiança que nem sabia merecer, mas tinha de aproveitar essa chance para saber mais sobre o homem que chamava de marido. Seus traços ganharam uma rigidez assustadora.

— Uma vez. Eu tinha dezessete anos. Minha mãe havia sido procurada por uma garçonete de um bar da cidade. A mulher exigia dinheiro para sustentar o filho que estava gerando e que ela dizia ser de meu pai. Ouvi o confronto e fiquei muito zangado por minha mãe ter sido colocada naquela posição embaraçosa.

— O que fez seu pai?

— Ele riu. — Um tremor quase imperceptível percorreu o corpo elegante do lorde. — Em sua opinião, as mulheres da cidade estavam ali para sua diversão, e minha mãe estava sendo exageradamente sensível e dramática por sofrer com suas in-fidelidades. Ele disse que amava sua esposa, mas que nenhum cavalheiro devia ter a responsabilidade de ser fiel.

Victoria estava chocada. Seu pai adorava a mulher com quem se casara. Sua mãe. Nunca houvera a menor insinuação de que ele pudera ter desejado outra mulher. E, na verdade, sua mãe havia sido exatamente o tipo de mulher que teria esperado o marido na porta de casa para recebê-lo com um vaso na cabeça, em caso de traição. Ela jamais teria chorado.

— Mas você não acreditou nele — ela o encorajou a pros seguir com o relato.

Claredon sorriu. Era evidente que percebia o desgosto da esposa com o comportamento de lorde Moreland.

— Não. Eu o acusei de ser egoísta e insensível e o agredi. Arranquei sangue de seu nariz.

— Meu Deus!

— Foi necessário algum tempo para nos reconciliarmos. De fato, só me dispus a deixar de lado nossas diferenças quando me dei conta de que a raiva que sentia por meu pai perturbava intensamente minha mãe.

Victoria balançou a cabeça, duvidando de que poderia ter a mesma generosidade em semelhantes circunstâncias. Era melhor para a família que Claredon e o pai não se enfrentassem nem alimentassem ressentimentos, mas não seria fácil fingir não notar tal traição.

— Sua mãe deve ser uma mulher muito forte e corajosa — ela comentou admirada.

De repente Claredon a encarou, e seus traços ganharam uma inegável suavidade, fruto do amor por sua mãe.

— Ela é, realmente. Embora tenha tido oito filhos, sempre conseguiu fazer cada um de nós sentir-se especial.

— E o mimou sem nenhuma vergonha — ela brincou.

— Essa é uma acusação que não posso negar. Agora me fale sobre seus pais.

Pega de surpresa pelo pedido repentino, Victoria balançou a cabeça.

— Não há muito que contar. Vivíamos tranqüilamente em nossa propriedade. Meu pai era um fazendeiro de alma, e minha mãe nunca demonstrou grande interesse pela sociedade. Lembro-me de que eles sempre pareceram muito apaixonados. Todos os dias meu pai acordava minha mãe com uma rosa ainda em botão.

— Ah, um romântico...

Um sorriso doce distendeu seus lábios. Seu pai sempre tivera uma natureza generosa e um forte amor pelos livros.

— Sim, creio que sim.

— E você esperava um dia desposar um cavalheiro igualmente devotado?

Embora esse nunca tenha sido um pensamento consciente, agora ela percebia que havia mesmo nutrido a esperança de um dia ser amada como a mãe havia sido. Como seria merecer um olhar fascinado? Ser tratada como um presente raro a ser valorizado e protegido?

Saber que nunca conheceria tais sentimentos oprimiu seu coração.

— Imagino que sim — confessou.

Como se sentisse o súbito desconforto, Claredon estendeu a mão para afagar seu rosto.

— Eu sinto muito, Victoria.

Ela o encarou surpresa.

— Por quê?

Um suspiro brotou do peito do lorde.

— Você é uma mulher que merece um cavalheiro que possa amar de verdade. Um casamento de conveniência jamais será o suficiente.

Não queria pensar no futuro, ou acabaria sonhando com coisas que jamais poderia ter.

— Como diz o vigário Humbly, nem sempre podemos trilhar os caminhos que escolhemos — ela respondeu com tolerância e resignação. Seu destino havia sido decidido, e tudo que podia fazer era tirar o melhor proveito dele.

Claredon sorriu.

— Ah, sim, ouvi um sermão semelhante.

Victoria decidiu ser corajosa.

— E não posso negar que nosso desafortunado incidente salvou-me de um casamento com Thomas.

— Sim, esse é um ponto a ser considerado — ele concordou.

E então, sem aviso prévio, Claredon deteve o cavalo e olhou em volta.

Instantaneamente alertada por seu movimento brusco, Victoria fitou-o apreensiva.

— O que foi?

— Eu quase me havia esquecido — ele respondeu com ar misterioso. — Há algo que eu gostaria de lhe mostrar.

— Aqui?

Desmontando, ele atou as rédeas a um galho próximo. Depois, aproximando-se dela, estendeu os braços numa silenciosa oferta de assistência.

— Venha comigo, Victoria. Pode confiar em mim.

Por um momento Victoria limitou-se a olhar para os braços estendidos.

Pode confiar em mim...

Claredon não sabia por que havia escolhido essas palavras, mas nesse momento continha a respiração enquanto esperava que ela decidisse entre buscar refúgio por trás das muralhas imaginárias de proteção ou aceitar o que ele desejava oferecer.

De repente percebia que esse momento ia muito além de uma simples oferta de ajuda. Era um momento crucial que poderia mudar para sempre seu relacionamento. Ou ela o repelia, ou tinha a coragem de permitir a aproximação.

Um silêncio denso os cercava. Victoria olhou para as árvores que os isolavam do restante do mundo. Então, quando Claredon já começava a temer por uma rejeição, ela moveu a cabeça em sentido afirmativo,

— Muito bem.

Tomado por uma súbita euforia, Claredon pôs as mãos em sua cintura delgada e a retirou da sela, colocando-a no chão.

O perfume de flores invadiu seus sentidos quando, relutante, ele a soltou e se virou para indicar o caminho. Senti-la sob seus dedos despertara repentinamente o desejo que havia mantido soterrado durante a semana anterior. Não podia deixar de se perguntar se não cometia um engano. Estar ali sozinho com a esposa não era sua escolha mais sensata, se um breve e inocente contato podia fazer seu estômago queimar com a fúria da urgência frustrada.

Com esforço, Claredon balançou a cabeça e seguiu caminhando para a frondosa árvore diante deles. Havia esperado uma semana para passar uns poucos momentos com a esposa.

Não arruinaria o precioso tempo de que dispunham juntos por estar consumido pela luxúria.

Não era seu pai.

Parado sob os longos e fortes galhos da árvore, ele se esticou para tocar um dos mais

baixos e, com a facilidade conferida por anos de prática, balançou o corpo algumas vezes antes de erguê-lo.

Victoria sufocou um grito.

— Claredon! O que está fazendo?

— Espere só um momento — ele pediu, usando os galhos para prosseguir na escalada.

— Por Deus, vai acabar quebrando o pescoço!

Ele riu ao alcançar as tábuas que cercavam a casa perfeitamente escondida entre a densa folhagem.

— Não sou tão velho que não possa escalar uma árvore — respondeu, rastejando sobre as pranchas para pegar a escada de corda que ficava enrolada ao lado da porta. Movendo-se até a beirada do patamar, ele começou a baixar a corda. — para trás. Vou ajudá-la. — Assim que viu a ponta da corda tocar o chão, ele a segurou com firmeza. — Pode subir?

— Ainda não sou tão velha que não possa subir por uma escada de corda — Victoria respondeu com tom sarcástico.

— Tome cuidado.

— Francamente... — Mas ela parou de falar quando, ao vencer o último degrau, viu a casa entre a folhagem e ficou perplexa. — Mas... o que é isso?

Claredon ajudou-a a subir ao patamar e sorriu.

— Vivemos nessa propriedade até meu avô morrer. A casa não era tão grande, e com sete irmãs mais velhas, logo ficou evidente que eu precisava de um refúgio, um local onde eu pudesse me esconder de todo aquele instinto maternal. Meu avô construiu a casa na árvore para que eu pudesse me refugiar nela nos momentos mais difíceis, e nunca contamos nada a ninguém.

— Quer dizer que tinha um bangalô só seu?

— Exatamente. E não pense que era um luxo. Com sete irmãs, a casa na árvore era uma necessidade. Agora vejamos... — ele deslizou a mão por cima de um parapeito. — Onde foi que eu deixei...?

Tomando a chave que acabara de encontrar, Claredon abriu a porta e convidou-a a entrar. O cheiro de poeira e desuso dominava o único aposento que havia sido quase um palácio em sua infância.

Em um canto estavam o sofá e a poltrona que haviam sido retirados do sótão em Longmeade, e havia também uma escrivaninha onde ele passara horas a fio escrevendo horríveis poesias. Perto da janela havia um telescópio que ele usara para enxergar todo o terreno e fingir que era um pirata protegendo seu tesouro. Tudo era muito rústico visto pelos olhos de um adulto, mas, na infância, aquele olhar representara o paraíso.

— Este era seu esconderijo?

— Infelizmente, o lugar sofre as conseqüências de um longo período de negligência — ele se desculpou, notando as teias de aranha que brilhavam ao sol.

— Afirmo que seu bangalô está em melhores condições do que muitos chalés da Inglaterra — Victoria opinou sorrindo.

Ouvindo um estalo fraco, Claredon franziu a testa e correu para perto da porta.

— Não se mova até eu ter certeza de que as tábuas ainda estão firmes — disse, percorrendo todo o perímetro da cabana até ter certeza de que nenhuma tábua havia apodrecido durante sua prolongada ausência. — Tudo parece estar bem — concluiu.

Curiosa para descobrir mais sobre sua incomum infância, Victoria aproximou-se da escrivaninha.

— Suas irmãs nunca descobriram o segredo?

— Nunca — ele contou, lembrando os meios elaborados que costumava empregar para despistar qualquer um que tentasse segui-lo quando se dirigia ao esconderijo. — Nem minha mãe sabia da existência da casa na árvore.

— O que fazia quando estava aqui?

Era embaraçoso discutir suas fantasias infantis.

— Quando eu era mais jovem, fingia ser um pirata e esse era meu navio. Ou eu imaginava ser um cavaleiro em seu castelo.

Felizmente, o sorriso que bailou nos lábios dela não manifestava nada além de doçura e compreensão.

— Que encantador!

— Oh, pode ter certeza de que eu era mesmo encantador!

— Era? E quando cresceu...?

Rindo, ele se aproximou dela ao lado da escrivaninha. Mais uma vez, tinha perigosa consciência do calor e do perfume tentador de sua pele. A urgência de tocá-la era quase incontrolável.

— Não sei ao certo se desejo confessar — murmurou, sem dar importância às próprias palavras até vê-la subitamente tensa.

— Suponho que tenha usado este lugar para seduzir todas as jovens do vilarejo.

Era ridículo sentir-se ofendido pela acusação injusta. Mas estava ofendido. Por que ela suspeitaria do pior? Dedicara realmente mais tempo do que era apropriado à busca do prazer.

Mas não queria que sua esposa o considerasse um lascivo, um devasso sem limites. Queria sua confiança. Queria convencê-la de que nunca a magoaria.

— Não poderia estar mais errada, Victoria. Nunca seduzi nenhuma mulher aqui.

Ela corou constrangida.

— Oh...

Disposto a pôr fim ao clima de discórdia que ameaçava instalar-se entre eles, Claredon levantou a tampa da escrivaninha para pegar um maço de papéis guardado dentro do móvel. Sem se dar tempo para arrependimentos ou receios, colocou todas as folhas nas mãos da esposa.

— Pegue.

— O que é isto?

— A chocante e detestável poesia que eu costumava escrever quando era mais jovem.

Ela o encarou por um momento, perplexa, e depois baixou a cabeça para ler as primeiras linhas da página no topo da pilha.

Claredon fazia um grande esforço para não fugir enquanto ela lia a enxurrada íntima de emoções que ele despejara sobre o papel.

Jovem e ingênuo, não tentara esconder ou disfarçar a ânsia pelo verdadeiro amor, nem crença inocente na existência de uma mulher que preencheria sua vida com alegria e sonhos.

Uma eternidade se passou até que ela o fitasse com os olhos brilhantes. Seu coração disparou quando ela estendeu a mão para tocá-lo no braço.

— Claredon... é lindo!

Um prazer ridículo o invadiu.

— Não. É apenas tolice.

— Gostei muito de tudo que li, Claredon. — Ela se aproximava devagar, ameaçando sua sanidade. — Por que parou de escrever?

— Nunca desejei me tornar uma imitação pobre de Byron. Um poeta da melancolia é

mais do que suficiente em nossa sociedade.

— Devia publicar o que escreveu.

— O quê? De jeito nenhum! — Ele pegou as folhas da mão dela e as devolveu à escrivaninha. — Para ser honesto, nunca imaginei que um dia as mostraria a alguém.

— Por que não?

— Bem, não sei... Acho que é como desnudar a alma. É um sentimento bem desconfortável.

— Fico feliz por ter decidido dividi-las comigo.

Incapaz de continuar resistindo à tentação, Claredon tocou o rosto delicado.

— Você é minha esposa. Não deve haver nada que não possamos compartilhar. — Os dedos se deliciavam com a suavidade acetinada da pele pálida, mas uma dor intensa rasgava seu coração. Não era a conhecida dor do desejo, mas um antigo ferimento muito mais potente que simples luxúria. Solidão. Sentira falta da presença dessa mulher em sua vida. Gostava de provocá-la e ver a luz cintilando em seus olhos. Gostava de sentir o perfume de sua pele e tocar seus cabelos. — Victoria...

Sentindo a súbita mudança na atmosfera, ela o encarou séria.

— Sim?

— Há muito desejo beijá-la — ele revelou com simplicidade.

— Oh...

Encorajado por não ter sido imediatamente repelido ou censurado, Claredon segurou seu queixo entre os dedos.

— Posso abraçá-la?

Sabia que era arriscado deixar a decisão nas mãos dela. Teria sido mais simples tomá-la nos braços e fazer amor com ela até privá-la da capacidade de dizer não. Sem arrogância, sabia que poderia seduzi-la, se quisesse. Mas havia tomado uma decisão. Queria que ela o aceitasse sem reservas, e queria que não houvesse arrependimentos ou pesares.

— Sim...

A resposta o pegou de surpresa.

Seria um sonho?

Claredon fitou-a e viu uma luz mais intensa em seus olhos.

Não era um sonho.

Temeroso como um menino, ele a abraçou e suspirou.

— Tê-la em meus braços é uma razão mais do que suficiente para estar vivo — disse.

Ela tocou seu peito, e a carícia hesitante o fez fechar os olhos.

— Claredon...?

— Sim, meu amor?

— Eu...

— Fale, Victoria. — Sentia-se à beira de um precipício onde poderia encontrar a morte, caso desse um passo em falso. — O que você quer?

— Eu... não sei.

Percebendo que a esposa era tímida demais para expressar seu desejo pelas palavras, Claredon levou-a até o sofá e, removendo a cobertura que o protegia, deitou-a sobre as almofadas.

O coração batia depressa em seu peito. Queria muito agradá-la, satisfazê-la, não só no sentido físico, mas como marido. Queria ser o homem que um dia ela poderia amar.

— Victoria... — eu a desejo tanto! Mas não a pressionarei agora. Não quero que ofereça mais do que está preparada para dar. Confia em mim, meu amor?

Devagar, surpreendentemente, ela ergueu os braços para recebê-lo.

— Sim, Claredon. Eu confio em você.

Capítulo XII

Victoria sentia-se... como? Viva, certamente.

Plena.

Inteiramente segura.

E estranhamente presunçosa.

Cercada pelos braços de Claredon, Victoria aninhou-se em seu peito. Havia esperado sentir prazer quando fosse tomada pelo marido. Apesar da recusa em ceder à tentação, no fundo sempre tivera consciência de seu desejo por Claredon. E o fato de ter sonhado com grande freqüência esse exato momento revelava a vontade de descobrir toda a beleza dessa entrega.

O que não havia esperado era a pura intensidade das sensações que a dominaram, ou a maneira imediata como Claredon revelara sua própria necessidade. Mais de uma vez, ele havia perdido toda a sofisticação estudada e tateado às cegas com ardor, fazendo-a sentir-se linda e sensual. Victoria se abrira, tornando-se inteiramente vulnerável, mas o conhecimento de que Claredon fizera o mesmo despertava nela uma sensação de poder como nunca havia imaginado poder sentir.

Ele depositou um beijo carinhoso em sua têmpora.

— Não era assim que pretendia que fosse — murmurou com humor contido.

Mais confiante do que jamais estivera em toda sua vida, Victoria virou a cabeça para encará-lo.

— Está arrependido?

Ele a apertou contra o peito com mais força.

— É evidente que não. Como poderia me arrepender da coisa mais preciosa que já aconteceu em minha vida? Só quis dizer que planejava fazer do nosso primeiro encontro uma ocasião mais romântica.

Victoria estava feliz por não ter sido uma sedução planejada. A paixão incontrolável e ardente que brotara entre eles havia sido mais excitante, mais autêntica do que um ataque premeditado aos seus sentidos.

— Suponho que haja algo de muito romântico num bangalô escondido — ela disse.

— Bem, confesso que ele é muito mais romântico agora do que na minha infância. Fingir ser um pirata ou cavaleiro nunca foi tão agradável.

— Por outro lado, devo ressaltar que me sinto enganada.

Ele ficou tenso, como se temesse uma acusação terrível.

— De fato, minha querida? Posso saber por quê?

— Você disse que nunca utilizava este lugar para seduzir mulheres.

Ele suspirou aliviado, enquanto as mãos afagaram suas costas numa demonstração de carinho.

— Não até hoje, e não gosto da palavra sedução. Ela sugere que roubei alguma coisa que você não estava disposta a me dar.

— Bobagem, Claredon. Você sabe que isso não é verdade.

— Espero sinceramente que não. — Ele mudou de posição para apoiar-se sobre um cotovelo e fitá-la com uma expressão subitamente sombria.

— Há pouco me perguntou se eu estava arrependido. Agora eu lhe faço a mesma pergunta.

Apesar da timidez que ainda sentia em discutir o que acabara de acontecer ali, Victoria resistiu ao impulso de oferecer uma resposta petulante. Sentia que sua resposta era importante para Claredon.

— Não — disse com simplicidade.

— Graças a Deus. — O lorde fechou os olhos por um instante antes de abri-los e exibir uma nova luminosidade. Era evidente que sua resposta era ainda mais importante do que havia imaginado. — Não creio que poderia suportar... Oh, Victoria, você me faz sentir a incerteza da juventude.

Ela o encarou chocada. Seria esse homem o mesmo sedutor experiente e arrogante com quem se casara? Ele parecia tão perplexo quanto ela com as emoções que haviam brotado entre eles. Era tão fascinante quanto inesperado, e seu coração transbordava uma alegria arriscada, perigosa.

— Você? — Victoria conseguiu falar com esforço, emprestando ao tom de voz uma leveza que estava longe de sentir. Não sabia se queria sentir uma ligação tão forte com esse homem.

Claredon riu de seu espanto exagerado.

— Considera minha declaração tão chocante assim, minha querida?

— Considero sua declaração inacreditável — ela respondeu com grande honestidade. — Você é arrogante e seguro demais para se sentir incerto de alguma coisa.

— Talvez eu seja mesmo seguro e arrogante, mas só quando trato de assuntos que não têm grande importância — respondeu ele, mais sério do que antes. — E o que estamos discutindo aqui é muito importante. Muito importante.

O mundo parecia ter parado de girar. Mais aturdida ainda, ela fitou os profundos olhos azuis. Era importante, percebia de repente. Talvez o evento mais importante de toda sua vida.

— Sim — murmurou.

Por alguns momentos os dois se olharam em silêncio, ambos buscando as perguntas não formuladas que ainda pairavam no ar. Para onde iriam a partir dali? Que mudanças ocorreriam no relacionamento? O ressentimento que havia marcado os primeiros meses de matrimônio havia sido finalmente superado?

Uma nuvem encobriu o sol, deixando o final de tarde envolto em sombras, e Claredon deixou escapar um suspiro resignado.

— Por mais que deseje permanecer aqui para sempre, acho que devemos ir inspecionar o terreno vizinho e voltar para casa. Não quero que o Sr. Humbly fique preocupado por conta de nossa ausência.

Ele estava certo, é claro. O pobre vigário estava agitado e apreensivo desde a primeira aparição do Sr. Smith. Não queria dar ao pobre homem ainda mais motivos para preocupação.

Mesmo assim, relutava em se levantar. Por mais absurdo que pudesse parecer depois de tudo que havia acontecido entre eles, não tinha coragem para exibir-se nua diante de Claredon.

— Eu...

Seu marido franziu a testa ao notar sua hesitação.

— O que foi, Victoria?

Sentindo-se tola, ela apoiou o rosto corado em seu ombro.

— Pode se virar de costas enquanto me recomponho?

— O quê? — A surpresa era clara em sua voz.

— Sei que é ridículo, mas...

— Não — Claredon a interrompeu sorrindo, tocando seu rosto para forçá-la a encará-lo. — Compreendo que esteja tímida, e sei que esse sentimento ainda vai perdurar por algum tempo. Espere um momento. — Com a graça elegante que fazia parte de sua natureza, Claredon levantou-se. Depois, com movimentos fluidos, ele recolheu a coberta do chão e a segurou como uma cortina entre eles. — Agora pode ter alguma privacidade.

Profundamente aliviada por não ter sido alvo do escárnio do marido por causa de seu constrangimento infantil, Victoria recolheu as peças espalhadas pelo chão. Em poucos momentos conseguiu calçar as meias e todas as peças que compunham o conjunto íntimo, mas, já com o vestido sobre o corpo, ela constatou desanimada que não conseguiria alcançar os ganchos e colchetes que o fechavam nas costas.

— Ora... — resmungou contrariada. Nunca havia considerado a necessidade de uma criada para ajudá-la a vestir-se depois de um interlúdio como aquele. Como outras mulheres resolviam esse dilema?

— Algum problema? — Claredon indagou com tom levemente divertido.

Ela mordeu o lábio. Não tinha escolha senão confessar o que a perturbava.

— Não consigo fechar meu vestido.

A coberta caiu no chão, e ele a encarou com um sorriso sensual e pecaminoso.

— Ah, mas essa é uma tarefa para seu marido. Permita-me, minha querida...

Ao contrário dela, Claredon não parecia perder um grama de modéstia enquanto caminhava em sua direção. Sufocando uma risadinha nervosa, ela se virou para que ele pudesse ter acesso aos botões.

Com maior habilidade do que havia exibido ao despi-la, Claredon manejou os delicados colchetes até fechar toda a extensão das costas do vestido. Depois, sem aviso prévio, ele se inclinou para depositar um beijo quente em seu pescoço.

Victoria sobressaltou-se com o violento prazer que a tomou de assalto.

— Claredon — protestou com voz trêmula. — Devia estar me ajudando a recompor-me!

Ele gemeu baixinho.

— Descobri que prefiro descompô-la.

Para seu espanto, Victoria sentiu com nitidez espantosa o calor tentador que começava a brotar novamente da parte inferior de seu ventre. Nunca havia imaginado que uma mulher pudesse experimentar desejo tão intenso e tão rapidamente.

— Disse que tínhamos de ir — lembrou, mais para tentar conter-se e não derreter nos braços do marido do que por sentir alguma real urgência em deixar o chalé.

— Talvez tenha me precipitado — ele disse, abrindo alguns colchetes para deslizar os lábios úmidos e quentes por suas costas. — O Sr. Humbly está visitando o reitor, e é possível que não sinta nossa falta senão daqui a algumas horas.

Victoria deixou a cabeça cair contra o ombro do marido, rendendo-se ao calor que a inundava. Estava assustada, também. Até pouco antes estivera determinada a permanecer impassível aos avanços do marido, e agora... Agora que permitira a intimidade, não tinha mais forças para resistir ao charme de Claredon.

— Creio que é melhor voltarmos para casa — murmurou, sem tentar sequer disfarçar sua

covardia.

— A voz da razão — ele suspirou, beijando-a mais uma vez antes de concluir a tarefa de fechar seu vestido. Depois, enquanto ela permanecia de costas, Claredon recolheu suas roupas e vestiu-se. — Pode se virar agora. Estou decente.

Virando-se devagar, ela o viu ainda terminando de vestir o casaco e ajeitando os cabelos com as mãos. Seu marido era um homem muito atraente, mesmo sem a gravata que, amarrotada, foi jogada sobre o sofá. Seus traços arrogantes pareciam mais suaves e eram quase juvenis quando, sorrindo, ele ofereceu um braço para acompanhá-la até a porta.

Encantada por lembrar que esse maravilhoso e fascinante cavalheiro agora era seu marido, Victoria apoiou a mão em seu braço. Juntos eles saíram da cabana, cuja porta Claredon fechou com firmeza. Ela se dirigiu à escada de corda, mas foi detida pelas mãos do marido em seus ombros antes que pudesse começar a descer.

— O que foi? — indagou intrigada.

Ele a fez se virar para poder ver seus olhos.

— Eu não... machuquei você?

Victoria levou um instante para compreender que ele se referia à perda de sua inocência. Um calor eloqüente tingiu seu rosto.

— Eu estou bem — ela garantiu encabulada.

— Precisa me dizer se está dolorida, ou se sente algum tipo de desconforto. Não gostaria de ser causador de alguma dor que pudesse afligi-la — ele persistiu, sabendo que seu corpo inexperiente devia estar sentindo os efeitos da primeira experiência íntima. — Promete que vai me contar?

Há muito tempo ninguém se preocupava com seu bem-estar. Lágrimas ardiam em seus olhos, e ela se sentia ridícula por isso. Era maravilhoso se sentir protegida e amparada.

— Sim, eu prometo.

— Agora podemos ir, se estiver pronta.

— Quando quiser...

— Tome cuidado — ele a preveniu enquanto segurava a escada. Atento, ele a viu descer degrau por degrau até chegar ao chão, e só então a seguiu. Quando pisou no solo, Claredon ofereceu novamente o braço para que, juntos, eles se afastassem da árvore frondosa.

— E a corda? — Victoria perguntou enquanto caminhava pelo bosque.

Ele sorriu e a puxou para mais perto.

— Creio que devo deixá-la onde está. Tenho esperança de que queira voltar a visitar meu refúgio no futuro próximo.

Com uma sutileza que teria causado inveja ao mais hábil criminoso, Claredon penetrou na casa ainda adormecida e se dirigiu para os aposentos da esposa. Um sorriso ridículo distendia seus lábios enquanto ele se aproximava da cama cercada por cortinas finas.

Saíra desse mesmo quarto poucas horas antes, também com toda cautela para não ser visto, depois de ter feito amor com Victoria. Tudo que desejava era permanecer aninhado em seus braços pelo resto da noite, mas sentira seu constrangimento inocente diante da possibilidade de algum criado encontrá-lo em sua cama.

Não podia negar que lamentava tanta timidez. Gostaria de gritar ao mundo que sua fascinante esposa agora era sua de verdade, e no sentido mais íntimo possível. Queria tomá-la com aquele espírito possessivo tão característico do gênero masculino. E, no entanto, encantava-

se com sua inocência.

Era um cavalheiro habituado a mulheres experientes que buscavam o próprio prazer sem pudores ou falsa modéstia, mulheres que desejavam sua companhia com um único propósito. Victoria havia sido um contraste com essas mulheres por se mostrar desajeitada, inexperiente e, por isso mesmo, deliciosa. Suas respostas não eram produto da sofisticação, mas do coração.

Ela não era uma mulher que pudesse separar essas duas coisas. Tal constatação ainda provocava arrepios de medo em Claredon. Seria ruim desapontar uma amante. Desapontar a mulher que oferecera com relutância um pedaço de seu coração seria insuportável.

Mas não desapontaria Victoria. Faria tudo que pudesse para ser o marido que ela desejava ter.

Com esse propósito em mente, ele havia deixado o quarto da esposa no meio da madrugada para ir buscar um pouco de paz na estufa, e agora retornava a esse mesmo aposento como um garoto apaixonado.

Debruçado sobre a cama, ele aproveitou o tempo para estudá-la à luz do amanhecer.

Um sorriso iluminou seu rosto diante daquela cena de rara beleza. Cachos exuberantes e avermelhados se esparramavam sobre o travesseiro, emoldurando a cabeça de contornos mais do que perfeitos. Ela parecia tão frágil e imaculada quanto a rosa recém-colhida que levava entre os dedos.

Inclinando-se para frente, ele aproximou a flor de seu nariz sem tocá-lo. O perfume potente pairava no ar, e ela mudou de posição com um suspiro satisfeito, deitando-se de costas. Divertindo-se, Claredon aproximou novamente a rosa do nariz de Victoria, vendo satisfeito que ela abria os olhos.

— Bom dia, minha querida — ele sussurrou.

Os olhos verdes ainda estavam sonolentos e confusos quando ela o encarou intrigada.

— Claredon?

O lorde executou um elegante floreio ao oferecer a rosa.

— Um presente para você.

Surpresa e emocionada, ela aceitou a flor com um brilho de compreensão nos olhos.

— Uma rosa...

— Queria provar que posso ser tão romântico quanto qualquer outro cavalheiro ocasionalmente.

Sentando-se, ela segurou as cobertas contra o corpo de forma a conservar a modéstia, embora sorrisse sedutora.

— É muita delicadeza sua.

— Não é delicadeza. É egoísmo.

— Egoísmo?

Queria uma boa desculpa para vir visitar minha esposa a esta hora da manhã — ele contou, rindo ao vê-la levantar uma das mãos para ajeitar os cabelos.

— Não consigo imaginar por que desejava ver-me. Devo estar horrível.

Ele balançou a cabeça. Mesmo com os cabelos desalinhados e o rosto corado pelo sono, ela nunca estivera tão linda.

— Está adorável, como sempre — garantiu orgulhoso. Um súbito brilho debochado iluminou seus olhos.

— Que mentira mais descarada, senhor!

Disposto a provar que ela era de fato irresistível, Claredon inclinou-se sobre a cama.

— Deseja uma demonstração irrefutável de quanto a considero encantadora, minha

querida?

Ela se deitou novamente, tomada de assalto pela timidez que a tornava ainda mais fascinante.

— Claredon, logo minha ama estará aqui.

Ele desenhou o contorno de sua boca com a ponta do dedo indicador. Uma onda de satisfação o invadiu ao vê-la estremecer sob a delicada carícia.

— Podemos trancar a porta.

Havia antecipação em sua expressão, uma reação que aquecia o coração de Claredon e despertava outros lugares de seu corpo. Victoria olhava para a porta com ansiedade e apreensão. Devia estar imaginando o que pensaria a ama quando, ao chegar com seu chocolate matinal, encontrasse a porta trancada. Bem, ela deduziria o óbvio.

— Eu...

Claredon silenciou pressionando os dedos contra sua boca.

— Não, ainda não se sente confortável.

Um sorriso aliviado foi a recompensa por sua compreensão.

— Deve estar pensando que meu comportamento é infantil...

Sério, ele estudou os traços da mulher que se tornara parte indispensável de sua vida.

— Victoria, tudo isso ainda é muito novo para você, e sua timidez me encanta, realmente. Só desejo agradá-la. Quero que seja feliz no nosso casamento.

Ela refletiu sobre as palavras em silêncio. Depois o fitou com um olhar intenso, curioso.

— E o que você quer, Claredon?

A pergunta foi recebida por um rápido erguer de sobrancelhas que denotava surpresa.

— Além de você, quer dizer?

Ela corou.

— Sim — confirmou.

Claredon precisou de alguns instantes para considerar a questão. Passara cinco meses dizendo todas as coisas erradas a essa mulher. Queria acertar pelo menos uma vez. E tinha de ser agora.

— Sabe, por muito tempo pensei desejar uma fantasia impossível. Uma mulher que não poderia existir de verdade.

Os olhos dela foram obscurecidos pelo pesar.

— E agora não terá mais chance para procurá-la.

Ele balançou a cabeça, segurando seu queixo para impedir que ela desviasse o olhar do dele.

— Eu já encontrei essa mulher — disse com firmeza. — O problema é que estava cego e ressentido por ter sido forçado a assumir o compromisso de um casamento, e esses sentimentos me impediram de enxergá-la.

Victoria abriu bem os olhos, como se temesse estar sendo vítima de uma brincadeira cruel.

— Você... já encontrou essa mulher?

— Oh, sim. — Ele sorriu com ternura. — E ela é tudo que sempre esperei que fosse. Inteligente, linda, terna de coração, mas com um espírito independente. E, melhor de tudo, ela possui uma impressionante capacidade de agradar seu marido.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que eu era uma megera de língua afiada — ela lembrou com insegurança.

Claredon riu, tomado por uma súbita e intensa felicidade. Não podia dar nome a essa estranha e insondável emoção que o deixava tonto e fazia o coração dançar de alegria, mas não lutaria contra ela.

— Você só tem a língua afiada quando sente a necessidade de proteger-se. Como eu tentava provocá-la a fim de manter uma distância segura entre nós.

Um tênue fio de esperança penetrou em seus olhos verdes enquanto ela o estudava atenta.

— Somos dois tolos, Claredon.

Ele encolheu os ombros, desistindo de tentar entender o passado. Era o futuro com essa mulher que desejava considerar.

— Sim, somos mesmo tolos, mas talvez precisássemos de tempo para nos acostumarmos à nova situação. Teria sido impossível viver um casamento como o nosso sem enfrentar alguns mal-entendidos.

— Sim, eu sei.

As mãos acariciaram a linha do queixo de Victoria, e mais uma vez ele se surpreendeu com a deliciosa suavidade de sua pele.

— A espera serviu para aguçar meu apetite — murmurou, sorrindo para ela com ar insinuante.

Victoria riu, e seus olhos foram inundados pela certeza de seu poder sobre ele.

— É um desavergonhado, senhor meu marido! — censurou-o brincando.

— Só com você, Victoria. Estava falando sério quando fiz meus votos. Agora é minha esposa, e serei fiel a você.

— Eu sei. Confio em você.

Eram as palavras mais lindas que ele jamais ouvira, e foi necessário agarrar-se a toda força de vontade que ainda possuía para não cobri-la com seu corpo e provar a intensidade de seus sentimentos.

— Tem certeza de que não gostaria de trancar a porta? — ele ainda arriscou uma última vez.

Victoria hesitou enquanto seu corpo era sacudido por um tremor, mas finalmente balançou a cabeça.

— Ainda não.

— Muito bem — ele concordou sem rancor. Um dia ela estaria preparada para esquecer o mundo e viver todos os prazeres do amor. Podia esperar. Podia ser paciente. — O que pretende fazer hoje?

Ela fez uma careta engraçada de desgosto e resignação.

— Suponho que terei de ser uma boa anfitriã. Já abandonamos nosso hóspede ontem, lembra?

Claredon não permitiria que nenhum pensamento relacionado a Thomas Stice ameaçasse seu bom humor. Victoria já havia admitido que nunca amara o idiota. E se ainda gostava dele como amigo, era um homem generoso e amadurecido o bastante para aceitar essa ligação platônica.

Bem, talvez não aceitar, ele reconheceu. Ainda desejava socar o nariz do pateta e chutá-lo para fora de sua propriedade, mas pelo menos era astuto o bastante para não revelar seu desejo inteiramente masculino de manter sua mulher bem afastada da companhia de outro cavalheiro qualquer.

— Tem razão. É apropriado — conseguiu resmungar com tom razoável.

— E você, o que vai fazer?

— Vou procurar lorde Vernon para fazer uma oferta por suas terras — Claredon decidiu repentinamente, certo de que não devia ameaçar o pouco controle que tinha permanecendo em casa, onde teria de ver o Sr. Stice agarrar-se a sua esposa como se precisasse de sua ajuda até para respirar. Covarde! — Se tivermos mais de um filho, vamos precisar de propriedades para deixar de herança.

Ela arregalou os olhos ao ouvir a referência casual aos filhos que poderiam ter. Um brilho de puro prazer cintilou em seus olhos. Era óbvio que ela ainda não havia considerado a inevitável conclusão da nova intimidade que vivia com o marido. Felizmente, a idéia parecia agradá-la, em vez de chocá-la.

— E se tivermos apenas filhas? — ela provocou.

Claredon encolheu os ombros, revelando que a hipótese não o aborrecia em nada. Tinha muitos primos que poderiam garantir a linhagem, qualquer que fosse o sexo de seus filhos.

— Nesse caso, as terras que compramos serão herdadas por elas. Não duvido de que nossas filhas serão tão capazes quanto a mãe delas de administrar uma propriedade.

Havia esperado tranqüilizá-la com suas palavras determinadas, mas, de maneira surpreendente, Victoria começou a chorar.

— Oh...

Horrorizado por pensar que podia tê-la magoado ou ofendido, mesmo sem ter essa intenção, ele se aproximou e segurou o rosto delicado entre as mãos.

— Por Deus, o que é isso, Victoria?

Fitando-o com os olhos cheios de lágrimas, ela deixou escapar um soluço.

— Ninguém jamais me disse algo tão lindo...

O espanto rivalizava com o alívio, e Claredon acabou não contendo uma gargalhada. Quase morrera de susto! Não queria vê-la chorar nunca mais.

— Oh, minha querida, só você ficaria mais feliz por ser admirada por sua capacidade de administração do que por seus encantos de mulher...

— Oh, mas eu também gosto de ser elogiada por meus encantos e... — De repente ela parou como se algo muito importante interrompesse seus pensamentos. — Claredon, não pretende ir sozinho ao encontro de lorde Vernon, não é?

— Não, levarei Peter comigo. — Nunca mais voltaria a pôr sua vida em risco, agora que encontrara a felicidade.

— E não vai correr riscos inúteis e desnecessários?

Ele a beijou nos lábios.

— Prometo que nada vai me impedir de voltar a sua cama esta noite — murmurou. E com enorme relutância, ele se levantou. Queria ficar... para sempre. — Agora suponho que devo ir, antes que sua ama apareça e nos surpreenda aqui. Até mais tarde, meu amor.

O sorriso que iluminou seu rosto continha promessas do paraíso.

— Até mais tarde.

Capítulo XIII

Uma hora mais tarde, Victoria desenhava as rosas que haviam desabrochado na estufa.

Apesar da determinação anterior de dedicar-se ao hóspede, se havia descoberto incapaz de forçar os pés relutantes a levarem-na à sala onde era servido o café-da-manhã. Em vez disso, seguira silenciosa pelos corredores levando um sorriso discreto nos lábios. Precisava ficar sozinha com seus pensamentos.

Como poderia conversar com o Sr. Humbly, ou ouvir as intermináveis ladainhas de Thomas, quando tudo que desejava era dançar pela casa e cantar com toda a força de seus pulmões?

Com os olhos fechados, deixou-se inundar pelas deliciosas lembranças.

Na tarde anterior, quando estiveram no bangalô sobre a árvore, Claredon revelara uma ternura e um interesse que a haviam tocado no recanto mais profundo da alma. E na noite passada...

Ah, a noite anterior expusera uma forte necessidade, um instinto que ele não podia controlar, e essa revelação servira para que ela conhecesse a sensação de ser desejada. Ainda estremecia quando lembrava aqueles momentos de paixão...

Nunca, nem em seus sonhos mais ousados, havia pensado que poderia ser tão liberal, tão provocante, ou que uma resposta tão pronta poderia ser arrancada de seu corpo pelas mãos hábeis do marido.

O fato de ter conseguido chocar até a si mesma aumentara a relutância em permitir que outros percebessem que agora eram de fato marido e mulher. Era absurdo, sabia. Mas não conseguia abrir mão de anos de modéstia em poucas horas.

Um sorriso travesso distendeu seus lábios.

Além do mais, era decididamente encantador ter o marido esgueirando-se até seu quarto para despertá-la com uma rosa.

Seu coração bateu mais depressa, mas, balançando a cabeça, ela ignorou o conhecimento de que navegava por águas perigosas. Talvez suas emoções estivessem se tornando confusas demais, mas não conseguia mais erguer as barreiras que antes mantivera entre ela e Claredon.

O som da porta da estufa se abrindo interrompeu a reflexão, e ela se virou para ver o Sr. Humbly aproximando-se com passos lentos. Com esforço, tentou disfarçar o sorriso maroto que, sabia, acabaria de expô-la.

— Ah, aí esta você, minha querida — ele murmurou depois de se sentar no banco ao lado do dela.

— Sr. Humbly.

O religioso inclinou-se para estudar o esboço que ela começara pouco antes. Os traços eram muito semelhantes aos das rosas que a cercavam.

— É encantador.

— Muito obrigada.

Ele a viu deixar de lado o bloco de desenho e suspirar.

— Sentimos sua falta à mesa do café.

Uma ponta de culpa a incomodou quando, séria, ela se deu conta de que negligenciava seus deveres de anfitriã com esse admirável cavalheiro. Ele não só havia vivido a desagradável e assustadora experiência de se deparar com um ladrão, mas ainda fora condenado a passar intermináveis e solitárias horas ao lado de Thomas. Sem dúvida, o Sr. Humbly preferia o ladrão.

— Perdoe-me — murmurou arrependida. — Mas hoje acordei com uma forte vontade de desenhar um pouco...

— É compreensível. Com o talento que tem para o desenho, devia produzir mais obras — ele sugeriu sem demonstrar o menor sinal de censura.

Sua natureza doce só fazia aumentar a culpa, e ela sorriu.

— Oh, não, eu apenas rabisco algumas coisas. Addy sempre foi a verdadeira artista — disse, referindo-se à sua querida amiga de Surrey.

Humbly assentiu.

— Ela é impressionante, de fato. Sabe que pintou meu retrato recentemente?

— É mesmo?

— Ficou muito bom. A Sra. Stalwart comentou desapontada que ela foi capaz de capturar meus traços com precisão assustadora.

Victoria ergueu as sobrancelhas.

— Mas é esse o objetivo de um retrato. Por que ela ficaria desapontada?

Humbly riu.

— Creio que a pobre mulher pensava que seria mais digno se eu fosse retratado com mais cabelos e menos papos sob o queixo.

— Bobagem — Victoria respondeu com lealdade e bom humor. Esse homem era a pessoa mais gentil e bondosa que jamais tivera o prazer de conhecer, e não mudaria absolutamente nada nele. Nem mais um fio de cabelo, nem um grama a menos de papo. — É perfeito como Deus o fez, Sr. Humbly.

Ele riu do tom sério.

— É uma menina muito delicada, minha querida.

— Como vai Addy? — De repente percebia que sentia saudade das amigas de infância. Addy sempre havia sido capaz de fazê-la rir, enquanto Beatrice, outra preciosa amiga, a mais sensata do grupo. Juntas elas haviam formado elos inabaláveis que existiriam para sempre.

— Ah, ela está muito feliz — o vigário respondeu animado.

— Que bom. Fico aliviada com essa notícia. Afinal, ela nunca aceitou inteiramente a idéia de se casar com o Sr. Drake.

Humbly levantou as mãos.

— Como acontece no início de todos os casamentos, existem algumas dificuldades a serem enfrentadas. Questões de adaptação, entende? Duas pessoas que mal se conhecem são forçadas a dividir uma casa, e os confrontos são inevitáveis. Mas podem ser solucionados com um pouco de boa vontade Addy e Adam possuíam expectativas um do outro, e por isso não conseguiam perceber a verdade do que sentiam. Assim que decidiram buscar o entendimento, tudo ficou bem.

Victoria conhecia as dificuldades da vida de recém-casada. Seu casamento também havia sido uma ocorrência precipitada, seguida por meses de amargos ressentimentos e acusações silenciosas, veladas. Seria um grande prazer deixar esse período sombrio no passado.

— Fico feliz por ela.

— Como eu também fico — Humbly respondeu sorrido. — E também tenho grande alegria em dizer que Beatrice vai muito bem, também.

— Nunca duvidei de que ela seria feliz no casamento. — Ainda recordava o prazer delirante de sua querida amiga por ter descoberto o cavalheiro de seus sonhos. — Ela amou lorde Faulconer desde o início.

— Sim, até descobrir que o homem precisava desesperadamente de sua herança.

Victoria o encarou chocada. Sua doce e querida Beatrice havia sido enganada por um patife? Uma raiva surda a invadiu.

— Está dizendo que o homem era um caçador de fortunas?

— Creio que por essa razão ele buscou ser apresentado a Beatrice.

Victoria cerrou os punhos. E pensar que havia até sentido uma certa simpatia por lorde

Faulconer! Ele parecia tão dedicado a Beatrice, tão enamorado dela...

— Mas que... canalha! — exclamou revoltada.

— Não seja tão ríspida — Humbly a censurou com doçura. — Ele é um cavalheiro bom e honrado e ama Beatrice acima de tudo. E creio que lorde Faulconer já foi adequadamente punido por sua mentira.

— Espero sinceramente que sim — ela confessou, incapaz de perdoar o homem que havia magoado sua amiga.

— O casal resolveu seus problemas, minha querida, e Beatrice perdoou o marido de coração. Não foi uma tarefa simples, mas o esforço rendeu bons frutos, e agora ela está em paz. Não é nada agradável viver com o coração carregado de ressentimentos e amargura.

Percebendo que ele não se referia mais a Beatrice, mas a seu relacionamento com Claredon, Victoria sorriu.

— Sim, eu sei.

Houve um silêncio breve enquanto ele a estudava.

— Como se sente, minha cara? Notei que estava muito quieta ontem à noite, durante o jantar.

Apesar de toda a determinação em manter a compostura, foi impossível evitar o violento rubor que tingiu seu rosto. Não havia conseguido comer nada durante o jantar da noite anterior, ocasião em que o marido havia sorrido e lançado olhares repletos de promessas de prazer e paixão. Não entendia como a mesa não se havia consumido em chamas, tal o ardor em seus olhos.

— Eu estou bem, Sr. Humbly.

— Alguma coisa a incomoda?

Sabendo que o cavalheiro era astuto demais para ser enganado, ela o encarou com um sorriso frio.

— Quer saber se mais alguma coisa me incomoda, além de um lunático que me persegue e um ex-noivo hospedado em minha casa?

O religioso riu.

— Sim, é uma situação problemática.

— Mas vai passar — ela argumentou com indiferença.

— Bem, não há muito que eu possa fazer para ajudá-la com relação ao lunático, mas posso manter o Sr. Stice bastante ocupado durante sua estadia.

Pega de surpresa pela oferta generosa, Victoria respondeu com um movimento instintivo de cabeça.

— Oh, não, eu não poderia esperar tal coisa de um bom e velho amigo que, além do mais, também é hóspede em minha casa.

— Ah, mas eu não me importo.

— Porque não tem plena noção do que está oferecendo — ela explicou antes de poder conter as palavras impulsivas.

Humbly tossiu para disfarçar o riso.

— Descobri que o Sr. Stice pode ser um pouco... sufocante.

Ela fez uma careta ao pensar em todas as horas que fora obrigada a passar literalmente sufocada pela autopiedade de Thomas.

— Digamos que essa é uma forma bem política de descrevê-lo — retrucou.

Tarde demais, ela se deu conta de que revelava mais do que pretendia em princípio. Humbly ergueu as sobrancelhas e a encarou curioso.

— Devo deduzir que não está mais tão decepcionada por não ter conseguido fugir com o Sr. Stice?

Ela baixou os olhos para esconder o horror provocado pela idéia de passar o restante da vida presa a Thomas. Céus, teria entrado em desespero na primeira semana!

— Não posso negar que fui tola e impulsiva — confessou cautelosa. — Não conhecia Thomas o suficiente. Não para considerar um casamento.

Com a bondade de sempre, Humbly tocou a mão dela e sorriu.

— Não é tão surpreendente assim, minha menina. Você é uma criatura com grande necessidade de ajudar ao próximo. É muito fácil confundir piedade e amor.

Era o que havia dito a si mesma, mas um medo persistente ainda encontrava refúgio em seu coração, um receio do qual não poderia falar com Claredon.

— Não posso dizer que isso me conforte, Sr. Humbly.

Sentindo sua vulnerabilidade, talvez, o vigário inclinou-se para encará-la com um sorriso encorajador.

— Qual é o problema, Victoria?

Ela refletiu por um momento antes de encolher os ombros.

— Se pude cometer tão grande engano com relação aos meus sentimentos uma vez, como posso confiar neles novamente?

O religioso ficou sério, mas continuou segurando a mão dela.

— Não existem certezas na vida, Victoria, e pode ser muito assustador encontrar-se vulnerável a outro ser humano.

Já se havia feito mais vulnerável a Claredon do que jamais sonhara ser possível, expondo assim o coração ao risco de uma grande decepção.

Podia ter aprendido a confiar em Claredon, mas ele nunca oferecera mais do que sua paixão. Como poderia entregar seu coração, se ele nunca corresponderia às suas mais íntimas emoções? Seria insuportável apaixonar-se por um homem que nunca a amaria, que poderia até se sentir incomodado com o fardo da ligação entre eles.

— Sim — murmurou.

Ele afagou sua mão pela última vez antes de se recostar e voltar a sorrir.

— Tudo que sei é que o amor se resume em duas pessoas colocando a felicidade do outro acima da própria felicidade. Quando existe amor, não existe uma pessoa aceitando e a outra ofertando.

De repente ela compreendeu o significado da mensagem e sentiu-se muito melhor.

— Era esse sentimento que existia entre meus pais.

— E que um dia você conhecerá, Victoria. Estou certo disso. — Humbly levantou-se e cruzou as mãos sobre o ventre protuberante. — Agora devo ir encontrar o Sr. Stice. Aproveite a manhã, minha querida.

Quase duas horas mais tarde, Victoria foi procurar o marido. Sabia que era ridículo, mas sentia-se incomodada com a idéia de ele sair galopando pelo campo, mesmo acompanhado por um lacaio. Não ficaria tranqüila enquanto ele não retornasse em segurança.

Sabendo que o mais provável era que ele se dirigisse à biblioteca assim que pusesse os pés em Longmeade, ela se encaminhou para esse mesmo aposento. Foi um choque descobrir que Thomas já estava lá, em pé ao lado da mesa, estudando com atenção um pedaço de papel que tinha entre as mãos.

Pensando em sair antes de ser notada, Victoria censurou-se pela reação covarde e respirou fundo, preparando-se para ficar. Nesse instante, Thomas levantou a cabeça e a viu.

Mais ou menos encurralada, ela forçou um sorriso.

— Oh, olá, Thomas. Bom dia.

— Bom dia, Victoria — ele respondeu, voltando a estudar o papel.

Curiosa com a estranha e incomum distração, ela deixou de lado a relutância em passar mais do que um minuto além do necessário em sua companhia e atravessou a sala.

— O que é isso? Alguma coisa importante?

— É muito estranho...

— O que é tão estranho?

Ele apontou para a mesa com ar vago.

— Estava procurando por um pouco de cera para lacrar a carta que escrevi para minha mãe, quando encontrei este desenho de Andrew. Não sabia que você o conhecia.

Desenho?

Victoria parou de respirar enquanto se movia para examinar o papel nas mãos dele. Não havia dúvida. Era o desenho que fizera do vilão, ela reconheceu incrédula e aturdida.

Umedecendo os lábios ressequidos, tentou banir qualquer tensão da voz ao perguntar:

— Andrew?

— Sim. Andrew Banfield, meu primo — ele respondeu prontamente, sem se dar conta da tensão que pairava no ar. — Não é ele?

Com mãos repentinamente trêmulas, Victoria tomou o papel da mão dele.

— Fiz esse desenho seguindo a descrição de um ladrão que tentou entrar em nossa casa pulando a janela da biblioteca.

— O quê? Isso é impossível!

Não seria correto nem sensato tirar conclusões precipitadas, e por isso ela tentou se acalmar e dominar o coração acelerado. Thomas bem podia estar enganado. Afinal, aquele era apenas um esboço feito a partir das vagas recordações do Sr. Humbly.

— Fale mais sobre seu primo. Nunca o mencionou antes.

Thomas encolheu os ombros, olhando para ela como se duvidasse de sua sanidade mental.

— Receio que minha mãe não o aprove realmente.

Victoria conteve o riso. A Sra. Stice não aprovava ninguém que não fosse útil para suas aspirações de progredir socialmente.

— Por que não?

— Bem, você a conhece. Meu primo gosta de jogar e mantém relacionamentos muito próximos com diversas atrizes, e minha mãe não concorda com essas escolhas.

Não era muito, mas pelo menos sabia que Andrew era um homem dado ao jogo, o tipo de indivíduo que podia precisar de rendimentos altos e rápidos.

— E agora as jóias de sua mãe desapareceram — ela murmurou, começando a acreditar no que Claredon dizia sobre tudo isso não ser apenas uma simples coincidência.

— Sim... — Thomas também parecia ter concluído algo importante e surpreendente. — Espere um minuto! Não pode estar insinuando que Andrew roubou as jóias!

Sim, sabia que a insinuação soava absurda. Que prova tinha? Nada além de um desenho vago e uma intuição sem nenhum fundamento concreto.

— É a única coisa que faz sentido — ela respondeu, tanto para convencer-se quanto para

convencer o ex-noivo. — Mas por que ele pensaria que estou de posse dessas jóias?

Thomas balançou a cabeça, deixando claro que não desejava discutir um assunto tão desagradável. Preferia ignorar tais questões e deixar que outros se incumbissem delas.

— Não entendo o que está dizendo.

Não o deixaria escapar tão facilmente. Era um assunto importante demais para deixar de discuti-lo a fim de preservar seus nervos sensíveis.

— Quando foi a última vez que viu seu primo?

— Não sei — ele respondeu agitado, movendo-se como se considerasse a possibilidade de fugir correndo. — Há três semanas, talvez.

— Ele mencionou alguma coisa sobre as jóias de sua mãe?

— É evidente que não! Andrew nem sabia sobre o desaparecimento dessas jóias! De fato, ele falou apenas sobre sua falta de sorte no jogo e... — De repente ele parou, a testa franzida pela lembrança de algum detalhe intrigante nessa conversa com o primo.

— O que foi? — Victoria insistiu irritada.

— Bem, ele parecia particularmente interessado naquela estatueta que comprei para você. Disse que queria copiá-la para oferecer essa cópia de presente a uma de suas amantes recentes. Andrew ficou muito agitado quando contei que já havia enviado a estatueta para você como um presente de noivado. Julguei seu comportamento estranho, mas... Bem, Andrew sempre fez questão de dizer que sou um cavalheiro de mau gosto. Este casaco, por exemplo...

— Thomas — Victoria o interrompeu com firmeza, recusando-se a perder a oportunidade de descobrir mais sobre toda essa questão das jóias. — Tem certeza de que ele estava interessado na estatueta que você me deu?

Thomas assentiu.

— Suponho que tenha se interessado por ela no início daquela semana, quando a viu pela primeira vez.

Estatueta?

Não fazia sentido. Embora não houvesse examinado o presente de maneira detalhada, tinha certeza de que ele não possuía grande valor material. Não para ser objeto de um roubo. Francamente, a estatueta era muito feia e retratava uma mulher vestida num daqueles vestidos muito amplos e armados usados pelas damas das décadas anteriores. Não havia jóias ou...

De repente ela foi tomada por uma súbita inspiração.

Talvez houvesse jóias... embora ainda não as houvesse descoberto.

Agarrando o braço de Thomas, ela o puxou para a porta com grande impaciência.

— Venha comigo.

— Victoria, aonde estamos indo? — ele quis saber, tropeçando nos próprios pés enquanto era praticamente arrastado pelo corredor.

— Venha comigo e já vai entender — ela prometeu, subindo a escada e atravessando o corredor do segundo andar. Quando chegou aos seus aposentos, ela empurrou a porta e entrou.

— Por Deus, Victoria — Thomas gemeu aflito da porta.

— O que é?

— Não posso entrar em seu quarto.

— Ah, pelo amor de Deus —- ela respondeu irritada, deixando-o onde estava para ir buscar a estatueta que deixara na pequenina mesa de canto ao lado da cama. Com ela nas mãos, voltou apressada para onde Thomas a esperava. — Aqui está.

— A estatueta? — ele perguntou surpreso.

— Deve haver alguma coisa... — Girando-a de um lado para o outro, Victoria finalmente

notou uma pequena trava nas costas do vestido. Tremendo, ela a puxou para cima e descobriu uma porta cortada na porcelana. Um trabalho de mestre, sem dúvida alguma. O objeto fora projetado para guardar os pertences pessoais de uma mulher. E já havia alguns objetos dentro daquela estranha peça. — Oh... Oh, meu Deus!

— O que é? — Thomas quis saber.

Incapaz de fazer funcionar adequadamente os dedos trêmulos, Victoria virou a estatueta de forma a fazer cair dela um colar de diamantes e um par de brincos que fazia conjunto com ele. As jóias caíram na palma de sua mão.

— Veja... — ela sussurrou perplexa.

— As jóias de minha mãe — Thomas constatou chocado. — Mas como elas foram parar dentro dessa estatueta?

Incapaz de acreditar que suas loucas suspeitas se confirmavam, afinal, ela balançou a cabeça.

— Creio que somente Andrew pode nos dar a resposta para essa questão.

Thomas recuou um passo, a testa marcada por uma ruga profunda.

— Não, isso não é possível! Andrew jamais se envolveria em uma ocorrência tão desagradável.

Não queria perder tempo discutindo com essa criatura patética. Determinada, Victoria passou por ele a caminho da escada.

— Preciso encontrar Claredon — disse, ansiosa para revelar ao marido tudo que conseguira descobrir.

— Victoria, espere... — Thomas chamou-a.

Mas ela nem se deu ao trabalho de olhar para trás. Decidida, desceu a escada e chegou ao hall principal da casa onde vivia. Seu único pensamento era encontrar o marido. Ele certamente compreenderia a importância de sua descoberta. Mais importante, ele saberia precisamente o que deveriam fazer. Era um homem com quem se podia contar. Surpresa, Victoria tentou determinar quando, exatamente, passara a contar com ele ou com seu apoio. Desde que se entregara fisicamente? Não podia ser só isso. O mais provável era que sempre soubera da força desse cavalheiro, apesar de sua determinação em mantê-lo distante.

Era uma descoberta muito inquietante.

Balançando a cabeça diante do absurdo de tais pensamentos, ela seguiu do hall ao corredor lateral, esperando que Claredon já houvesse retornado.

Victoria não viu nem sinal do marido, até chegar ao saguão de entrada, onde o criado acabava de pôr os pés.

— Oh, Peter, que bom que está aqui — ela exclamou, correndo ao encontro do rapaz. — Sabe onde posso encontrar lorde Claredon?

O criado empalideceu.

— Peter...?

— Oh, minha lady! — Peter gemeu angustiado, torcendo as mãos com evidente nervosismo. — Ele foi levado.

Chocada demais para compreender o pleno sentido das palavras do lacaio, Victoria o encarou confusa.

— Levado? Como assim? O que quer dizer?

— Cavalgávamos pelo bosque quando um cavaleiro mascarado apareceu empunhando uma pistola.

Victoria sentiu uma súbita vertigem e teve de agarrar-se à mesa de correspondência para não cair. Não podia ser. Era impossível! Claredon havia prometido tomar cuidado. Prometera ir encontrá-la em sua cama mais tarde.

— Por Deus, ele não... — Não suportava sequer pronunciar as horrendas palavras, temendo que expressar seu terror pudesse torná-lo real e concreto.

— Ele está bem — Peter assegurou apressado. — Mas o desgraçado... desculpe-me, senhora, o patife o obrigou a acompanhá-lo. Disse que as jóias devem ser deixadas precisamente às três da tarde no exato local onde ele raptou lorde Claredon, e devem ir acompanhadas por mais mil libras.

Era difícil não perder os sentidos, tal a intensidade do alívio que a invadia. Claredon estava vivo. No momento, isso era tudo que importava.

Alguns minutos se passaram enquanto ela tentava recuperar a capacidade de reação e decidir o que devia ser feito. Tinha de ser forte, disse a si mesma com severidade. Mais tarde poderia ter todos os ataques histéricos que desejasse. Por ora, seu único pensamento deveria ser salvar Claredon, antes que fosse tarde demais.

— Devemos organizar uma busca — ela determinou com tom surpreendentemente firme. — E vou mandar buscar o magistrado e...

— Minha lady — Peter a interrompeu preocupado.

— O que é? — ela disparou impaciente.

— Ele disse que deve ir sozinha, ou... — A voz do rapaz desapareceu num silêncio aterrorizado.

Victoria sentiu o sangue esfriar nas veias.

— Ou o quê? — perguntou com um fio de voz.

— Ou ele matará lorde Claredon.

Capítulo XIV

Victoria beirava o pânico. Por Deus, o que havia feito? Andando pela biblioteca, ela lutava contra as lágrimas de medo e frustração que ameaçavam vencê-la. Por que dera ouvidos a Humbly e aos outros?

Sua única preocupação era garantir que o marido voltasse para casa são e salvo. Mas, em vez de ouvir os conselhos de seu coração, deixara-se convencer pelos argumentos do vigário e dos criados.

Todos a incentivaram a não ceder às exigências do bandido. Eram da opinião de que ela não devia entregar as jóias e o dinheiro na clareira no meio do bosque, conforme ele ordenara.

Humbly manifestara a preocupação de que, uma vez de posse daquilo que desejava, o vilão desse fim à vida de Claredon. Afinal, Andrew Banfield ainda não sabia que sua identidade fora descoberta. De sua perspectiva, apenas Claredon poderia apontá-lo como autor de um crime hediondo. Seria tolice deixá-lo vivo para testemunhar.

Todos haviam insistido para que Victoria deixasse os criados se posicionarem por todo o bosque de forma a cercar o ladrão, que seria observado quando aparecesse para pegar o resgate. Assim, eles o seguiriam de volta até seu esconderijo e salvariam Claredon de uma morte certa.

Assim, enquanto ela vasculhava a casa em verdadeiro desespero, tentando reunir os

fundos necessários para pagar o resgate, Humbly encontrara uma forma de tirar os criados de Longmeade e levá-los para os galpões e estábulos, de onde seguiriam para o bosque a fim de pôr o plano em prática. Ele havia insistido que cada criado partisse com pelo menos meia hora de intervalo, de forma que, caso alguém estivesse observando a casa, não despertassem suspeitas.

Às quinze para as três, Victoria havia terminado de arrumar uma pequena valise com as jóias e o dinheiro para levar à localização fornecida por Peter. Deixara a fortuna na clareira, conforme ordenara o bandido, e voltara para casa a fim de esperar por notícias sobre a captura do criminoso. Já escurecia quando Humbly, desistindo de esperar, pegou a valise e voltou para casa com os empregados.

Agora ela e o vigário andavam de um lado para o outro sem saber o que deveriam fazer.

— Algo me dizia que eu devia simplesmente entregar as jóias e o dinheiro — ela lamentou, rompendo o silêncio pesado. — Meu Deus, e se Claredon já estiver ferido?

— Não, Victoria, esse cavalheiro está mais interessado em obter o dinheiro. Ele será muito mais perigoso depois de obter o que deseja. Até lá, terá de manter lorde Claredon em segurança para ter o que negociar.

Oh, como gostaria de ter a mesma confiança!

— Mas agora nem sabemos o que devemos fazer!

— O patife vai enviar algum tipo de mensagem — Humbly respondeu seguro. — E se ele seguir a norma, pedirá mil libras além do que já foi solicitado.

Victoria fez um gesto de desdém. Não tinha importância o valor solicitado por esse homem. Entregaria Longmeade, se necessário fosse. Daria tudo que possuía para ter Claredon de volta em total segurança. Daria a própria vida, até.

Ela fechou os olhos para lutar contra uma onda de histeria. Até ser forçada a considerar a idéia de perder Claredon, não havia percebido como ele se tornara vital para sua existência. Tanto que não sabia ao certo se poderia continuar vivendo sem ele.

— Não importa o valor que ele vai pedir, desde que Claredon esteja bem.

Como se sentisse que ela estava a um passo de total colapso, Humbly aproximou-se para tocar seu braço.

— Tudo vai ficar bem, minha querida.

Lágrimas transbordavam de seus olhos, apesar da determinação de ser forte pelo marido.

— Não, nada vai ficar bem enquanto Claredon não voltar para casa. Não suportaria perdê-lo agora.

Houve um breve silêncio enquanto o vigário estudava seus traços tensos. Um sorriso distendeu seus lábios.

— Por que você o ama?

Expressar seus sentimentos em palavras era mais do que julgava ser capaz nesse momento. Victoria estava tensa, perturbada. Além do mais, já havia afirmado seu amor por Thomas. Não parecia correto comparar o que sentia por Claredon colocando essas emoções com as mesmas palavras. Afinal, o que sentia pelo marido não era nada parecido com o que sentira por Thomas.

Com Claredon ela não era a mãe zelosa que devia solucionar todos os problemas. Pelo contrário, ele despertava nela sentimentos positivos de respeito, confiança e, sim, feminilidade, pois se sentia desejada e querida. Eram iguais de um jeito que jamais teria sido com Thomas. E apesar de ter ficado furiosa quando fora forçada a se casar, sua revolta se dera mais por ter perdido o controle sobre um fato de sua vida do que por lamentar a perda de Thomas. Por outro lado, a idéia de perder Claredon abria um enorme buraco em seu coração, uma ferida que, ela sabia, jamais poderia cicatrizar.

— Sim, eu o amo — admitiu finalmente em tom trágico. — E ainda não disse a ele.

Humbly a confortou com a mão em seu braço e um sorriso doce.

— Mas dirá, minha querida Victoria. Precisa ter fé.

Lágrimas quentes banhavam seu rosto.

— É muito difícil.

— Bem, pelo menos sabemos que ele está na região. O bandido deve estar muito perto de nós para ter percebido os criados escondidos no bosque.

Um arrepio a sacudiu, fruto da imagem sombria de um criminoso oculto no bosque, talvez até cercando a casa. E durante todo o tempo ele mantinha o pobre Claredon preso e amordaçado em algum lugar terrível.

Maldição! Se pudesse pôr as mãos nesse sujeito... Faria com que ele se arrependesse muito!

— Não podemos nem procurá-lo sem pôr em risco a segurança de Claredon.

— É uma situação delicada — Humbly concordou com um suspiro preocupado.

— Impossível!

— Acalme-se, Victoria. Ele enviará outra mensagem.

Sabia que o vigário estava apenas tentando mitigar seus temores, mas estava apavorada e agitada demais para controlar sua língua ferina e seu temperamento explosivo. Queria extravasar a raiva de alguma maneira, talvez atirando os livros no chão e quebrando alguns objetos.

— Sim, e o que faremos, então? — perguntou por entre os dentes, contendo o impulso destruidor. — Ele já conseguiu pressentir uma armadilha, lembra?

— Sim, e considero isso muito estranho. — De fato, não havia como contrariar tal lógica.

— O que é estranho?

Humbly cruzou as mãos às costas, a testa marcada por uma ruga profunda.

— Mantivemos os criados bem afastados do lugar onde você deveria deixar as jóias, e todos ficaram bem escondidos entre os arbustos. Também tivemos o cuidado de tirá-los de casa dentro de algumas condições específicas para que não fossem notados.

Victoria encolheu os ombros, incapaz de seguir raciocínio tão confuso.

— Ele devia estar escondido perto da casa.

— Correndo o risco de ser surpreendido? — O vigário não conseguia entender o estranho comportamento do vilão. — Se pretendia se aproximar tanto, não acha que teria marcado esse encontro para a noite? Teria sido simples pegar as jóias e fugir antes que alguém o visse.

Victoria também ficara surpresa com a ousadia do Sr. Banfield. Marcar um encontro como esse para o meio da tarde? Como apontara o religioso, teria sido muito mais seguro deixar seu esconderijo protegido pelas sombras da noite.

— O que mais pode ter acontecido, então?

— Não sei. A menos que...

— Sim? O que está pensando, Sr. Humbly?

Ele a encarou.

— Talvez ele tenha ficado escondido no topo de uma das árvores. Duvido que os criados tenham pensado em olhar para cima, e ele certamente teria uma visão muito melhor da casa sem precisar se expor.

Victoria estava quase desprezando a idéia absurda, quando de repente lembrou algo importante. Foi como se o ar ficasse preso em seu peito.

No topo de uma árvore?

— É claro!

Como pudera ser tão estúpida? Por isso o vilão exigira que o encontro acontecesse naquele local específico no meio do bosque, e por isso marcara o encontro para o meio do dia.

Se estava escondido no bangalô de Claredon, não só podia contar com uma visão clara e panorâmica de tudo que ocorria a sua volta, como ainda teria o telescópio para manter o bosque sob constante vigilância. Seria quase impossível chegar à pequenina clareira sem ser visto. E, é claro, aquela seria uma localização mais do que perfeita para manter Claredon prisioneiro.

— Victoria, o que é? — Humbly perguntou preocupado.

— O topo de uma árvore... — ela repetiu ofegante.

— Sim, eu sei, é absurdo, mas...

— Não, Sr. Humbly! E brilhante! — Ela correu ao encontro do velho amigo para segurar suas mãos. — Já sei onde Claredon está.

O vigário a encarou chocado.

— Você sabe?

— É o único lugar possível.

— Onde?

— Eu direi num instante, mas antes temos de reunir os criados — ela decidiu, já a caminho da porta. — Devemos estar preparados para sair assim que a noite cair e a escuridão puder nos servir de manto.

Claredon nunca se sentira tão furioso em toda sua vida.

Havia sido tolice baixar a guarda só porque não tivera nenhum sinal de Smith na semana anterior. E não ajudava em nada saber que se distraíra pensando na esposa, enquanto o vilão o espreitava para atacá-lo com uma pistola.

Era mais do que tolo, ele se convenceu. Por causa de sua estupidez não duvidava de que o lunático apontando uma arma para sua cabeça acabasse mesmo por matá-lo com uma bala, tão logo estivesse de posse do tesouro que havia exigido. Ele não fizera nenhum esforço para esconder sua identidade depois de chegarem ao bangalô, como também não havia ocultado o fato de ser, na verdade, um cavalheiro de Qualidade. De maneira nenhuma ele correria o risco de deixá-lo vivo e ser delatado por ter cometido rapto e exigido resgate em troca da vida de um nobre. Pior ainda, Claredon havia posto em perigo a vida de Victoria.

E se o lunático ficasse furioso e decidisse punir a inocente mulher por ter preparado uma armadilha para capturá-lo? Ou se percebesse que ela não dispunha de jóias para entregar?

Respirando fundo para conter um forte sentimento de pânico, Claredon testou discretamente a tensão das cordas que o amarravam à cadeira. Já sabia que eram muito apertadas, mas precisava fazer alguma coisa para manter seus pensamentos livres do horror de como essa noite poderia terminar.

Tomando o cuidado de manter a pistola apontada para Claredon, o criminoso dobrou o bilhete que havia redigido pouco antes. Embora fosse um pouco mais jovem do que Claredon havia imaginado, ele possuía uma forte semelhança com os traços que Victoria reproduzira naquele desenho. Também havia algo de ligeiramente familiar na linha do queixo e no formato dos olhos, alguma coisa que Claredon tentava reconhecer, mas não conseguia.

— É melhor começar a rezar para que sua esposa demonstre um pouco mais de bom senso na próxima vez, meu lorde — ele resmungou com voz gelada. O homem era certamente um louco e estava disposto a tudo para salvar a própria pele. — Se tentar agir com esperteza novamente, ela vai acabar viúva.

Claredon se recusava a demonstrar o medo que pulsava em suas veias como um poderoso veneno.

— Vai pagar por isso, sabe? Com a vida!

O homem gargalhou.

— Oh, não, não tenho nenhuma intenção de ser enforcada. Claredon não duvidava de que ele faria qualquer coisa para evitar tão temido destino, incluindo assassinato. Infelizmente, nesse momento ele não podia fazer nada além de manter o homem falando enquanto esperava por um resgate.

— Diga-me, Sr. Smith, que jóias são essas que tanto deseja obter?

— As jóias de minha querida tia Margaret.

Claredon ergueu as sobrancelhas.

— Roubou as jóias de sua própria tia?

— Ela se recusava a me fazer o empréstimo de que eu precisava com desespero, e por isso decidi me servir de sua herança. Infelizmente, o idiota do filho dela chegou no exato momento em que eu as tirava do cofre, e fui forçado a escondê-las dentro de uma estatueta que se encontrava sobre uma mesa perto da parede. Thomas pode ser estúpido, mas até ele teria notado o volume das jóias prejudicando o caimento de meu casaco.

Claredon ouvia com atenção, os olhos apertados e os lábios selados.

O cavalheiro prosseguiu com tom orgulhoso:

— Sabia que só teria de voltar mais tarde e pegar a estatueta. Não imaginava que o pateta havia comprado aquele adorno horroroso para dar de presente à noiva. Levei semanas para me dar conta de que as peças já não estavam mais naquela casa.

Claredon respirava profundamente, tentando manter a aparência calma. O criminoso havia revelado mais do que pretendia. Não só contara que as jóias roubadas pertenciam à Sra. Stice, como também acabara identificando-se como primo de Thomas. Se conseguisse sair dali com vida, não seria difícil encontrá-lo e levá-lo à justiça.

Se algum dia saísse dali com vida...

Era difícil combater a frustração e o desânimo.

Faça-o falar, Claredon, ele pensou. Victoria era uma mulher de muitos e surpreendentes recursos. Se alguém podia imaginar onde estavam escondidos, ela o faria. Tinha de apegar-se a essa esperança.

— Então, veio até aqui para apoderar-se das jóias — comentou com tom calmo.

— Oh, sim — ele confirmou com um sorriso frio. — As jóias são minhas. E por todo o trabalho que tive, exigi também mil libras como abono. Talvez peça três mil, agora que fui obrigado a perder mais tempo.

Claredon franziu a testa ao reconhecer a evidente ganância do cavalheiro.

— Não dispomos de três mil libras em casa.

Ele sorriu com desdém.

— Nesse caso, espero que sua doce esposa pense em obter um empréstimo o quanto antes. Eu odiaria se ela... — Um ruído abafado o interrompeu, e ele se virou para a porta fechada. — O que foi isso?

— O quê?

— Ouvi um barulho. — Agindo como um rato encurralado, ele brandiu a pistola de maneira ameaçadora na direção de Claredon. — Nem pense em gritar ou fazer algum movimento mais ousado, meu lorde, a menos que queira um buraco aberto bem no meio do seu coração.

Claredon não tinha intenção de se mover. Também havia escutado o ruído abafado, mas

esperava que seus criados na houvessem revelado a própria presença de maneira tão desajeitada, a menos que tudo fosse uma armadilha muito bem preparada. Esperava sinceramente que eles quisessem mesmo atrair o criminoso para fora do bangalô. Também esperava que o pânico súbito do vilão não o levasse a concluir que era melhor acabar de vez com a única testemunha que poderia incriminá-lo.

Amaldiçoando as cordas que o mantinham preso à cadeira, Claredon prendeu a respiração enquanto o homem abria a porta com todo cuidado para espiar pela fresta. Por um momento nada ocorreu, e Claredon quase gritou para livrar-se do desapontamento.

E então, com uma rapidez impressionante, a porta foi praticamente arrancada das dobradiças e meia dúzia de seus criados agarraram, derrubaram e imobilizaram o bandido.

A batalha terminou antes mesmo de começar, e Claredon quase gargalhou quando Johnson passou por cima do homem amarrado no chão para aproximar-se dele.

— Meu lorde, está ferido? — ele perguntou, revelando com o olhar sua disposição de vingar imediatamente qualquer ferimento que o seqüestrador pudesse ter lhe causado.

— Não. — Ele olhou por cima do ombro do cocheiro e viu o criminoso sendo levado por seus criados. — O homem está morto?

— Acredito que não, meu lorde. Apenas inconsciente.

— Que bom — ele disse aliviado, esperando que o serviçal o libertasse da incômoda posição. — Por mais que aprecie a idéia de enfiar uma bala na boca desse malfeitor, sei que terei maior prazer em assistir ao seu enforcamento.

Johnson cortou todas as cordas que prendiam seu senhor.

— Sim, meu lorde.

Solto, Claredon se levantou imediatamente, esperando um momento para superar a sensação de formigamento nos pés e nas mãos. Por um momento ele cambaleou, quase caindo de joelhos. A combinação de nervosismo e horas seguidas de imobilidade o deixavam tonto. Por sorte, seu fiel cocheiro foi rápido e o amparou passando um braço em torno de sua cintura.

— Obrigado, Johnson. — Ele sorriu atordoado, desejando apenas ir para casa e ter a esposa nos braços. — Vamos voltar para Longmeade.

Claredon puxou a esposa contra o peito e ajeitou as cobertas sobre seus corpos. Havia esperado muito tempo para poder desfrutar de uma pequena medida de privacidade com Victoria, ele pensou com um suspiro satisfeito.

De volta a Longmeade, encontrara sua casa mergulhada no caos. Victoria não só havia mandado chamar o magistrado local, como também mandara buscar o médico, que se recusara a sair antes de examiná-lo detalhadamente. Depois de ouvir toda a história sobre Andrew Banfield, o magistrado o algemou e levou sob custódia. O médico garantiu que ele estava bem, todos os criados puderam ver que seu amo estava bem... E a noite estava quase no fim.

Isso não o impedira, no entanto, de buscar conforto no abraço de Victoria assim que a casa se aquietou e todos se recolheram.

O encontro foi marcado por uma urgência ao mesmo tempo doce e amarga, emoção provocada pela certeza de que haviam estado muito próximos de perderem um ao outro. Claredon a mantinha em seus braços e sentia-se muito feliz por constatar que agora tinham todo um futuro pela frente.

— Meu pobre Claredon — Victoria murmurou, tocando os ferimentos deixados pelas cordas em seus punhos.

— Pobre, realmente — ele concordou, beijando sua testa com ternura. Ainda não sabia o

que havia feito para merecer a felicidade de ter essa mulher em sua vida. — Vou precisar de cuidados intensivos e constantes até me recuperar.

Sua intenção havia sido fazê-la sorrir, mas Victoria ficou tensa ao reviver a fúria despertada por Andrew Banfield.

— Quando penso que aquele bandido poderia...

— Não. — Ele a silenciou pousando um dedo sobre seus lábios, confortável demais para recordar os horríveis eventos daquele dia. — Nunca mais veremos Banfield ou sofreremos suas ameaças. Nenhum bem pode advir de revivermos um passado tão tenebroso. Só quero que saiba que estou impressionado com sua astúcia. Não fosse por você ter deduzido onde o criminoso me mantinha cativo, eu ainda estaria amarrado naquele bangalô.

— Também acho que fui muito astuta — ela concordou rindo, aninhando-se em seu peito como se nunca mais pretendesse afastar-se dali.

Claredon riu.

— Linda e modesta. Uma combinação irresistível. O que mais um homem pode querer?

— Devia ter deduzido a verdade muito antes — ela confessou um pouco aborrecida. — Só parei para pensar nessa possibilidade quando conversava com o Sr. Humbly sobre como ele estranhava o fato de o Sr. Banfield ter conseguido descobrir a presença dos empregados e sua decisão de marcar o encontro para o meio da tarde. Foi então que me dei conta de que ele devia ter usado o telescópio do bangalô para observar nossos movimentos.

Deixando os dedos acariciarem o cetim perfeito de sua face, ele emitiu um profundo suspiro.

— Foi um erro deixar a escada no chão. O vilão só descobriu o esconderijo por causa desse meu deslize.

Ela se virou para encará-lo, sua expressão firme à luz das velas.

— Não, estou feliz por ter deixado a escada aparente. Ele estava determinado a raptá-lo, e se o tivesse levado para outro lugar, nós nunca o encontraríamos.

Claredon sorriu.

— Bem, como disse um famoso bardo muito antigo, tudo está bem quando acaba bem.

— Exatamente.

— Presumo que o Sr. Stice já esteja planejando sua partida para breve? — Era difícil manter a voz baixa e controlada Não acreditava mais que Thomas Stice estivesse envolvido com as atitudes criminosas do primo, mas não podia negar um forte e premente desejo de livrar-se de sua incômoda presença. Não queria dividir Victoria com ninguém, especialmente ex-noivos.

— De fato — ela confirmou rindo. — ele foi para a cama bem cedo depois de termos encontrado as jóias da Sra. Stice, e negou-se a sair do quarto até ter certeza de que o primo havia sido levado em correntes. Agora ele está ansioso para voltar a Londres e provar à preciosa mãezinha que não estava envolvido no roubo.

— Pois que vá de uma vez.

— Claredon!

Não pediria desculpas por sua antipatia.

— O homem é um bufão, Victoria! E por isso nos causou problemas de grande monta, primeiro atraindo sua piedade e induzindo erros afetivos com sua conduta chantagista, depois lhe oferecendo um presente perigoso. Uma estatueta cheia de jóias roubadas!

— Ele não sabia sobre as jóias. Sejamos justos.

— Estou sendo mais do que justo. Pense em todos os meses de sofrimento que suportei, no ciúme que senti acreditando que o amava!

— Sentiu ciúme? — Ela levantou as sobrancelhas compondo uma expressão debochada. — Não acredito nisso.

— Pois pode acreditar, minha querida. E foi um ciúme amargo, devastador, quase assassino.

Ela fingiu pensar um pouco no assunto enquanto sentia os dedos acariciando seu braço. Victoria retribuiu o afago, e Claredon estremeceu de prazer. Era impressionante! Só precisava estar perto da esposa para ser consumido pela paixão. Uma sensação assustadora, mas deliciosa.

— Bem, ele também é responsável de algum modo por nossa união.

Claredon fez uma careta, recusando-se a ceder um milímetro que fosse ao tolo covarde.

— Prefiro acreditar que foi o destino. Não consigo imaginar nenhuma outra mulher senão você como minha esposa.

Os olhos dela ganharam uma nova luz depois dessas palavras, e uma expressão estranhamente sombria dominou seu rosto pálido.

— Claredon?

— Sim, minha querida?

Houve uma pausa prolongada antes de ela pigarrear nervosa.

— Há algo que desejo lhe dizer.

Ele sentiu o coração parar de bater. Haviam enfrentado muitas coisas juntos num curto espaço de tempo. Victoria não podia estar arrependida agora! Não acreditava ser capaz de suportar tal golpe.

— Não estou gostando do seu tom de voz — ele tentou brincar, assustado demais para encorajá-la a falar.

— Não se impressione com minha seriedade. É que...

Respirando fundo para dominar os nervos, ele a tocou no rosto. O que quer que desejasse falar não queria que ela sentisse medo de dizer sempre a verdade. Era hora de instaurar definitivamente a honestidade em seu relacionamento.

— Pode me dizer qualquer coisa, Victoria.

— Eu... amo você — ela murmurou encabulada.

Um alívio incrédulo e perplexo o invadiu, deixando-o tonto como se houvesse consumido uma dúzia de garrafas de champanhe. Incapaz de conter-se, ele jogou a cabeça para trás e riu. Riu muito, gargalhadas profundas e sinceras que ecoavam por todo o quarto.

Ofendida pela reação incomum a sua declaração de amor, Victoria encarou-o com um misto de ressentimento e vergonha.

— Qual é a graça?

Tentando conter o riso, Claredon inclinou-se para beijá-la nos lábios.

— Você parecia estar se preparando para confessar que havia incendiado o estábulo com todos os cavalos dentro! Nunca imaginei que pudesse estar prestes a ouvir uma declaração de amor.

Contrariada com o tom brincalhão, ela balançou a cabeça.

— Não devia ter falado nada.

Gostaria de saber se o coração de um homem poderia explodir de alegria. Se isso fosse possível, corria o sério risco de morrer ali, na cama de sua esposa.

— Agora é tarde, minha querida. Não pode mais retirar o que disse — informou-a com firmeza, memorizando com o olhar cada pequeno detalhe de seu adorado rosto. — Não importa como declara seu amor, você sempre enche meu coração de alegria.

— E também o divirto muito, certamente.

Beijando-a nos lábios mais uma vez, Claredon encarou-a sério.

— Peço que me desculpe pela reação espontânea, minha querida. Sei que não deve ter sido fácil dar o primeiro passo e tomar a iniciativa de dizer essas palavras, e por isso vou aplacar seu constrangimento confessando que também a amo. Adoro você, minha doce Victoria. E quero tê-la a meu lado para sempre. Você é a mulher dos meus sonhos, minha mais cara e secreta fantasia que se realiza.

Ela o abraçou emocionada, os olhos brilhando como preciosas esmeraldas à luz dourada das velas.

— Oh, Claredon...

— Meu amor. Deus devia estar realmente olhando por nós, ou não teria permitido que dois tolos teimosos e arrogantes se encontrassem em meio a tantas pessoas.

— Quase não aconteceu, não é?

Claredon não tinha coragem nem mesmo de reconsiderar o estranho emaranhado de circunstâncias que haviam posto essa mulher em seu caminho. Como teria sido fácil nunca perceber que Victoria era a única esposa certa para ele, e como teria sido ainda mais simples ela terminar atada para sempre a Thomas Stice.

Seu estômago se contraía quando pensava nisso, e ele balançou a cabeça.

— Quase... — respondeu em voz baixa, como se temesse reconhecer o perigo que haviam corrido. — É insuportável pensar que poderíamos estar separados agora.

Ela sorriu.

— Mas estamos juntos, e tudo porque você invadiu meu quarto com a intenção de seduzir-me.

Sedução.

Uma expressão provocante substituiu a sobriedade anterior. Esse era um assunto mais interessante para o momento.

— Aquele foi só o início de toda uma vida pontuada por noites de sedução. Invadirei seu quarto centenas de vezes, meu amor, e sempre com o propósito de seduzi-la — ele prometeu, deslizando as mãos por seu corpo de maneira a comprovar sua intenção.

— Meu lorde, o que tem em mente?

— Bem, consegui comprar as terras vizinhas às nossas antes de ser raptado. Vamos precisar de herdeiros que apreciem meu esforço.

— Ah, sim, essa é uma idéia muito objetiva e lógica.

— Certamente. Afinal, não devemos negligenciar deveres de família.

— Nunca...

— Além do mais, se devo voltar à minha cama sozinho, preciso levar algum conforto que me mantenha aquecido e satisfeito pelo resto da noite, até podermos nos encontrar novamente.

Ela o encarou séria.

— Não.

Claredon piscou confuso.

— Não?

— Quero que você fique.

— Aqui? — ele indagou incrédulo.

— Sim, aqui.

Sabia que essa era a última barreira que ela ainda mantinha, o último obstáculo que caía por terra, e por isso ele a amou mais uma vez com paixão ainda maior. Finalmente Victoria

aceitava o verdadeiro compromisso da união entre um homem e uma mulher que se amavam e pretendiam viver juntos para sempre, sem dúvidas ou hesitação.

— Tem certeza? — ele ainda persistiu uma última vez, temendo pressioná-la.

Ela sorriu.

— Não quero me separar de você nunca mais.

— Quem sou eu para contestar tão poderoso argumento? Prepare-se para ter-me a seu lado até a eternidade, meu amor.

— Isso é tudo que quero.

Capítulo XV

O vigário Humbly foi obrigado a se agarrar a toda sua caridade cristã, sem mencionar sua força de vontade, para manter-se calado.

Não que o novo vigário fosse um homem digno de críticas. De jeito nenhum. Humbly estava certo de que ele se dispunha a fazer o melhor pelas pessoas da região.

Mas, mesmo tentando convencer-se de que a igreja estaria em boas mãos, não conseguia negar certa tristeza ao olhar em volta e examinar o vicariato limpo e reformado, mobiliado com uma formalidade severa que revelava muito sobre o jovem reservado e sério.

Como ele reagiria quando os colonos do lugar entrassem em sua casa com suas botas sujas de lama e seus fiéis sabujos? Ou quando as crianças entrassem correndo em busca dos doces que ele sempre mantinha no hall de entrada?

Um suspiro escapou de seu peito.

Sem sequer imaginar os pensamentos sombrios de Humbly, o Sr. Roster olhou para a biblioteca sem esconder a satisfação que sentia diante da limpeza estéril.

— Como pode ver, criei um sistema de registro de dados inteiramente novo — ele comentou orgulhoso, apontando para a escrivaninha. — É muito mais produtivo do que jogar por aí documentos importantes que provavelmente não serão encontrados mais tarde, quando forem necessários.

Humbly pigarreou, consciente da crítica a sua falta de organização.

— Oh, sim — concordou. — Tem razão.

— E também reorganizei os livros. — O homem magro olhou para Humbly com ar crítico. — Francamente, não sei como conseguia encontrar as referências necessárias.

Humbly encolheu os ombros, sem querer admitir que raramente se incomodava com referências quando escrevia seus sermões. Em sua opinião, falar com o coração e numa linguagem que pudesse ser compreendida por todos era muito mais importante. — Suponho que tenha tido sorte.

O Sr. Roster suspirou.

— Ainda não comecei a organizar os registros da igreja. Receio que eles exijam de mim considerável esforço e tempo.

— Parece que tem estado ocupado.

— É meu dever.

Resistindo ao impulso de comentar que atender as necessidades dos paroquianos era

certamente seu maior dever, Humbly pigarreou mais uma vez.

— Já teve oportunidade de conhecer seus vizinhos?

— Certamente. Muitos vieram ao vicariato para visitar-me. — Seus traços ainda revelavam desaprovação. — Na verdade, fiquei atônito por descobrir que tinha o hábito de encorajar sua congregação a vir visitá-lo sempre que desejavam.

— Para ser honesto, eu apreciava muito essas visitas. Gostava de conversar com as pessoas daqui.

— Muito adequado, é claro, mas não creio que tenha feito bom uso de seu tempo. Deve haver uma rotina estabelecida para que o trabalho de Deus possa ser feito. Solicitei que todas as visitas sejam confinadas a um determinado horário, entre duas e cinco da tarde. É mais produtivo do que ter sempre alguém me interrompendo.

— Muito produtivo. — Humbly começava a se sentir aliviado com a decisão da Sra. Stalwart, que optara por acompanhá-lo em sua aposentadoria. Ela também iria morar no chalé. Não queria nem imaginar o que ela teria a dizer desse novo e rígido procedimento adotado pelo jovem vigário.

— Gostaria de ver o que fiz com o escritório?

Humbly conseguiu disfarçar um tremor. Infelizmente, sua caridade cristã tinha limites.

— Não hoje, obrigado — respondeu apressado. — A Sra. Stalwart espera por mim em casa.

— Que pena. Espero que volte e venha conferir o restante da reformulação.

— Oh, sim, eu voltarei. No horário entre as duas e às cinco da tarde, certamente — Humbly acrescentou, incapaz de resistir.

Sentindo que havia sido insultado, o Sr. Roster assentiu.

— Talvez seja melhor assim.

— Sem dúvida. Bem, espero que tenha um bom-dia. — Com uma inclinação polida, Humbly pegou seu chapéu e saiu para enfrentar a longa caminhada até seu chalé.

— Humbly, você é um velho tolo — censurou-se em voz baixa, detestando os pensamentos mesquinhos que passavam por sua cabeça. Sua desaprovação era, em grande parte, fruto da relutância em reconhecer que não era mais o vigário local. Encontraria defeitos em qualquer um que chegasse para substituí-lo, e sendo esse substituto um homem tão diferente dele mesmo... — É hora de dar espaço à nova geração.

Mesmo assim... não havia como negar que o homem era antipático, insistiu uma voz obstinada.

Balançando a cabeça para as bobagens do Sr. Roster e as dele, Humbly continuou caminhando.

O problema era que ainda não aceitara inteiramente a decisão de aposentar-se e ir viver no pequeno chalé, ele reconheceu. Não que não considerasse o novo e modesto lar tão aconchegante e pacato quanto se podia desejar, e apreciava muito a idéia de cuidar do jardim e ter mais tempo para suas coisas. O fato era que não gostava de sentir que não era mais necessário.

Ele suspirou.

Havia algo de muito satisfatório em pensar que podia levar conforto a uma viúva doente ou dizer algumas palavras encorajadoras a um colono desanimado, ou até convencer um senhor local a extravasar sua ira em outros indivíduos de sua camada social, em vez de usar seus colonos como válvula de escape para as frustrações diárias.

Sabia que suas habilidades pessoais nunca mudariam o mundo, mas faziam diferença na vida das pessoas de quem cuidava. Sentiria falta dessa sensação de ser necessário e útil.

Sentindo-se estranhamente triste e aborrecido, Humbly chegou ao pequeno chalé e entrou sem a alegria eufórica de costume. Estava tirando o chapéu quando a Sra. Stalwart se aproximou.

Desde que deixara o vicariato, a velha governanta se mostrava ainda mais propensa a cuidar dele como se tratasse de uma criança indefesa.

— Ora, Sr. Humbly, já era hora de voltar para casa!

Ele respondeu ao tom de censura com um sorriso. Jamais conseguiria entrar sem ouvir um de seus sermões domésticos.

— Desculpe-me pelo atraso, mas decidi passar pelo vicariato para visitar o novo morador.

— Ah! Então entendo porque está com esse ar carrancudo. Aquele homem é capaz de irritar até um santo!

Lamentando ter de concordar com a opinião de sua governanta, Humbly balançou a cabeça.

— Sra. Stalwart, ele parece ser muito... organizado.

— Um tolo pomposo é o que ele é.

Cansado de pensar na arrogância do novo vigário, Humbly tentou distrair a mulher e, assim, escapar de mais algumas horas envolvido na mesma conversa.

— Acho que vou beber uma dose de *sherry* antes do almoço — disse.

Com velocidade espantosa, a Sra. Stalwart trocou o ar sombrio por um sorriso amplo.

— Peço que me desculpe, senhor, mas há uma visita esperando por sua presença no jardim.

Humbly parou surpreso. Depois de retirar-se do vicariato, era raro ter visitantes.

— Alguém espera por mim? Quem pode ser?

O sorriso da governanta tornou-se mais largo.

— Creio que deve ir ver por si mesmo.

A situação era realmente curiosa. A Sra. Stalwart não costumava entreter-se com tais jogos de adivinhação. Pelo contrário, ela era a mulher mais objetiva e direta que já havia conhecido.

— Por Deus, agora está se tornando misteriosa...

— Por que não vai ver quem o espera? Levarei uma bandeja de chá.

Imaginando quem poderia ter colocado aquele brilho luminoso nos olhos de sua governanta, Humbly assentiu.

— Muito bem.

Curioso, ele seguiu para o fundo da casa. Esperava que a visita em questão permanecesse ao menos por algumas horas. Seria bom poder conversar com um antigo conhecido. Talvez pudesse até convencer a pessoa a ficar para o jantar e jogar xadrez enquanto saboreavam um bom cálice de porto.

Humbly abriu a porta que se abria para o jardim e saiu para o dia quente e ensolarado. Por um momento foi ofuscado pela intensa luminosidade, e tudo que viu foi um certo número de sombras espalhadas pelo jardim. Depois, quando seus olhos se ajustaram, o choque o fez abrir a boca.

— Oh... Oh!

Os três casais conversavam em voz baixa perto das preciosas roseiras, mas se calaram ao ouvir a exclamação perplexa.

Addy estava ali com seu marido Adam, Beatrice ao lado de seu dedicado Gabriel, e, é claro, Victoria e Claredon também integravam o grupo.

As três mulheres caminharam em sua direção sorrindo. Emocionado, Humbly estudava aquelas três criaturas que havia aprendido a amar como filhas. Addy e seu espírito irrepreensível, Beatrice com sua inteligência quieta, e Victoria com sua beleza gloriosa. Todas muito diferentes, mas muito semelhantes na bondade de seus corações e na generosidade de suas naturezas.

— Sr. Humbly — Addy cumprimentou-o com tom doce.

— Addy, o que está acontecendo aqui? — ele perguntou surpreso.

— Queríamos lhe dar as boas-vindas ao novo lar.

— E agradecer por tudo que fez por nós — Beatrice acrescentou.

— Mas... — Constrangido com a situação inesperada, ele se deu conta de que corava como um menino. — Não precisavam vir até aqui só para visitar-me.

Addy riu.

— Teríamos viajado até as colônias, se fosse necessário. Além do mais, queríamos conhecer seu encantador chalé.

Pela primeira vez em sessenta anos de vida, Humbly não tinha palavras para expressar-se. Saber que essas três mulheres haviam percorrido tão longa distância só para vê-lo fazia seu coração se encher de alegria.

— Oh, bem, não há muito o que ver — disse.

— Quanta modéstia! Sua nova casa é tão confortável e acolhedora quanto disse que era.

Humbly olhou para a terceira integrante do grupo, a única que ainda não se havia manifestado.

— Victoria, minha querida. Como tem passado?

— Muito bem — ela respondeu com um sorriso radiante.

— Francamente, não deviam ter se dado ao trabalho de vir até aqui.

— Não foi trabalho algum, Sr. Humbly. Queríamos estar aqui em sua companhia.

— Acha que pode nos levar para conhecer sua nova casa? — perguntou Beatrice.

— Certamente, embora não haja muito que ver.

Addy sorriu misteriosa.

— Oh, pode ficar surpreso, senhor.

Sem saber ao certo o que ela queria dizer com essas palavras, Humbly as convidou a entrar, surpreso ao constatar que as três seguiam sem seus maridos. Intrigado, ele olhou para os cavalheiros que permaneciam no jardim e ergueu as sobrancelhas.

— Não vão convidar seus maridos, senhoras?

— Oh, eles podem ficar e continuar conversando — garantiu Beatrice.

Victoria riu.

— Sim, eles parecem estar apreciando a companhia um do outro.

— Devem estar muito ocupados discutindo as inúmeras qualidades das mulheres com quem se casaram — Addy acrescentou sorridente.

— Talvez estejam debatendo qual de nós é a mais teimosa — sugeriu Beatrice.

— É possível — Addy concordou. — Vamos deixá-los à vontade, Sr. Humbly. Venha conosco.

Com determinação surpreendente, Abby entrou no chalé e conduziu o antigo vigário à biblioteca instalada em um aposento ao lado da sala de estar. Ela abriu a porta e se afastou para deixá-lo entrar primeiro.

Sentindo que as três jovens tramavam alguma coisa, Humbly entrou cauteloso na sala e parou espantado.

As prateleiras estavam repletas de livros. Poucas horas antes, ainda naquela manhã, haviam estado vazias abrigando apenas os poucos livros que trouxera do vicariato. Era como um milagre.

— Oh, céus...

Victoria riu e parou ao lado dele.

— Cada uma de nós escolheu seus favoritos para comprar. Eu escolhi alguns clássicos e filósofos, Beatrice optou por diários de viagem, e Addy adquiriu todas as novelas góticas e livros de poesia que conseguiu encontrar.

— Minhas queridas. — Era difícil conter as lágrimas de alegria. — Isso tudo é demais para mim.

— É apenas uma maneira singela de expressar nossa gratidão por tudo que fez, não só por nós, mas por toda a vizinhança — Addy explicou.

— E também é um meio de assegurarmos que nunca estará entediado em sua nova vida — acrescentou Beatrice.

O fato de elas terem se empenhado tanto para agradá-lo fazia com que ele se sentisse o mais afortunado cavalheiro de toda Inglaterra.

— Não sei o que dizer...

— Não precisa dizer nada — Beatrice informou com um sorriso terno. — Apenas seja feliz.

— Nada poderia ser mais feliz do que ter vocês três aqui. Addy riu.

— Bem, espero que essa seja uma declaração sincera, por que pretendemos visitá-lo com certa regularidade.

— Sim, realmente — confirmou Beatrice. — Não temos a menor intenção de abandonar nosso Cupido particular.

Humbly sorriu satisfeito, sentindo-se subitamente mais feliz com seu pequeno chalé e sua nova vida.

— Vocês serão sempre bem-vindas em minha casa.

— Sim, mas para termos certeza disso, providenciamos uma pequenina surpresa — Victoria contou, atravessando todo o aposento para ir pegar um cesto de vime atrás da escrivaninha. — Encontramos o caminho para o seu coração.

Aplaudindo, Humbly encheu os pulmões com o aroma delicioso que brotava de dentro do cesto, fechando os olhos para melhor apreciá-lo.

— Ah, tortas de limão...

Fim